

WLADIMIR OLIVIER

PEQUENA VIAGEM
AO MUNDO DOS
CRIMINOSOS

EQUIPE DA VIDA

ÍNDICE

Nota explicativa	
1. O cartório infeliz	
2. A carta	
3. De volta à capital	
4. Facécia levada a sério	
5. O encontro, finalmente	
6. Josineida	
7. Papel de amigo	
8. Página de amor	
9. Congratamento, afinal	
10. Carlos em campo	
11. O drama de Marcos	
12. O trespasse de Marcos	
13. A pequena Ângela	
14. Entreato	
15. O mundo de Alfredo	
16. Separação	
17. Em terras paraguaias	
18. A assistência a Marcos	
19. A tarefa de Josineida	
20. Ângela e Criseide	
21. Atropelo no etéreo	
22. Repercussões do desastre entre os encarnados	
23. A organização criminosa	
24. A família reunida	
25. Os filhos de Carlos	
26. Pesquisas	
27. Alfredo	
28. Aproximação, finalmente	
29. O primeiro diálogo entre Carlos e Alfredo	
30. As primeiras dores	
31. Virgílio em campo	
32. Uma noite bem dormida	
33. Virgílio é chamado	
34. O segundo encontro entre Carlos e Alfredo	
35. Revelações	
36. Desgraças	
37. Preocupações íntimas	
38. Jesualdo	
39. Nas horas de sono	
40. Diálogo impossível	
41. Progressos	

42. Carreira tardia
43. Redenção
 Epílogo

NOTA EXPLICATIVA

Coube-nos, por honra dos mentores da *Escolinha de Evangelização*, elaborar sua primeira mensagem em forma de romance. Não quisemos, no entanto, preocupar-nos demasiado com a verossimilhança dos sucessos no âmbito terrestre, uma vez que nos empenhamos, sobremodo, em transmitir os eventos de caráter espiritual, relativos a cada atitude ou atividade dos encarnados. Para a ficção pura e simples, podem os amigos recorrer a inúmeras obras realizadas pelos irmãos escritores, com muito maior brilho e acuidade literária.

Por outro lado, também não podemos aproximar-nos demasiado da realidade factual, porque não estamos investidos do poder de revelar a verdadeira história dos facínoras, para não envolver as pessoas responsáveis pela editoração, principalmente o médium, em problemas subjetivos dos criminosos, que poderiam ficar temerosos de estarem sendo espionados e delatados por quem deveria, como se lerá no entrecho, atendê-los e salvá-los para Jesus.

Esperando ter complementado o trabalho com precisas informações a respeito do que o plano espiritual superior está sugerindo, para recuperação dos que se espojam no lodaçal dos vícios e dos crimes, bem como sobre quais as tarefas mais urgentes das equipes socorristas nos dois planos da realidade, auguramos aos amigos feliz leitura e proveitosas reflexões. Que esta pequena incursão nos meandros psicológicos e espirituais dos criminosos possa servir-lhes de estímulo para encaminharem seus objetivos de vida para o amor de Deus.

Que o Pai se apiade de todos nós e nos envolva com seu manto de bênçãos!

Equipe da Vida.

Estendeu-se o período de psicografia de 19.7 a 13.9.91, tendo a transcrição das mensagens respeitado integralmente a ordem cronológica, o que significa dizer que a estrutura da obra se manteve intacta.

Em mensagem pessoal ao escrevente, o grupo definiu algumas diretrizes do trabalho que julgamos úteis transcrever, à vista de possíveis perquirições de caráter metodológico. Ei-las:

Quanto à definição dos termos, hemos por bem não imprimir à escritura teor exageradamente literário, obra de divulgação espírita que pretendemos junto às pessoas

que se veem tomadas pelas ânsias da dominação a quem se costuma chamar de criminosos.

Não sabemos qual poderá vir a ser a reação dos encarcerados nas malhas da malignidade, diante da tentativa de preveni-los de suas próprias ações, mas, certamente, não aceitariam texto que não fossem capazes de compreender. Por isso é que o vocabulário se apresenta bem possível de intelecção. Por outro lado, não incentivamos demasiado o uso da terminologia própria da marginalidade, porque extremamente volúvel, sendo que a intenção é a de que a história de Alfredo sirva, durante algum tempo, de paradigma para a humanidade em débito com a divina justiça.

Queira Deus que este esforço do plano espiritual venha a repercutir de modo saudável no ânimo dos amigos leitores. Oremos para que assim aconteça.

1

O CARTORÁRIO INFELIZ

Conhecedor profundo da alma humana, Nepomuceno vivia desgostoso por ver que as pessoas que compareciam à sua presença para registro dos negócios demonstravam iniludível desejo de sobrepor-se ao semelhante, quer na venda escorchante das propriedades, quer no intuito de divisar lucros futuros com pequenas aplicações complementares de capital, para produzir, pelo menos, o dobro do que se conseguisse pagar. Era, pelo seu modo de ver, vergonhosa a atitude mais corriqueira de todos. Ele mesmo, homem rico mercê do muito que subtraía dos negócios amparados pela lei, tivera outrora momentos de ganância, quando efetuara os primeiros negócios da vida. Agora estava alquebrado física e moralmente.

Educou os filhos nesse ambiente de perversidades morais, tendo estes aprendido bem as lições. Diante da dor da perda da mãe, por exemplo, não tiveram outra atitude senão propiciar ao velho encontros clandestinos e outros tantos oficiais, para alívio da tensão psicológica e para ver se lhe davam companhia que os livrasse do transtorno de carregarem o viúvo às costas. Esse pensamento relutava em formular, pois não queria errar na conceituação dos entes mais chegados e queridos. Mas não havia como enganar-se: as provas sobejavam e as atitudes se repetiam.

Nesse meio tempo, viu a necessidade de afastar-se do cartório que administrava para não transferir ao ambiente a sua segura e hipocondria. Achava natural que os empregados vissem nas atividades meios de progredir e até lhes aplaudia os sucessos, quando percebia que, mais do que meros serventuários da instituição, buscavam tornar-se verdadeiros patrocinadores das compras e vendas dos negócios indecisos. Sabia que as propinas corriam soltas por baixo do pano, mas não considerava isso abuso do poder burocrático. Era natural que procurassem aproximar as pessoas em torno de seus interesses. A estes é que interpunha a feroz argumentação íntima de desgosto.

Mas Nepomuceno foi em busca do sonhado aproveitamento da vida. Inicialmente, considerou ótimo veranejar em pequena cidade praieira, para desfrutar de alguns meses de sossego absoluto. Aboletou-se no carro, encheu-o de livros e partiu para as sonhadas férias de sua vida. Corria-lhe quente o sangue nas veias, de modo que curtia a ideia de poder retemperar as forças através de alguns contactos sentimentais fugidios. Por antigo vezo, floreira a imagem, mas o que desejava mesmo era poder ter momentos íntimos com algumas banhistas de ideias mais modernas. Para isso, retirou boa quantia do banco, para

fazer frente às despesas com hotéis e restaurantes, afora possíveis pequenos mimos para dar aspectos românticos às aventuras sexuais. Esquecia-se, assim, facilmente, da avidez humana que vira desfilar diariamente à sua frente.

Nepomuceno instalou-se confortavelmente em rica vivenda, completamente mobiliada e com diversos empregados. Distribuiu as obras pelo compartimento e deixou ao lado da cabeceira certo volume de preces espíritas que a esposa lhe recomendara muito durante toda a vida, mas que não se atrevera sequer a abrir. Imaginou a possibilidade da leitura antes de pegar no sono, talvez porque sentisse alguma saudade da companheira de vinte e tantos anos de luta, talvez para rogar-lhe perdão pelo intuito que se lhe infiltrara na mente.

O primeiro dia deixou escorrer na contemplação da paisagem e na tomada de ares providenciais para refazimento das energias desgastadas pela viagem. À noite, cheirou as cobertas que recendiam a perfume novo de sol quente e adormeceu logo, sem ter aberto o livrinho sagrado. Respeitava-o como a missal que religioso abre e lê por obrigação eclesial. Sabia que estaria ali a salvação da alma. Por que hesitava, então? Jogou as cobertas de lado e levantou-se para receber da manhã o primeiro halo de luz. Foi à janela, abriu-a, sorveu o ar em grandes haustos e voltou-se para o criado-mudo, sobre o qual estava o opúsculo, mal divisando-o pela ofuscação causada pela luminosidade que enfrentara há pouco.

Desceu para o primeiro pavimento e solicitou o serviço da manhã. Na casa havia outros hóspedes, de sorte que o contacto rápido da noite poderia agora estabelecer vínculos mais duradouros. Primeiro à mesa, foi fartamente servido, enquanto as pessoas desciam sorridentes pela perspectiva do dia promissor. A temperatura, o ambiente, a calmaria do oceano, tudo se configurava de molde a propiciar aos banhistas a alegria de estadia proveitosa.

Nepomuceno reparou em duas moçoilas que estavam sós. Perguntou-se o que as levaria a hospedarem-se longe das famílias e não obteve resposta que não lhe repugnasse a sensibilidade. Perguntaria depois, em particular, ao garçom, para saber quem eram e o que faziam. Deu uma volta inteira pelo ambiente, mas os velhos senhores acompanhados das respectivas esposas não lhe chamaram a atenção. Voltou a olhar para as mocinhas e constatou que sua vista estava deveras afetada pelas longas e cansativas leituras dos textos administrativos. As jovenzinhas não eram tão novas assim. A mais velha aparentava até idade para ser mãe da outra. Internamente, envergonhou-se da má suposição anterior e pediu íntimas desculpas às duas. Aguardava que chegasse algum grave senhor, para completar o trio, mas desiludiu-se da espera, quando ambas se levantaram e desapareceram no florido parque que se divisava lateralmente ao prédio. Absorto na contemplação da jovialidade de ambas, não reparou que todo o seu interesse fora devidamente catalogado pelos argutos olhos do gerente da casa.

Foi assim que Nepomuceno teve o primeiro estremeamento diante de si mesmo. Tão raposa para avaliar a esperteza e más intenções dos outros, via-se aplicando os mesmos golpes, de forma particular e sutil. Transferira a maldade que via nos outros para si mesmo. Transferisse também o poder de observação e censura. Passou o restante do dia levando a sério a ponderação da manhã. Não pôs o calção do banho de mar, não acedeu ao convite de gentil casal para ocupar lugar disponível para excursão a ponto de atração turística, deixando-se estar por ali mesmo, deitado na rede do alpendre, sentado no banco

de pedra do jardim, percorrendo a areia grossa da praia, olhando o verde profundo a encontrar-se com o azul do céu no longínquo horizonte. Procurava na paisagem natural esquecer os embates da luta entre os homens.

Recolheu-se cedo, decidido a dedicar alguns minutos à leitura da pequena obra. Abriu o livro e, surpresa das surpresas, caiu ao solo pequeno papel de carta dobrado em quatro. Na parte externa, leu:

Ao amigo e fiel esposo, Nepomuceno.

Que conteria aquela carta póstuma, surpreendentemente despercebida durante mais de dez anos de viuvez?

Ávido por notícias, abriu o papel...

A CARTA

Josineida conhecia o marido e sabia de sua fogueira. Empenhara-se a fundo para ser mulher fiel e cumpridora dos compromissos, mas não conseguira de vez convertê-lo ao Espiritismo. À beira do desenlace, viu a necessidade de deixar-lhe notícia póstuma que completasse o trabalho que iniciara. Imaginou o que dizer e onde guardar a carta para o momento oportuno da leitura. Sua orientação espiritual lhe proporcionava diretriz evangélica de extraordinário poder de conhecimento dos mecanismos do etéreo, de molde que lhe não foi difícil solucionar todos os problemas. Eis os dizeres em que vazou a curta missiva:

Caro Amigo e Companheiro:

Neste dia de extrema felicidade em que lhe escrevo, diviso a hora em que você apanhará este bilhete caído no tapete do hotel à beira-mar em que irá hospedar-se. Não se espante que não estou fazendo qualquer previsão de fatos futuros; é que bem conheço a sua maneira de ser e vou, do etéreo, procurar induzi-lo a colocar-se nessa situação. Se, por qualquer razão, as minhas palavras não se realizarem, saiba que me entristecerei deveras pelas poucas luzes de que estarei dotada e pela pequena assistência conseguida dos irmãos maiores. Se, entretanto, tudo ocorrer conforme estou a conjecturar, você poderá ter a certeza de que estarei a seu lado para auxiliá-lo na caminhada que estou propondo-lhe seguir, qual seja, a de regressar de imediato para a capital e ali estabelecer contacto com o Senhor Virgílio do Carmo Tavares, do Centro Espírita do Amor Divino, na Lapa, cujo endereço transcrevo abaixo, e com quem você firmará os primeiros compromissos, para prosseguir na vida sob a luz do Espiritismo. Fique com Deus, bom amigo, e se esqueça da mãe e da filha por quem você vem interessando-se!

Assinava a carta com letra firme de quem se sabia cônica do que estava dizendo.

O nosso notário extasiou-se com o teor sob que se vazava a carta, mas desconfiou de alguma treta do gerente ou do administrador da casa, com quem iria tomar satisfações, tão logo lograsse persuadir-se de que não fora escrita pela esposa. Pelo sim, pelo não,

resolveu resguardar-se e, antes de iniciar o ajuste de contas, delineou plano para surpreender o arguto senhor em suas elucubrações. Suspeitou desde logo que o móvel de semelhante ardil bem poderia ser a aplicação de sutil golpe contra a sua fortuna. Quem sabe mancomunados estivessem os três vigaristas para o efeito...

Na manhã seguinte, Nepomuceno desceu cedo e foi postar-se no fundo do refeitório, para ver se surpreendia o momento do encontro e para observar a troca dos olhares denunciadores do conluio. Seu primeiro espanto foi verificar que as jovens desciam acompanhadas de sisudo senhor, que cingia a ambas pela cintura. Temeu que mais alguém pudesse estar fazendo parte da quadrilha e pôs-se de sobreaviso, até para o caso de intentarem sequestrá-lo para resgate proveitoso.

Ao final do dia, a medo, consultou o garçom a respeito das senhoras e obteve a informação de que já haviam regressado para casa. Quem eram?! Pois não reconhecera famosa cantora lírica, acompanhada do marido, maestro de nomeada, e da filha, dançarina da *troupe* do Municipal, com contrato de grande dama?!

A resposta calou fundo na consciência do nosso herói. Viu-se na contingência de pedir desculpas ao gerente da casa e a sorte propiciou-lhe excelente ocasião, à hora da ceia, pois foi homenageado pelo dono da hospedaria com a sua presença à mesa das refeições. O circunspecto senhor se fazia acompanhar do *maître* e, qual comandante de navio, como se declararia durante a conversação, honrava as pessoas que se hospedavam sem acompanhante, pelo menos uma vez durante as estadias. Toda a refeição corria por conta da casa e os pratos eram os mais apreciados pela freguesia. Era homenagem das mais gratas e oportunas.

De repente, viu-se o rico notário diante da excentricidade do anfitrião mais esquisito. Não só a polidez do trato mas a distinção do caráter indicavam estar diante de pessoa civilizadíssima, culta e inteligente.

Instado para falar a respeito de suas preocupações de homem só naquela circunstância, Nepomuceno, sem saber direito o que dizer, mencionou que iria iniciar estudos espirituais, conforme recomendação da falecida.

Foi só abrir a boca e o capitão desfilou, elegantemente, precisas considerações a respeito de Kardec e de suas obras, confirmando que necessitava iniciar o aprendizado na intimidade de centro espírita de respeito, para poder, desde logo, enfronhar-se nos aspectos filosóficos, doutrinários e morais do movimento, que se espraiava pelo Brasil e ameaçava inundar o resto do mundo. E foi por aí afora, esquecido de que falava a alguém leigo na matéria.

Ao final da refeição, pouco antes da sobremesa, quando bebericavam capitoso vinho tinto, que acompanhara certo prato de lagostas e que fora servido após o competente vinho verde português, adstringente e seco, o notável cavalheiro perguntou ao hóspede de que ramo de negócios cuidara na vida. Ao saber que era cartorário, tabelião, notário, proprietário de firma para registros de imóveis, incomodou-se sobremodo, temendo estar diante de algum espertalhão. Desfiou quanto conhecimento possuía a respeito de certas traquinagens e estrepolias da gente do setor, sem levantar suspeitas a respeito das atividades do amigo, mas também demonstrando que entendia do riscado e que via com maus olhos atividades que poderiam ensejar inúmeras oportunidades de malversações morais. Nas entrelinhas das apreciações, entre um gole e outro, deixava

alguns instantes para a manifestação de nosso herói, de sorte que foi com muito desafogo que pôde perceber que estava diante de homem de bem.

A conversa reacendeu os ânimos do hospedeiro e do hóspede, talvez por influência dos eflúvios etílicos dos bons vinhos e do suave perfume da fumaça de seu cachimbo, fornido com pétalas de rosas, ao invés do grosseiro fumo de rolo. O homem era fino e Nepomuceno foi navegando, quanto lhe era possível, nos mesmos mares.

À noite, na cama, surpreendeu-se relendo a carta e buscando prece que pudesse aliviá-lo da tensão do dia. Esquecido dos rabos de saia e preocupado em figurar indelevelmente na imaginação o retrato esmaecido da cara consorte, dormiu serenamente, sob o embalo da ideia de que a viagem de recreio tivera duração muito breve e que o regresso se daria no dia seguinte. Telefonara para o Rio e avisara os filhos do breve retorno, tendo alertado a portaria para deixar a conta pronta e o carro abastecido, para seguir viagem logo de manhãzinha. Sonharia com a esposa, mas foi sonho atribulado, misturado com queixumes e dissabores. Acordaria, contudo, descansado e pronto para a viagem.

3

DE VOLTA À CAPITAL

Nepomuceno adentrou o velho lar como se viesse revigorado de longas férias e, no entanto, poucos dias fazia que partira. Não cumprira os tópicos do recreio preconizado, mas o ânimo vinha sadio e as forças retemperadas. Parecia ter rejuvenescido trinta anos.

Buscou entrar em contacto telefônico com o centro espírita, mas não encontrou número algum relativo à casa de assistência. Pretendeu ligar para o Sr. Virgílio, localizou-lhe o número, mas as várias chamadas frustraram-se.

De posse do endereço, naquela noite mesmo, despachou-se para o primeiro e harmonioso envolvimento com o pessoal que tão bem lhe conhecia a finada esposa. O Sr. Virgílio não estaria lá naquela noite, mas Nepomuceno poderia ficar para ouvir as curtas exposições doutrinárias e receber passes de magnetização fluídica.

Era o primeiro dia, por isso, tudo lhe parecia absoluta novidade. Estranhava que a esposa frequentara aquele ambiente durante toda a vida e não conseguira transmitir-lhe a paz, a verdadeira serenidade sem estremecimentos que se vivia naquela acolhedora comunidade. Sentiu certa vibração íntima no momento de receber a concentração fluídica pelas mãos de velho senhor, tendo sido esse o único momento de enlevo e de transporte emocional, como se fosse arrebatado para além da densidade corpórea. Mas a sensação agradável durou poucos segundos e, em seguida, recuperou o costumeiro domínio intelectual sobre a personalidade.

Nepomuceno inteirou-se do dia em que poderia encontrar-se com o Sr. Virgílio, mas, como se tratasse de sessão de desobsessão, os diretores do centro temeram que a vinda pudesse ser infrutífera, de modo que precisou deixar o número telefônico, para que lhe ligasse a pessoa indicada pela esposa. Fazia-o por precaução, uma vez que não lograra êxito em suas tentativas.

Os dias, entretanto, foram passando, sem que seu telefone recebesse a esperada chamada. O dia apazado para a ida ao centro da misteriosa personagem chegou e passou, sem novidades. Nepomuceno começou a se impacientar, pois parecia-lhe lógico que, ao receber o número do telefone, no mesmo dia ou no seguinte, recebesse a já ansiada ligação. No entanto, mais quatro dias se passaram na expectativa, até que, finalmente, o procuraram em nome do Centro Espírita do Amor Divino.

Antes de relatar o resultado da conversação, devemos referir-nos ao fato de que o nosso amigo não passou os dias na ociosidade. Ao contrário, tendo buscado os pertences

da esposa encaixotados, descobriu verdadeira biblioteca espírita de mais de duzentos exemplares. Além das obras básicas de Kardec, liam-se títulos os mais extravagantes e exóticos a respeito do ser, do inconsciente, da vida pós-túmulo, da mediunidade, da transcendência, do magnetismo etc.

Nepomuceno, com seu espírito de organização, deu um trato nas obras, catalogou-as por assuntos, por autores e por ordem de publicação. Pôs tudo devidamente perfilado na prateleira da biblioteca. Afastou alguns livros contábeis, que guardava por puro saudosismo, e deixou a estante em ordem para facilitar as leituras e a compulsão que julgara teria necessidade de fazer. Imaginou que necessitaria de dicionário especializado, o que não encontrou entre os pertences da esposa, e decidiu-se pela aquisição de algumas obras citadas nos primeiros livros abertos para leitura dos principais temas.

Tendo estabelecido que a obra inicial deveria ser o opúsculo ***O que é o Espiritismo?***, leu-o de assentada e passou às demais obras de Kardec. Ao receber o telefonema, ia em meio a leitura de ***O Livro dos Médiuns***.

Surpreendeu-se com a voz feminina do outro lado da linha. A pessoa desculpava-se por não ter sido o próprio Sr. Virgílio a atendê-lo, mas ficava estabelecido, se lhe fosse possível, que naquela noite se encontrariam no ambiente sagrado do centro. Tudo combinado, Nepomuceno desligou e principiou a conjecturar possíveis razões para não ter sido atendido pela própria pessoa indicada pela esposa. A primeira ideia que lhe veio foi que o sujeito em questão talvez fosse surdo e, portanto, impossibilitado de atender ao telefone. Imaginou que fora por timidez ou por algum peso na consciência... Espantou a má influência e disse de si para consigo que, em matéria de erros de interpretação da realidade, bastavam os que cometera na praia. Deixaria o coração bater suavemente ao embalo das leituras atuais, até o momento do encontro.

À noite, ao se aproximar da porta do centro, notou grave perturbação entre as pessoas que ali estavam. Reconheceu os diretores que o receberam da outra vez e foi informado de que o Sr. Virgílio acabara de sofrer sério colapso coronário, tendo, naquele momento, sido retirado por ambulância para o hospital. O pessoal estava aflito, pois o abalo cardíaco parecia ter sido dos mais perigosos, tendo o médico declarado que suspeitava de ter havido sucessivas paradas no batimento do coração.

Nepomuceno se acabrunhou com a notícia. Inquiriu a respeito do retrospecto da saúde do amigo e obteve a informação de que o paciente sofrera diversos outros ataques, tendo, inclusive, implantadas duas pontes de safena. Parece que a notícia da vinda do esposo de D. Josineida o abalara muito na outra noite, tanto que precisara voltar correndo para casa, sem ter participado dos trabalhos.

De qualquer modo, sobre a mesa do gabinete da diretoria, foi encontrado envelope fechado, endereçado ao notário, aos cuidados do Sr. Virgílio do Carmo Tavares. Além desse documento lacrado, havia outra carta aberta, cuja assinatura Nepomuceno reconheceu como sendo da esposa. Alertados para o fato, os diretores da casa, muito abalados com o sucedido, permitiram ao marido apossar-se da correspondência. Na busca dos pertences do amigo, para que se guardassem junto aos objetos de caráter particular, foram encontrados mais três envelopes fechados endereçados ao notário, mas sem conterem notícia dos remetentes. Foi-lhe permitido apropriar-se de tudo.

Não estava Nepomuceno menos espantado que o pessoal do centro. Colocou todos os documentos na pasta, mas resolveu quedar por ali, para confortar os amigos transtornados por ocorrência tão desagradável. Entretanto, a azáfama se apaziguou com o desenrolar da sessão de estudos e pôde avaliar quão querido era de todos o diretor ausente. Vários oradores subiram à tribuna para pedir preces pelo restabelecimento do amigo. Na hora do passe, Nepomuceno voltou a sentir a doce harmonização interior, através de suave vibração intelecto-afetiva. Entrara no gabinete com certo tremor pelos eventos do dia; saía com o coração tranquilo e a mente serenada.

Ao se despedir do grupo, notou que o ar de preocupação havia cedido para atitude de integral confiança em que o destino do amigo, qualquer fosse, estava nas mãos de Deus. Sentiu segurança na postura moral das criaturas com quem começava a se afeiçoar e prometeu aos que iam tornando-se mais íntimos que lhes informaria o resultado das leituras. No fundo do coração, tinha medo de que as pessoas pudessem suspeitar que a origem do recrudescimento do mal do amigo pudesse envolvê-lo de alguma forma.

Aquela noite marcaria a mais estupenda modificação de sua vida.

FACÉCIA LEVADA A SÉRIO

Nepomuceno, que morava só em luxuoso apartamento no centro da cidade, tinha amplos recursos para suprir-se de tudo que a civilização mais moderna pudesse oferecer-lhe. Por isso, montara escritório com diversas aparelhagens reprodutoras de textos, que utilizara durante toda a vida. Diante dos diversos envelopes da correspondência e do papel usado pela esposa, na famosa carta da praia, pôde perceber que o material empregado era aquele mesmo que guardava, ainda sem ânimo para devolver ao cartório. Adquirira a certeza através da marca de água nítida, quando colocada a folha contra a luz do lustre.

Hesitava, portanto, em abrir as missivas, até mesmo aquela cujo endereçamento se dera ao Sr. Virgílio. Levantou-se da confortável poltrona em que se acomodara e ligou para o hospital, para receber novas do estado de saúde do desconhecido companheiro, já que se via trabalhando juntos nas atividades do centro.

Durante a espera de praxe, pensou estar vivendo estranha mistificação do destino. Homem sempre positivo, após a morte da esposa se via constantemente em sobressaltos, parecendo que certos estremecimentos lhe provinham do etéreo, como se fosse tocado por mãos de pura energia, sem forma definida mas com...

la por aí quando recebeu a informação solicitada: o paciente Virgílio Tavares estava fora de perigo, mas as visitas estavam suspensas até segunda ordem. Fizesse a gentileza de ligar no dia seguinte.

Nepomuceno voltou ao cantinho escolhido para acomodar-se durante a leitura e, prenhe de coragem, desdobrou a carta encontrada aberta sobre a mesa do centro e leu:

Prezado Amigo Virgílio:

Ao abrir esta, certamente terá tido notícia de que meu marido irá desejar contactá-lo a respeito dos serviços do centro, pois acredito que a determinação expressa no envelope será perfeitamente cumprida. Sendo assim, e só assim, desejo que você o receba de braços abertos, sem estranhar a narrativa que terá ele ensejo de lhe passar, acompanhada de comprobatória missiva que lhe deixarei, sob condições especiais.

O que peço ao bom amigo é que se esqueça do compromisso para comigo de partir para o etéreo, se tudo desse certo, conforme nosso desentendimento, o que daria ampla razão às minhas assertivas. Caso tenha esquecido, dado o tempo que poderá transcorrer até o momento da abertura desta carta, trata-se da discussão que levamos a efeito, segundo a qual lhe afirmava que era possível forjarem-se acontecimentos na vida das pessoas, desde que o objetivo fosse relevante, enquanto você afirmava que, havendo absoluto livre-arbítrio, ninguém conseguiria imprimir à vida de outrem qualquer rumo, mesmo se sob o amparo das divinas forças dos espíritos de luz. Lembra-se de que lhe disse que seria fulminado no dia em que descobrisse que estava errado e eu, certa, tendo você confirmado que partiria tranquilo, dada a importância desse conhecimento? Sei que você brincava e eu não punha muito tento no que dizia. Pois agora, diante das diversas providências que tomei, temo que você venha a levar a sério a nossa tergiversação e a nossa "praga". Veja que não estou a prognosticar-lhe nada de mau, mas, se algo lhe acontecer, não me perdoarei.

Receba póstumos agradecimentos pelo que puder fazer pelo Nepomuceno e saiba que esta amiga lhe ficará perenemente penhorada.

Que Deus nos abençoe!

Nepomuceno estava petrificado. Que pensar a respeito dos vinte e tantos anos de convivência com a esposa, sem sequer ter percebido que possuía tantos dons de premonição? Surpreendeu-se aplicando o termo recentemente incorporado ao vocabulário e decidiu não esperar mais para ler as demais cartas. Deixou o envelope grande para o fim e decidiu-se pela abertura dos outros três menores. Eram mensagens mediúnicas pessoais, endereçadas a gente desconhecida. Em cada uma delas, o espírito comunicante dava instruções precisas a serem cumpridas no momento mesmo em que se tomasse conhecimento de seu teor. No entanto, não se estipulavam datas nem prazos, de sorte que tudo parecia ser muito aleatório. Imaginou que as pessoas fossem integrantes do centro e que caberia a ele ser o portador das novas. Em curto bilhete, pedia a esposa ao marido que envelopasse de novo as mensagens e que reescrevesse o nome dos destinatários, para não se perderem em conjecturas. Recomendava entrega pessoal e sigilosa.

Teriam esses amigos o coração fraco como o Sr. Virgílio? Estariam preparados para as notícias, através de desavenças de ponto de vista doutrinal? Não entendeu bem o teor de cada texto, pois falavam de modo estranho de atividades junto a instituições que lhe eram desconhecidas. Levantava a ponta do mistério certa expressão que lhe pareceu indicar para resgate de dívidas morais relativas a encarnes progressos. Mas, no geral, o relacionamento entre as pessoas não lhe ficou claro na mente. Talvez o envelope maior contivesse orientações precisas.

Sopesou o volume, leu o seu nome grafado em letras de imprensa, verificou o nome da esposa indicado como remetente, avaliou a expressão "*aos cuidados de*" e percebeu que tudo fora disposto de modo que o material só lhe chegasse ao conhecimento após o contacto com o centro espírita.

Resoluto, abriu o grande envelope e lá encontrou calhamaço de folhas manuscritas e grampeadas, tendo como página de rosto sucinto bilhete:

Querido Amigo e Companheiro:

Agora que você se inteirou da verdade do contacto espiritual e do valor da doutrina espírita para a compreensão da vida e da existência, poderá sentir o quanto temos em comum, desde há tempos imemoriais. Leia as mensagens que psicografei, durante estes últimos tempos em que estou sentindo a vida esvair-se, e que contam a história de nosso amor em vários encarnes. Perdoe-me a forma inusitada de lhe propiciar esta leitura, mas saiba que, pelo meu desejo, neste mesmo momento em que você se põe a ler, estou ao seu lado, para verter-lhe os fluidos mais poderosos, para manter o tônus energético adequado ao recebimento das minhas vibrações de amor. Deus me ampare e o ilumine!

Felicidades, amor meu!

Assinava Rosaura; entre parênteses, Josineida.

As páginas estavam numeradas. Havia vinte e cinco folhas em letra miúda mas legível. Em rápida folheada, percebeu, contudo, que a caligrafia não era sempre a mesma, apresentando-se de modo inteiramente distinto diversas vezes.

Nepomuceno não conseguiu desembaralhar os pensamentos. Queria e não queria avançar na leitura das mensagens. Temia estar penetrando em mundo desconhecido, até mesmo proibido. Tremia de emoção.

Ainda não se habituara à ideia do contacto com as entidades do etéreo. Depositou todo o material que trazia ao colo sobre a mesa ao lado e fechou os olhos, procurando recompor-se. Nesse instante, como por encanto, parecia ver a esposa, formosa e fresca, como no dia em que a conhecera, muito jovem, no pomar da casa do avô. Fora amor à primeira vista...

De madrugada, depositou os papéis no cofre. Deu uma volta pelo jardim e resolveu sair a passeio a pé pela cidade. Precisava espairecer.

O ENCONTRO, FINALMENTE

Todo dia, Nepomuceno ligava ao hospital para receber novas sobre o estado de saúde de Virgílio. Tratava-o já com certa intimidade, tendo em vista os conhecimentos subjetivos de sua personalidade que inferiu das cartas legadas pela esposa.

Não querendo apressar o ingresso no seio do corpo dos trabalhadores do centro, aguardava o restabelecimento do amigo, para por ele ser introduzido, segundo orientação precisa da esposa. Enquanto isso, ia dilatando o cabedal de conhecimentos espirituais, através das amplas leituras que ia realizando. Não se conteve em investigar a origem e a história do espiritismo. Enfronhou-se na teoria e na moralidade e, a pretexto de aperfeiçoamento, dirigiu-se à sede da organização central do movimento e retirou de lá cópias dos documentos necessários para a instalação física da entidade. Conhecia bem o roteiro dos contratos, de modo que lhe foi café pequeno inteirar-se dos procedimentos no setor. Ficou, assim, sabendo que qualquer cidadão poderia requerer registro de funcionamento, bastando declarar nomes e endereços dos diretores e a finalidade da instituição. O mais caminharia em função das diretrizes eventualmente propostas pela diretoria e segundo o nível de aspiração dos componentes. Imaginou logo a preponderância dos que se dispunham a trabalhar com o plano espiritual, mas não deixou de observar que a parte relativa à benemerência material era bastante significativa.

Com todos esses conhecimentos técnicos da organização, pensou que, de início, iria ter de se relacionar com os setores de assistência social, para o que dedicou especial atenção às leituras de cunho prático. Destinou verba para o auxílio financeiro, mas não se precipitou a entregar logo; antes queria sentir até que ponto os melindres poderiam ser afetados com a ostentação de seu gesto.

A par desses aspectos materiais, ia desenvolvendo as leituras também no sentido de conhecer os tipos possíveis de contato com o plano da espiritualidade. Ao conhecer as obras de André Luís, ficou empolgado com a maravilhosa organização da colônia de agasalho dos enfermos da alma, bem como se deslumbrou com a possibilidade de tudo, no etéreo mais próximo da crosta, apresentar complexidade muito maior relativamente às leis que regem a natureza física. Atrapalhou-se muito com os arrevesados conceitos de *No Mundo Maior*, embaralhou-se com os de *Mecanismos da Mediunidade*, julgou *Ação e Reação* extraordinariamente difícil e não conseguiu terminar a leitura de *Evolução em Dois*

Mundos. Mas **Desobsessão** deu-lhe integral noção dos deveres de simples trabalhador braçal do mediunismo, etapa primeira de crescimento na doutrina.

O nosso amigo lia rápido, pois não tinha outra preocupação, além de receber os dividendos das ações. Até a administração dos bens estava entregue a idônea firma pertencente ao filho do meio, de sorte que essa fase da vida prometia sossego para todos.

Mas a recuperação de Virgílio era lenta. O socorro do outro dia salvara-lhe a vida, dada a presteza do atendimento. Do ponto de vista espiritual, verdadeiramente, poder-se-ia dizer que a vida lhe estivera por um fio, tênue ligação mantida a custo por hábil equipe socorrista, sob sustentação energética de grupo especializado comandado pela figura de Rosaura (Josineida), como fez questão de registrar na famosa carta-testamento.

Trouxemos, de propósito, o caro leitor à presença desta enigmática personagem, para não mais lhe prolongar a expectativa a respeito da leitura efetuada pelo marido das narrativas contidas nas páginas manuscritas e que representavam, na verdade, comunicações do etéreo reveladoras de vidas pregressas, envolvendo dois seres na voragem dos sonhos e quimeras de amor universal. Mas as fantasias cediam à realidade e, a cada novo contacto no plano da carne, novas desilusões e desesperos. As informações do íntimo relacionamento, terno e sadio, remetiam tão só à espiritualidade quando o casal combinava reencontros proveitosos, no intento do progresso conjunto e para agasalho de enorme fileira de espíritos endividados, prontos a se reabastecerem de amor no *conjugo vobis* do casal. Mas os dramas na Terra se sucediam e, quase sempre, por incompreensões mútuas, a união não se concretizava de modo absoluto, no sentido de cumprir-se a programação estabelecida.

Todas as comunicações eram assinadas pelo mesmo espírito protetor, mas havia enorme dificuldade de se reconhecer como sendo sempre o mesmo o espírito comunicante, dadas as variações de estilo e caligrafia. Dir-se-ia que eram várias pessoas escrevendo ou, se se preferir estimar o fenômeno espiritual, vários escreventes para diferentes entidades. Mas havia harmonia na citação dos nomes e coerência na apreciação dos eventos, de modo que Nepomuceno não pôde configurar com a necessária precisão a natureza das mensagens. Imaginou que pudessem ser a expressão da verdade, principalmente pela fé depositada nelas pela esposa, muito experiente no trato com os espíritos, contudo, por prevenção adquirida pelas leituras que desenvolvia, não se considerava hábil no conceituar desse tipo de argumentação. Deixaria para ouvir a voz experiente do amigo em restabelecimento.

la por aí a vida de nosso amigo, quando recebeu telefonema do próprio Virgílio, que o convocava a ir visitá-lo no hospital. Estava para receber alta médica, mas necessitava matar a curiosidade a respeito do esposo muito amado da companheira de aventuras espíritas. Trouxesse todo o material que o horário das visitas poderia ser dilatado a seu bel-prazer, tal a liberdade de que privava no antegozo da soltura. Viesse rápido.

Nepomuceno agradou-se da voz grave que lhe chegava aos ouvidos, da espontaneidade da manifestação, da precisão das palavras e da engenhosidade dos pensamentos, de modo que, naquela manhã mesmo, rumou todo apetrechado para o encontro.

Informado do número do quarto, não foi com pequena emoção que subiu as escadas para o segundo andar. Se pelo esforço da locomoção, se pela ânsia do encontro, a

verdade é que, diante do leito do amigo, perdeu o poder da fala. Ali estava respeitoso senhor, de longas madeixas brancas, com idade suficiente para ser seu pai. Esperava alguém vibrante de mocidade, avistava-se com senilidade radiante de frescor.

Recebido com o sorriso mais terno e acolhedor, foi convidado a sentar-se ao lado da cama. Antes de se falarem, ficaram longos dez minutos calados; Nepomuceno para acalmar-se e serenar o coração desarvorado pela novidade; Virgílio em oração, renovando íntimas solicitações para apresentar-se do modo mais correto, para não perder para o espiritismo aquele trabalhador prometido pela amiga.

Foi Virgílio quem abriu a conversação:

— Então, caro amigo, finalmente tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente, pois de fama a cara esposa me deu amplos conhecimentos. Se lhe disser que o esperava com ânsia e temor, acredite. Seja bem-vindo ao *Amor Divino*, pois, pelo que sei, você veio para ficar.

Nepomuceno apreciou sobremodo a recepção. Nada de perguntas indiscretas sobre a correspondência; nada de querer saber a respeito da saúde, através das formalidades sociais de quem não se interessa pelo companheiro. Cartas na mesa, jogo limpo e direto. Virgílio era dos dele.

— Saiba que os meus sentimentos com relação ao senhor não teriam sido melhor descritos. Desde que tomei ciência da vontade de minha esposa, não via o momento deste encontro. Devo dizer que o imaginava mais jovem, talvez com a minha idade (cinquenta e dois), mas a alegria de vê-lo tão bem disposto me conforta e me dá a certeza de que nosso relacionamento se entretecerá por força da vibração de Josineida.

Nepomuceno não era pessoa de muito falar, por isso estranhou que estivesse manifestando-se com tanto vigor e entusiasmo. Percebeu que empregara alguns termos do jargão espiritista e se espantou com a naturalidade pela qual o fizera.

Virgílio quis saber o que achara da turma do centro, dos trabalhos a que assistira e da expectativa de poder integrar a equipe.

O notário respondeu com desenvoltura e confiança e a conversa seguiu até que todo o material legado pela esposa foi passado para a experiente análise do encarcerado da enfermidade. Preso ao leito, teria oportunidade de ler e ponderar a respeito de tudo, especialmente sobre as dúvidas suscitadas pelo neófito da interpretação e exegese dos textos mediúnicos, quanto à possibilidade de mistificação e engodo.

Virgílio reparou nos cuidados do notário e estranhou que tal dúvida não lhe tivesse surgido nunca diante das maravilhosas manifestações espirituais a que dava curso no centro a boa Josineida. Não quis adiantar os elogios nesse setor do relacionamento com a esposa do amigo, mas ficou de sobreaviso para possíveis revelações do plano espiritual.

Já adentrando a noite, combinaram para a semana seguinte novo encontro, para o que deveriam antes entrar em contacto telefônico, pois, possivelmente, iriam ter de se ver na residência do convalescente.

Naquela noite, Nepomuceno dormiu pouco e mal. Sonhou com hospitais, com duendes e com vampiros. Sentiu-se indisposto e levantou-se para passear no escuro, no pequeno jardim do prédio. Era hábito antigo de quem levava os problemas da profissão para casa. Mas era meio seguro de tranquilizar-se.

Pela madrugada, subiu, sentou-se na poltrona preferida, acendeu o abajur direcionado para o livro e começou a leitura de nova obra de André Luís: ***Conduta Espírita***.

6

JOSINEIDA

Josineida, lá do etéreo, buscava comandar as atividades do marido relativas aos compromissos pré-reencarnacionistas para com a vida espiritual.

Tendo chegado cedo ao retiro de amor em que deveria aguardá-lo, temeu pelo desempenho dele na Terra, uma vez que não lhe fora dado o poder de deixá-lo trabalhando em prol dos semelhantes, dentro do lar espírita que frequentara. Bolou, esperta, a maneira de aproximá-lo através das cartas e, reclusa no ambiente que lhe fora destinado pelos socorristas, ansiava pela hora em que deveria fiscalizar pessoalmente as atividades do esposo.

Quando saiu dos aposentos, teve a sensação de que passara ali uma semana, tempo que considerava demasiado longo para a finalidade de sua vida, qual seja, a do encaminhamento do marido. Saiu sem as ânsias com que entrou, mas, mesmo acalmada e serena, sentia forte empuxo para arremeter-se ao trabalho.

Entretanto, destinavam-lhe os instrutores outras tarefas mais imediatas e importantes. Por meio de influência magnética, foi-lhe passada a intuição de que não deveria, de pronto, aproximar-se dos entes deixados na crosta. Foi aí que teve a noção de que o tempo medido pelos ponteiros da Terra não fora tão pouco, mas de cinco longos anos. Acalmada pela severidade da postura dos instrutores, percebeu que algo devia ter ocorrido que não fora bem interpretado, ou da parte dela, ou da dos amigos orientadores.

Dominada por força imponderável, submeteu-se ardente ao estudo dos acontecimentos que lhe desfilavam perante os olhos, em tela de vídeo luminosa e pura. Viu-se a si mesma nos últimos tempos da vida, quando de posse do conhecimento da moléstia que a reconduziria para o etéreo. Notou que o marido ia sendo deixado para trás em sua ânsia de perfeição, sem que por ele tivesse feito qualquer coisa, no âmbito dos conhecimentos espíritos. Descobriu que tivera inúmeras oportunidades para falar-lhe a respeito dos serviços no centro espírita, mas aquele mundo particular parecia-lhe não condizente com a figura astuciosa e meio cínica do companheiro. Mas chegou o dia da revelação de que ela cumprira, em grande parte, a missão de ajuda e acompanhamento de inúmeras pessoas necessitadas de amparo, nos dois planos da realidade. Percebeu o anel das amizades e a pulseira dos atendimentos e sentiu, finalmente, que excluía de sua vida moral a figura do amado esposo. Servira-se dele para tudo que se relacionava com a

materialidade da existência corpórea; deixara-o relegado à densidade grosseira, sem levar-lhe sequer pequena obra de preces. Viu que se enganava, porque o livro ela lhe dera ao ingresso na instituição, o famoso Centro Espírita do Amor Divino, que a empolgou, arrebatando-a espiritualmente da convivência familiar. Criara laços de profunda amizade e parecia-lhe ter formulado outra família, sendo a figura do Sr. Virgílio a presença paterna que lhe faltara desde cedo na vida. Os demais eram irmãos queridos ou filhos idolatrados, a quem orientava no conhecimento da doutrina. À vista da partida, açoitou-se-lhe o ardor e imaginou o meio de deixar plantada a sementinha que faria desenvolver como espírito.

Toda essa intuição se dava à vista dos acontecimentos e de tal modo a absorveu que não percebeu estar o tempo a correr célere para o marido.

Com o conhecimento das providências, no sentido de tomar consciência dos atos que praticara intuitivamente, Josineida surpreendeu-se a elaborar plano demasiado ambicioso, que envolveria contingente imenso de amigos da espiritualidade. Mas houve algo muito mais poderoso a injetar-lhe na mente preocupações bem definidas. Tudo houvera recebido diretamente de seres que se sentiam credores dela e do marido em outros encarnes e até mesmo naquele. Havia até certo espírito vagabundo da erraticidade que, claramente, obsidiava o Sr. Virgílio e que resolveu interferir nas decisões daquela que poderia transtornar cada uma das personagens mais importantes de sua vida. Foi assim que recebera diversas mensagens particulares, que lhe descreviam as vidas pregressas como de dor e sofrimento. As maldosas entidades burlaram a vigilância dos protetores, ao incentivarem a vaidade própria de sua feminilidade, por se sentir intimamente superior aos machos da espécie. Não contavam, evidentemente, com as providências posteriores dos guias, que eram em bem maior número e muito poderosos.

Quando Josineida percebeu que suas atividades tinham tido péssima inspiração, rogou aos superiores que a liberassem para o encontro do marido e para a advertência de que estaria arriscando-se ao engodo da valorização superior da pessoa da esposa e aos consequentes atos de desatino, cujas consequências danosas não poderia ela mesma imaginar, mas que dariam a ele muita dor de cabeça e sofrimento.

Nesse ponto das cogitações, percebeu que completava o décimo aniversário da despedida da carne pelos padrões humanos. Não era, evidentemente, tarda de raciocínio, pois dominava os temas com extrema sagacidade. A compreensão, no entanto, dos desvios de rota, dentro da diretriz traçada para o encarne, era como que a réplica consignada no cumprimento da lei de causa e efeito, era como que a penalidade a ser cumprida pelas falhas cometidas, era como que a punição pelo desleixo. Ainda bem que *pagava* os débitos sob a amorável assistência dos guias...

Ao retornar ao mundo da realidade fluente, chegou confiante em que os maiores tinham tomado todas as providências necessárias para o resguardo dos amigos dos males que suas atitudes inconsequentes poderiam ter-lhes causado. Foi quando recebeu a incumbência de sustentação fluídica, para manutenção em vida densa daquele que sofrera violento abalo com a revelação de que Nepomuceno o tinha ido procurar.

Após a feliz intervenção do grupo que ela buscou entre encarnados e desencarnados que sabia em condições de realização de tarefa magnética de tal amplitude, foi levada à presença do esposo, para compenetrar-se do resultado dos trabalhos realizados, tendo em vista auxiliá-lo a bem rapidamente compreender certos mecanismos

da espiritualidade e certas necessidades cármicas dos mortais. Admirou-se sobretudo da sensação que o marido absorvera do sentido mais puro do espiritismo e da facilidade de assimilação de determinados conceitos absolutamente incompreensíveis para quem jamais se dedicara a qualquer estudo de caráter esotérico. Pela primeira vez, entrou em contacto com ele na noite que antecedia a ida à casa de Virgílio, tendo tido notícia do encontro de ambos no hospital por meio dos superiores.

Estranhou que Nepomuceno demonstrasse ter a ideia de contactos anteriores com ela, mas foi esclarecida de que suas vibrações de amor conseguiram ser filtradas até ele e que, por diversas ocasiões, espíritos amigos se haviam feito passar por sua pessoa, para o efeito da impressão que melhor poder de sugestibilidade tivesse sobre a mente do esposo, no intuito de protegê-lo de falsos conceitos que o levariam a desvarios alucinatórios.

Nada fizera Nepomuceno para merecer tão elevado grau de proteção. Ao contrário, muitos procedimentos de sua vida o comprometiam seriamente diante da possibilidade de evolução rumo ao bem eterno. No entanto, o amor que lhe dedicava a esposa, a correspondência dele em suavidade e a compreensão pela partida dela tão cedo, sem lamentações ou revoltas profundas, mas através de refletida sensação de perda, configurada exteriormente pela profunda tristeza que o deixara incapaz de prosseguir no trabalho com o mesmo empenho e que o tornara pessoa incômoda aos filhos, propiciavam-lhe o amparo da espiritualidade, no sentido de lhe fornecer recursos para o cumprimento, tardio, é verdade, mas efetivo, de alguns tópicos contratuais de seu planejamento de vida.

Josineida agradeceu comovida o labor assistencial dos amigos, o que demonstrava quão grande é a misericórdia de Deus. Era seu primeiro e real estremecimento diante da bondade divina.

PAPEL DE AMIGO

A primeira conversa efetiva a respeito da doutrina espírita que Nepomuceno teve com alguém foi com Virgílio.

Em convalescença, em casa, tinha de ficar afastado de todas as preocupações por três meses, pelo menos. O facultativo era experimentado médium de seu círculo de amizades, de sorte que possível lhe foi expor à minúcia toda a angústia espiritual por estar há tanto tempo longe das atividades. Foi, assim, liberado, com restrições: poderia ir ao centro, mas deveria limitar o campo de atuação à audição de uma ou outra palestra ou ao comparecimento a reuniões de estudo; não poderia participar das mesas de assistência direta a obsessores e obsidiados, nem aproximar-se demais das obras da caridade material. Assistisse às festas, mas se eximisse de cooperar.

Assim, puderam os dois aposentados manter longas conversações sobre os temas mais importantes. A respeito das mensagens captadas pela esposa do notário, Virgílio solicitou e obteve do amigo permissão para referir-se a elas em tese. Analisou o conteúdo doutrinário e viu-o perfeito. Avaliou a possibilidade de conter elementos verdadeiros a respeito de encarnes e reencarnes em núcleos familiares imutáveis e sentiu-as verossímeis. Adentrou nos aspectos sentimentais e morais e não teve obstáculos a opor à clareza das exposições. Quanto à procedência ou aos autores, quis manter silêncio, pois considerava de absoluta necessidade a consulta aos guias e era justamente disso que estava impedido. Poderia recomendar que Nepomuceno procurasse alguém capacitado a lhe dar informes seguros, mas acreditava que, se houvesse paciência da parte de ambos, chegariam a esclarecimentos definitivos. Afinal de contas, concluiu, o fim da vida não lhes estava tão distante que não pudessem derrogar a descoberta das verdades e das intenções para um pouco mais além.

Foi assim que se entenderam sobre ponto que, à primeira vista, poderia parecer crucial. Mas Nepomuceno já se compenetrara da importância do trabalho mediúnico e da assistência aos infelizes, de sorte que transferiu a curiosidade para época em que tudo decorresse segundo princípios consentâneos com as determinações de caráter doutrinal espírita. O que julgava urgente era integrar-se ao corpo de auxiliares dos serviços do Senhor.

Passamos por sobre quinze anos de intensas atividades dos dois amigos junto ao Centro Espírita do Amor Divino. Trabalharam todo esse tempo como se amparados se sentissem pela benfazeja presença da saudosa criatura que tantas alegrias lhes havia proporcionado. De quando em quando, por meio de algum escrito oportuno ou na conclamação oficial do serviço de assistência aos desencarnados, Josineida se manifestava, a estimular o corpo de trabalhadores a reavivar a fé e a dedicar-se ao labor sacrificial com devotado arrojo. Ao amigo e ao esposo, deixava palavras especiais de muito afeto e de muito amor, de modo que a Nepomuceno não mais se caracterizava como necessário conhecer as pregressas atividades das anteriores peregrinações. Fosse o que fosse que tivesse havido, sendo ou não verdadeiras as narrativas, o que lhe parecia o mais importante era realizar o trabalho com o máximo de carinho e dedicação, pois convencera-se de que pelas obras é que seria medido e suas reais atividades só haviam principiado há bem pouco tempo.

Estava feliz realizando com tanto desprendimento as tarefas? Poderíamos dizer que sim, se não fora a sombra da saudade a toldar-lhe as alegrias íntimas.

Quanto aos demais membros da família, aceitavam a figura do avô com muita benevolência, embora o sentissem afastado afetivamente de todos. Cumpria as obrigações em relação aos familiares; não se distribuía em amor. Condicionava cada mínimo gesto em torno de feridas antigas e incompreensíveis. Fazia-o maquinalmente, sem conhecimento íntimo das razões do procedimento. Mas, se se sabia distante, também possuía a certeza de que a atitude não tinha o condão de ferir ninguém, de forma que deixava mais este aspecto para resolver depois. Sabia que poderia vir a ter desagradáveis surpresas, mas via os filhos e netos bem encaminhados na vida, de sorte que procurava, antes, oferecer o apoio mais incondicional aos necessitados que se socorriam do centro. À família, dispunha tão só de sua presença física, nas festas e demais atividades a que era convidado.

Certa feita, tentou fazer pregação ideológica de caráter espiritual, pois via os valores materiais prevalecerem, mas, diante da má vontade de todos, resolveu, espelhando-se em sua própria experiência, deixar para depois a condução dos filhos e netos para a verdade da doutrina de Kardec. Até mesmo a fórmula encontrada pela esposa, guardou-a em sigilo, para desvendá-la de maneira inteligente e oportuna. Imaginou que os filhos receberiam com desagrado ofertas de livros e, por isso, só lhes dava presentes que houvessem solicitado. Desse modo, nem a mãe houvera levado nenhum dos rebentos consigo para os quefazeres do centro, nem o pai se empenhava por fazê-lo.

Ao término desses quinze anos de atividades, Virgílio despediu-se da vida e ingressou no etéreo, em plena felicidade.

Vendo-se só, Nepomuceno começou a preocupar-se com a sua vez. Não tinha os mesmos problemas coronários do amigo, mas certa infestação microbiana, de repente, desalojou-o da carne, não lhe dando tempo para tomar as providências que desejara em relação ao convencimento dos filhos. Partiu sem ter deixado carta, bilhete ou telegrama de alerta. A psicografia da esposa se havia perdido entre os papéis do amigo, de sorte que a só robusta estante de livros é que legara, até mesmo sem constar do testamento. Feita a partilha dos bens, de comum acordo, foram as obras encaminhadas para reforço da biblioteca do centro, tendo sido este o último contacto da família com as atividades do pai. Cada qual abria a vida em leque de possibilidades.

Nepomuceno, no etéreo, inteirou-se logo dos compromissos que o levaram para aquele encarne. Sopesou o bem que fez, avaliou o mal que praticou, examinou os pontos falhos e concluiu que sua grande falta foi ter relegado a família ao esquecimento doutrinal. Salvava-o, finalmente, a preocupação que demonstrara tardiamente, de modo que lhe foi possível usufruir, desde logo, a companhia da esposa e dos amigos, dentre os quais avultava a figura rutilante do protetor e introdutor nas tarefas magnas do espiritismo, o caro Virgílio.

Da mesma forma que este se dedicara com estima a levá-lo às diretrizes mais dignas do procedimento dos encarnados, tendo em vista as normas elevadas das virtudes e da necessidade do crescimento moral, para a evolução do espírito, ainda no etéreo, Virgílio iria constituir-se em padrão vibratório a ser seguido pelo casal que voltava a unir-se indissolúvelmente. Achavam-se tão estreitamente ligados que não compreendiam como não haviam realizado matrimônios perfeitos, nas narrativas dos orientadores.

Virgílio foi quem se pôs a campo para esclarecer-lhes o enigma. Pareceu-lhe, desde logo, que a situação pudesse ter sido inventada, para insuflar na mente dos parceiros a ideia de procurar a solução do mistério junto às entidades que representavam, no plano espiritual, os beneficiadores.

Evocados os guias do casal, não se reconheceram autores do projeto, mas esclareceram toda a trama. Fora Josineida a autora exclusiva de todas as missivas. Em condições normais, não teria permitido ao próprio espírito liberar-se para a manifestação anímica dos impulsos conscienciais. Mas, em condições de desequilíbrio físico, sua organização mental sofreu abalos que ela resolvia fantasiosamente, de modo a elaborar, no fundo do inconsciente, histórias que vertia ao papel como se ditadas fossem por espíritos, como tantas vezes vira e praticara no recinto do centro. Daqui as letras e os estilos. Não houvera meios de detê-la, de modo que o remédio foi dar curso à programação por ela estabelecida, já que correspondia à situação cármica a que se destinara o marido. Por meio de algumas influências de caráter mediúnico-intuitiva, providenciaram para que desse tudo certo, conforme previsto nas cartas. A única exceção teria sido o infarto de Virgílio, que não ocorreria, não houvera ele concordado, em estado sonambúlico, com o sofrimento que o remeteria ao leito, para a configuração da pregação direta relativa a Nepomuceno.

À medida que os instrutores iam desfilando os acontecimentos, ia-se despertando a memória de cada personagem envolvida, de modo que, diante do protesto de Nepomuceno pelo sacrifício do amigo, se opôs este, explicando-lhe que unira traços do roteiro de sua vida, os quais lhe indicavam que deveria sofrer abalos físicos e que deveria realizar encaminhamentos morais. Nada havia para reclamar; não se preocupasse, portanto.

Após todos os esclarecimentos, Virgílio notou que Nepomuceno mantinha ainda nítida a característica de sua personalidade que mais conhecera: aquela fugidia tristeza e aquele ar de que algo lhe faltava. Entabularam franca conversação e descobriram que Nepomuceno só se contentaria, deveras, diante de si mesmo, se conseguisse enviar aos filhos a notícia da vida após a morte, para que pudessem valorizar com correção os objetivos dos encarnes.

Consultada a respeito, Josineida optava por fazê-los entender a doutrina pelo amor.

Virgílio, entretanto, ponderou que esse sentimento nunca estivera extremado no coração do casal relativamente aos filhos. Reconhecia que ambos se amavam com ânsias de perfeição; sabia que era estimado pelos dois de modo a integrarem-no no âmbito de suas existências; não via, contudo, a mesma vibração quanto aos filhos. Deveriam, antes, adquirir verdadeiro amor por eles, para que se desse conagração energética capaz de captá-los para seu círculo. Saíssem a pesquisar a respeito dos anteriores relacionamentos e quais os compromissos verdadeiramente assumidos diante da espiritualidade superior, na forma estabelecida pelo amor de Deus. A sua peregrinação não terminara, no que dizia respeito à última encarnação. Eis delineado o campo de trabalho. Virgílio prometeu assistência, mas precisava cuidar de cumprir missões junto aos familiares. Ficassem na mão de Deus, na companhia dos orientadores.

PÁGINA DE AMOR

Josineida e Nepomuceno entreolharam-se e entenderam-se. Preciso lhes seria desvendar os mistérios dos relacionamentos com as demais criaturas a eles ligadas pelo destino. Entretanto, o que normalmente seria mero cotejar de fichas e anotações guardadas nos arquivos, haveria de se descobrir *in loco*, no dia a dia do mourejar incessante de cada ser vinculado diretamente ao casal.

Até agora guardamos silêncio relativamente a Marcos, Carlos e Alfredo, suas esposas e filhos. A só citação que oferecemos aos leitores era indicativa de que havia certa revolta entre os filhos, embora desejassem aos progenitores toda a felicidade do mundo. Afastados da vida íntima do casal, só conseguiram aspirar a tê-los sob sua proteção na velhice. Mas o destino dispôs de modo diverso, levando cedo a mãezinha e deixando o pai entregue às suas rabugices e idiosincrasias. Após o falecimento do último, cada qual passou a cuidar exclusivamente de sua vida.

Marcos era hábil cirurgião plástico. Afamado pela facilidade do proceder técnico em prol da estesia física dos pacientes, fez fortuna de grande poder. Carlos, dos três, era o menos rico, embora suas atividades, no mesmo ramo do pai, deixassem larga margem de lucro, o suficiente para possuir casa de veraneio na praia, com iate e demais mordomias. Alfredo era o mais rico. Dono de oficina mecânica, instalou-se no ramo da revenda de automóveis e fez fortuna através do ágio que cobrava. Foi mais longe, estabeleceu vários grupos de consórcio, deu golpe na praça, aplicou o capital, ganhou na bolsa, devolveu sem correção o que havia recolhido de forma descabida, ofereceu ajustes por fora da recomendação judicial, afastou incômodo associado, deixando-o a ver navios, enfim, sem que a família suspeitasse, rematava as atividades com contrabando e narcotráfico. Mas era maneiroso, de sorte que o seu nome jamais ocupou o noticiário jornalístico, havendo até vítimas que saíam das negociatas com a impressão de o terem burlado.

Essas notícias foram do mais completo desagrado do casal. Imaginavam os filhos comerciantes e materialistas, embora pudessem oferecer à clientela honesta possibilidade de negócios. Dos três, o médico, Marcos, era o que lhes oferecia melhor possibilidade de acesso, pois era maleável no aspecto sentimental, dado a aventuras extraconjugais e a fazer concessões nos preços, desde que alguma compensação auferisse no âmbito dos impulsos eróticos.

É bem verdade que, aos quarenta e oito anos de idade, muito da fogueira estava amainada, mas ainda aspirava a conquistar certa artista famosa, no ápice da glória, a qual lhe estava opondo séria resistência, com vistas a levá-lo definitivamente para o seu lado. Queria que se desfizesse da família.

O casal começou a trabalhar no sentido de conduzir o filho a compreender a responsabilidade que assumira em relação aos familiares, especialmente porque os netos entravam na fase da adolescência e se esgojavam em alguns vícios rotineiros da juventude bem situada economicamente.

Nepomuceno examinou a possibilidade de alguma queda de motocicleta, algum acidente menor que pudesse oferecer ao pai oportunidade de trabalhar diretamente no restauro facial de alguns dos filhos. Foi impedido por Josineida, que não via como envolver os netos na recuperação. Por outro lado, haviam de considerar os planos estabelecidos previamente. Reconhecia que o marido havia progredido muito no saber espírita, mas estava muito verde para o socorrismo. Casos como o que imaginava realizar eram raríssimos e cercados de extremos cuidados dos diligentes protetores da espiritualidade maior. Para ela, talvez fosse mais fácil levar a nora a ingressar no espiritismo, através da descoberta das cartas que escrevera e que lhe poderiam ser entregues pela família do amigo Virgílio, que se prontificara a ajudar.

Aí Nepomuceno se opôs, dizendo-lhe que o sofrimento moral e físico do amigo poderia levar-lhe os familiares a desconfiarem de que nem tudo no espiritismo é feito com amor e mútua confiança. Deixasse ela os papéis perdidos para sempre.

Nesse meio tempo, surgiu-lhes a ideia de reunir os três irmãos ao redor da mesa da confraternização espiritual, durante as noites de sono. Não sabiam como realizar a evocação, mas teriam certo tempo para planejar o expediente. Foram em busca de auxílio técnico, todavia, viram logo que a reunião oferecia obstáculos intransponíveis: era preciso congregiar as entidades segundo o padrão vibratório comum, e eles não estavam aptos a realizar tão grande esforço fluídico, dada a pequenez de sua potencialidade energético-magnética. Aliás, até o conhecimento da terminologia lhes falecia.

Imaginaram-se voltando aos bancos escolares, mas desistiram logo pela perspectiva de que os cursos eram complexos demais e muitíssimo demorados. Havia urgência no socorro aos filhos.

Neste vaivém, Carlos se desentendeu com cliente do cartório, mediante proposta de propina para facilitar negócio escuso, e teve perfurado o abdômen por certa facada. Não morreu, mas precisou internar-se por força do rompimento de várias paredes intestinais, tendo sido socorrido pelo irmão mais velho. Viu-se, ainda, em palpos de aranha com a justiça, pois o agressor, para defender-se, estabeleceu os princípios dos negócios e abriu campo para séria investigação policial. De repente, por intervenção de Alfredo, cuja influência política era bem superior à que imaginavam os irmãos, tudo foi abafado. As queixas foram retiradas, o flagrante foi relaxado, o processo arquivado e o *affaire* se resumiu em elevada soma em dinheiro distribuída por várias pessoas completamente corruptíveis. Até mesmo o agressor se viu dono de várias propriedades, conforme registro passado e assegurado.

Alfredo havia temido por suas atividades, pois muitas de suas posses se registraram fraudulentamente pelo cartório do irmão e uma devassa ali poderia revelar os segretos afazeres.

Mas os irmãos se reuniram em função da preocupação comum e isso foi aplaudido pelos pais como sendo perspectiva de promissora atividade socorrista. O que não entendiam, absolutamente, é como havia tanta facilidade de conagração em função do mal e nenhuma em proveito para crescimento moral e espiritual. Começavam a suspeitar de que aquelas criaturas deveriam ter-se agregado a eles como missão sua de soerguimento, muito maior do que supuseram em vida.

Estavam, assim, esperançosos de poderem chegar-se a eles por via intuitiva. Começariam por insuflar na mente de Carlos, obrigado a permanecer no leito por algum tempo, algumas ideias a respeito do carma, das leis de ação e reação, do princípio de causa e efeito, que, pensavam, propiciariam pesquisa consciencial para configuração dos porquês de sua aventura no campo da criminalidade.

De fato, conseguiram chegar bem perto do coração do filho, mas acesso não obtiveram para o fim almejado, pois as ideias de vingança pululavam prioritárias. Carlos queria ferir de morte o oponente. Principiaria por anular os registros cartorários, por meio de acusação junto ao fisco da impossibilidade de o desafeto possuir semelhantes bens, uma vez que os ganhos declarados eram insuficientes para a manutenção da condição de luxo e riqueza. Sabia que não conseguiria, ao sair do leito, realizar a acusação, mas era o lenitivo para a ânsia de desforra. Em momentos mais agudos, sonhava com o dia em que lamperia a lâmina no sangue do oponente, fazendo-o provar, definitivamente, a mesma dolorosa sensação que sentira.

Diante de tantas sombras mentais, Josineida e Nepomuceno afastaram-se sem qualquer possibilidade de contato. Ali, junto ao filho, eram verdadeiros estranhos. De repente, diante deles surgiu, por evocação, o quadro de sua vida à época do nascimento do segundo filho. A mãe estava em trabalho de parto, o filhinho mais velho brincava na sala, o pai, aflito, providenciava a presença do médico, impedido que se via de levar a esposa até o hospital, dia de cheia dos rios, de inundação, de chuva torrencial e de ventania. Chegara a completar a ligação salvadora, mas desconfiava de que, quando chegasse o doutor, a criança já teria nascido.

Velha serviçal da casa, muito estimada da família, prontificou-se a providenciar o recebimento da criança, esforçando-se por deixar todos tranquilos, quando ela mesma não se aguentava nas pernas.

Nepomuceno via-se ao lado de Josineida, oferecendo-lhe conforto moral, com palavras de estímulo e de conforto. A criança nasceu após dores lancinantes, mas sem oferecer perigo à parturiente. Foi assim que aquela criatura havia aportado à vida, dando aos pais extrema aflição. Lembraram-se ambos que o sofrimento e a angústia haviam unido os três seres, ou melhor, os quatro, pois Marcos foi chamado a recepcionar o irmãozinho em meio às lágrimas de muito amor, que a pressão psicológica do momento de incerteza e insegurança havia ajudado a acentuar.

Lembravam-se da chegada ao mundo do primeiro, no hospital, na absoluta segurança de cesariana preventiva. É verdade que o desconforto posterior para o restabelecimento do corte era lembrança dolorida, mas a emoção da vinda do segundo

filho fora muito pronunciada. Não estaria aí a indicação de que Carlos iria causar problemas bem maiores que Marcos?... Não havia embutida, na informação da dificuldade do parto, a notícia de que o filho fosse algum antigo desafeto que deveriam receber, agasalhar e conduzir para o bem?...

Recordaram-se da chegada de Alfredo. Haviam-se prevenido para que não mais Josineida engravidasse. A presença do feto anunciado pelo médico foi recebida com total desagrado pelo pai e com temores excessivos pela mãe. O último parto deixara marcas profundas na psique materna. Do medo passou à rejeição. Houvera necessidade de sério trabalho de recomposição mental. Despertaram, nesse instante, para o fato de que foi por aquela ocasião que Josineida principiara a peregrinação pelo espiritismo, à sombra do qual reconheceu que sua atitude em relação ao ser que lhe crescia no ventre poderia oferecer perigos cármicos para sua sobrevivência no campo material. No entanto, foi também junto aos amigos do centro que aprendeu a importância de dar guarida a todos os infelizes que a procurassem para, por sua mão, serem guiados ao caminho do bem.

Ambos viram na tela a suave chegada da terceira criatura, cercada de amplos cuidados médicos. Fora parto normal, sem riscos nem sofrimentos. Ao chegarem da maternidade, os cinco se abraçaram ternamente, cada qual vendo nos demais a incontestante presença do amor e da benquerença. Na tela, o quadro demonstrava claramente os elementos da energização sentimental e as vibrações envolventes, que se harmonizavam com os fluidos que se interpenetravam em suas organizações perispirituais, advindos de planos superiores. O quadro era perfeito retrato da felicidade.

Que ocorrera desde aquela época para tudo se modificar tão profundamente?

CONGRAÇAMENTO, AFINAL

A ilusão da vida apagou-se nesse momento de extraordinário enlevo para o casal. Restava a realidade do serviço a cumprir. Diante do quadro final de ternura e união, desvaneceu-se-lhes a ideia de perquirir quem foram aqueles seres que se introduziram, um dia, tão arraigadamente em seus corações, mas que depois foram desprendendo-se com a vida. Os efeitos estavam muito visíveis para irem à busca das causas longínquas. Admitiam, e nisso estavam plenamente de acordo, que ambos haviam falhado. Não se acusariam, porém, inutilmente: agora era a hora de trabalhar. Fá-lo-iam pelo amor que os unira. Fá-lo-iam pelo bem daquelas criaturas desarvoradas.

Evocado por forças misteriosas, compareceu o amigo Virgílio para aviso oportuno:

— Caros irmãos, se vocês estivessem diante de seres que lhes tivessem sido totalmente estranhos durante toda a existência, agiriam do mesmo modo? Não sentem certo impulso íntimo a dizer-lhes que é chegada a hora do socorro oportuno? Vocês estão preocupando-se porque as criaturas que lhes interessam são os três filhos de suas dores e expectativas, mas saibam que deveriam agir, igualmente impulsionados para o socorro, se tivessem recebido por missão atender à jovem que atraiu Marcos, ou o desafeto de Carlos, ou qualquer dos iludidos de Alfredo. Vejam que não sejam dominados por egoísmo tolo e acrescentem real interesse pela salvação dos filhos, envidando esforços para que ninguém se veja arremessado nos catres infectos das masmorras do báratro. Senti, na demonstração dos problemas que afetam seus meninos, que a luta será árdua e o trabalho extenuante. Não há pressa, contudo. Confiem em que Deus é pai de misericórdia e ajam com tranquilidade, em busca da felicidade da atenuação dos males. Principalmente, dediquem boa parte do tempo à oração contrita, no sentido de solicitar a ajuda das forças do bem que se dispõem ao auxílio dos novatos do socorrismo e façam-no em nome de Jesus. Fiquem com Deus!

Nepomuceno reconheceu que Virgílio estava rapidamente afastando-se do círculo que os prendia, por força de seus ganhos no campo da moralidade. Se não quisessem perder a companhia do amigo, deveriam esforçar-se mais para a consecução da missão que lhes estava afeta.

Assim, deliberaram separar-se no acompanhamento dos filhos, na tentativa de obstar os dois que se viam soltos no campo terrestre. Carlos ficaria durante bom tempo

preso ao leito. Josineida acompanharia Marcos. Nepomuceno tentaria seguir os passos a Alfredo. Encontrar-se-iam todo dia para relatório circunstanciado e para possíveis decisões conjuntas a respeito do que fazer, momento em que se dedicariam às orações tão insistentemente recomendadas pelo amigo.

A mãe passou a seguir o filho mais velho, enquanto o pai ficava com o mais novo. Parecia-lhes que a decisão fora acertada, pois as falhas que perceberam em Marcos eram sentimentais e as virtudes em falta em Alfredo, inteiramente morais.

Como resultado da primeira assistência, ambos descobriram que deveriam defrontar-se com ampla caterva de espíritos impuros que assediavam os filhos. Deveriam rezar não só por eles, mas por todos os que necessitavam de esclarecimentos. Deliberaram voltar à presença de Carlos, para caracterizar com firmeza a extensão das más influências que, por certo, estariam estimulando-o a afastar-se da atitude mais correta diante da vida. Ali também encontraram vários seres malignos, atraídos pelos sentimentos de vingança que revolteavam na forma de negras nuvens a se adensarem em torno de seu perispírito.

Naquele instante de profundo pavor, ambos se ajoelharam ao pé da cama e, com sentimento de impotência e frustração, elevaram os pensamentos ao Alto, rogando por ajuda, pois se sentiam inferiorizados diante de tarefa tão penosa. Arrependiam-se de não se terem dedicado mais proficientemente às meditações de caráter doutrinal e de não terem praticado mais ações meritórias, para combaterem, com mais denodo e segurança, a terrível afronta impingida às intenções daqueles que neles haviam confiado para o socorro oportuno.

Nesse instante, sentiram-se soerguidos e receberam o influxo amoroso de alguma entidade que os amparava. Observaram as criaturas que volitavam ao redor do filho e animaram-se à exortação à virtude e ao amor.

Enquanto Nepomuceno permanecia ajoelhado, em prece, Josineida endereçou terna vibração de compreensão e afeto por aqueles seres que sentia desarvorados e ignorantes. Sua manifestação, surpreendentemente, conseguiu estabelecer vigoroso elo de relacionamento, de sorte que a primeira sensação que percebeu chegar a si foi de medo e de fúria, logo transformada em indefinido sentimento de culpa. Não expunha em palavras o que julgava dever transmitir aos irmãos sofredores, mas percebia que todos os sentidos se punham a serviço da intenção de encaminhá-los para o bem. Não havia diálogo entre eles, mas ficava claro que as suas vibrações como que respondiam às que sentia atingir a sua sede de compreensão e percepção da realidade.

Quando chegaram, havia diversas entidades; quando Josineida deu por encerrada a dissertação de muito amor e de muito júbilo, por se ver capaz de trabalho tão importante, restava junto ao leito tão só infeliz criatura, a pedir perdão ao paciente pelos males que lhe havia produzido.

Josineida aproximou-se dela em lágrimas e abraçou-a ternamente. Era figura de mulher, de fisionomia jovem, embora de idade indefinida.

Estaria ali a primeira chave para que pudessem abrir a porta trancada do coração do filho? Que misterioso relacionamento poderia ter havido entre ambos, que se denunciava inteiramente infeliz pela atitude de repulsão que, instintivamente, se poderia perceber nas reações de desagrado do enfermo?

Com o afastamento dos obsessores, Carlos conseguiu dormir, serenando as angústias íntimas que o agitavam no leito. Dormindo, o espírito se desligou brandamente da prisão, colocando imenso pavor na expressão da criatura que lutava por se desprender dos braços da socorrista.

Nepomuceno aproximou-se do filho, mentalizando a sua ascendência dos tempos da infância do garoto traquinas, que precisava trazer sob rigorosa disciplina, tanto que foi quem lhe herdara todos os negócios.

Carlos sentiu a presença coercitiva de entidade de poderio superior ao seu e resignou-se a não perseguir aquela que via debater-se em sofrimento, como que presa por invisíveis laços.

Em longa conversa, truncada por acusações da parte do homem e por sentidos pedidos de perdão provindos da mulher, puderam aquilatar os pais a extensão do problema que cingia os dois seres. A moça fora esposa do rapaz em precedente encarnação e o havia assassinado, ao descobrir que era traída. Precisava, agora, de seu perdão, para poder compenetrar-se de que o crime não o atingira tão amargamente que se estaria constituindo em peso a carregar no carma desta outra vida na carne. Parecia a ela que, sem a boa vontade do antigo companheiro, jamais iria ter sossego na erraticidade. Os rogos de perdão, porém, não se limitavam às atitudes que tomara anteriormente, mas incidiam nas iniciativas mais recentes de perseguição, pelo fato de ter-se afastado para novos relacionamentos. O princípio do ciúme persistira e a mulher agora percebia que todo o comprometimento baseado no ódio só servira para prejudicar a ambos. Arrependia-se, finalmente, e punha-se a seu serviço, sob o amor que sentira um dia, para saldar os débitos.

Carlos avaliou a intenção da mulher e foi incapaz de reagir grosseiramente àquele sentimento fundamentado na convicção da verdade. Pela primeira vez, reconheceu que ele mesmo estava dominado por impulsos de vingança e que a sensação de amor que os unira estava reacendendo a vontade de se livrar de peso tão forte. Parecia-lhe que o crime de que fora vítima tivera tido causa possível de configurar-se em atitudes injustas tomadas em relação àquela criatura.

A análise de sua condição não poderia efetuar-se de modo perfeito, mas os sentimentos para com aquela figura lacrimejante se amoldavam agora, segundo procedimentos mais consentâneos com a harmonia e o equilíbrio que se requerem de quem age sob o influxo do amor e da caridade.

Josineida não mais precisava prender a mulher; Nepomuceno não mais necessitava sofrer os impulsos ao filho.

Finalmente, para alegria de todos, forte luz impregnou o ambiente e puderam reconhecer-se uns aos outros.

Naquela noite, ao recolherem-se para a avaliação do trabalho, o casal não pôde manifestar palavra a respeito do que quer que fosse. Tudo que fizeram foi orar em profundo agradecimento. A selva dos sentimentos começava a ser desbravada.

CARLOS EM CAMPO

Tudo que Carlos foi capaz de usufruir em espírito, aos poucos, foi sendo filtrado para seu organismo, de modo que, em breve, sentia-se forte e bem disposto, como nunca antes.

De início, atribuiu a perturbação ao ódio avassalador que sentiu pelo ato criminoso muito mais do que pela pessoa que o ferira. Nunca estivera tão perto da morte, de sorte que julgava que a mente se ia abrindo para as verdades da vida, por força de se ter visto na iminência de partir, sem as realizações de inúmeros projetos relativos aos filhos.

Ainda em fase de restabelecimento, percebia que as emoções se expandiam de forma muito abrangente, vendo, na esposa e nos filhos, seres com quem deveria confraternizar no banquete da vida. Coisa estranha, não parava de pensar nos pais, em suas atitudes de vida, na infância ao lado deles, na adolescência distante, na maturidade alienada. Pensava nos pais como criaturas enigmáticas, de difícil decifração, mui especialmente quando se lembrava de que ambos, ao final da vida, se dedicaram ao auxílio dos pobres e à doutrina dos espíritos, tendo o pai terminado sem qualquer propriedade de muito valor. Não se recordava de jamais terem feito qualquer esforço para convencer os filhos de que deveriam seguir-lhes as ideias. Tinha vaga lembrança de haver o pai um dia dito qualquer coisa a respeito do valor da espiritualidade, mas que fora ridicularizado por todos, ao final de esplêndida festa regada a capitoso vinho e borbulhante champanha.

Em sua debilidade, tivera a impressão de ter sonhado com seres estranhos, com pessoas esquisitas a acusarem-no de crimes, como se a estocada que levava tivesse sido ele quem dera. Mais pungente era a figura de alguém que o ferreteava com pontiaguda lança, que, em seguida, convertido o ferro em longa bisnaga de pão, se punha a comer, em lágrimas, em meio a atroz sofrimento por se ter arrependido. Ao ir fortalecendo-se, contudo, os delírios diminuía e as noites transcorriam calmas e agradáveis. Surpreendia-se, muitas vezes, a buscar o sono durante o dia, tão grande a satisfação que lhe penetrava a mente por se sentir absolutamente desprendido das preocupações.

Fora levado para o hospital com alucinantes desejos de desforra; saía com enlevada vontade de colocar-se de bem com o mundo.

No etéreo, regozijavam-se os pais, inteiramente cômicos de que, uma hora ou outra, conseguiriam acesso direto à mente do filho, para o que bastaria que o induzissem a seguir a doutrina espírita.

Ao reassumir as lides cartorárias, Carlos pelejou por descobrir que propriedades do irmão haviam sido transferidas para o nome do desafeto. Descobriu que eram duas ricas mansardas que não sabia estarem registradas em seu tabelionato. Era tão grande o movimento e o irmão tinha tão livre trânsito, que ele mesmo providenciava tudo o que dizia respeito aos próprios bens. Nessa pesquisa, surpreendeu-se com o número e a quantidade das propriedades do irmão. Imaginava-o extremamente rico, mas sua fortuna era, pelo menos, dez vezes superior ao cálculo mais otimista. Que mistérios se escondiam por trás dessas transações milionárias?

Carlos não atinou logo com a solução do problema, mas atentou para fato que ainda não o havia intrigado, preso ao leito do hospital: por que as atividades policiais foram sustadas? Ligou para seu advogado, recebendo dele a informação de que estava tudo arranjado junto à justiça, conforme determinação do mano Alfredo. Ficasse tranquilo que não iria ser mais incomodado com qualquer investigação junto aos seus domínios cartorários.

Havia, nas expressões do causídico, algo que o alertava para poder assaz vigoroso; parecia que tudo se deixara domar pela chibata enérgica do irmão.

Esse pressentimento de que *havia algo de podre no reino da Dinamarca*, dada a declarada ênfase da corruptibilidade policial e judicial e a menção de que o cartório sofrera a ameaça de vir a ser devassado, deixou-o de orelha em pé. Não via mais no irmão aquele anjo de bondade que imaginara diante de sua solicitude e boa vontade. Instalava-se-lhe no coração o temor de levantar dúvidas a respeito da probidade de ente tão querido.

Antes, porém, de ferir fundo o conhecimento da verdade, indagando diretamente ao acusado de que recursos secretos lançara mão para apoderar-se de tão extensa fortuna, resolveu ir em busca do estimado irmão mais velho, que se desdobrara ao seu lado, para restabelecer-lhe as condições vitais, e que o acompanhara diuturnamente durante o restabelecimento, não deixando jamais de se informar até mesmo na convalescença. Lembrava-se de alguns sorrisos de mútua compreensão trocados com bela enfermeira que transitava pelos corredores do hospital, mas, qual orgulhoso pai, sentia no doutor o poder carismático de ser superdotado, a trazer presas à sua condição de superioridade todas as fêmeas da espécie. Marcos era, de longe, o mais formoso dos três...

Interrompeu o devaneio e preparou o discurso para a apresentação das desconfianças ao irmão, para que não viesse este a dizer-lhe que estava enganado, que os negócios haviam propiciado lucros exorbitantes, que conhecia o caçula e o considerava incapaz de fraudes e demais argumentos evasivos, próprios de quem não deseja ver a verdadeira contextura dos fatos. Desse modo, organizou longa lista das propriedades desconhecidas, arrolando outras que não estavam catalogadas em seu cartório mas que sabia pertencerem ao irmão. Nessa pesquisa, surpreendeu-se ainda mais, pois recebeu informações sigilosas de notários amigos a respeito de inúmeras outras possessões, o que o deixou estarecido.

Carlos, que jamais se deixara arrostar pelo medo, tendo enfrentado a lâmina do oponente de peito aberto, começava a temer encontrar-se diante de problema de

imensurável dimensão. Sentia-se impotente para safar-se da perquirição da esfinge: iria ser devorado.

Estranhamente, surpreendeu-se a recitar em voz alta a prece dominical, que aprendera nos idos da época de primeira comunhão. Orava inconscientemente, como a solicitar do mistério a proteção necessária para não derruir diante da dor de ver-se na condição de enfrentar a vergonha e o sofrimento de ter pessoa tão íntima do outro lado da lei. Lembrava-se de haver usufruído lucros em transações ilegais ou, ousava dizer, pecaminosas, contra o fisco. Burlara o governo e declarara muitos valores bem aquém dos verdadeiros, transferindo, para suas posses, polpudas recompensas. Mas isso era como se fazia habitualmente, nos corredores dos palácios, desde que o mundo era mundo, principalmente nestas terras doadas aos extraditados dos crimes, aos expatriados pela justiça, degredados e degradados. Daí a ferir princípios morais que envolvesse diretamente o ser humano vivente, dotado de corpo e alma...

Positivamente, as excogitações do amigo tendiam a aproximá-lo vigorosamente da realidade. Havia, na sua imaginação, um elemento estranho, um componente novo, a induzi-lo a refletir coercitivamente em determinado sentido, como se a intuição lhe tivesse florescido e fosse capaz de perceber a verdade que se impunha muito mais à mente que aos sentidos. E isso o atemorizava pelo teor das suspeições.

Estava com esse espírito quando buscou marcar o encontro com o irmão médico. Aí recebeu desagradável surpresa. Ao ligar para Marcos, sentiu-o triste e desanimado. Antes que lhe dissesse a razão da chamada, ouviu dele que precisavam muito conversar. Havia sérios problemas em casa, que deveria resolver de modo ponderado. Precisava da ajuda do irmão. Queria ouvir-lhe a opinião a respeito de possível separação do casal ou, até mesmo, divórcio.

Pelo tom da voz, pareceu a Carlos que o irmão vivia momentos de profunda angústia. Que lhe reservaria aquele encontro?

O DRAMA DE MARCOS

No dia do encontro, Marcos chegou atrasado. Carlos começava a preocupar-se com o irmão, quando este adentrou o escritório inteiramente transtornado. Envelhecera naquele curto mês mais que nos últimos quinze anos. Os cabelos esbranquiçaram e as rugas se acentuaram. Estava bem mais magro e o porte atlético cedia, vergado pelo peso dos sofrimentos.

Era verdade o que Carlos ouvira em casa. Corria que o médico se havia metido com certa artista da voga, que, suspeitava-se, portava o vírus da AIDS, terrível flagelo para a humanidade promíscua.

O doutor não percebeu a armadilha em que estava enrascando-se. As exigências da cantora haviam feito com que hesitasse longamente a aceitá-la em seu círculo de conquistas. Mas a vaidade masculina acabou vencendo as fracas resistências da moral, ao tempo em que conheceu, tragicamente, que a filha, de somente quinze anos, vivia em promiscuidade sexual com os colegas de zorra. Isto era comum de ocorrer e até seria compreensível e suportável não fora a circunstância de que engravidara e praticara aborto, sem conhecimento seu. Só certa complicação posterior, com sangramentos e hemorragias, fez com que a esposa lhe revelasse o ocorrido, para que providenciasse socorro de urgência. Essa desvinculação com a família, esse jogo de esconde-esconde, a impossibilidade de reclamação à vista de seu telhado de vidro e das pedras de que estava de posse a esposa, tudo o levou a desconsiderar os liames afetivos que deveria manter com os seres que pelo carma e pelo sangue lhe diziam íntimo respeito.

Enceguecido, atirou-se aos braços daquela que, pensava, seria a mulher fatal de sua vida, a definitiva, o amor transbordante e derradeiro. O que os aproximara fora a necessidade de certa correção plástica dos seios. Marcos avaliou o problema no paroxismo da paixão e prometeu à sílfide que a transformaria na mulher mais desejável do universo.

Realizados os exames preliminares, configurou-se a atroz doença. Imediatamente, Marcos estabeleceu a necessidade de testar-se. Igualmente, o resultado foi positivo. Lembrou-se da época em que se atirara aos braços da amante e percebeu que, desde então, não mantivera contactos sexuais com a esposa. Estava salva. Mas houve sério problema relativamente à jovem enfermeira com quem sofregamente se aventurara. Como fazer chegar a ela a enunciação do problema?

Essa foi a séria situação que apresentou ao irmão.

— Mas que louco amor foi esse pela artista que, apesar dele, você ainda se meteu com outra?...

Carlos, que sempre se mantivera fiel à esposa, não atinava com os vezos donjuanescos do mano.

— Eu não sei. Quando percebi, estava *transando* com as duas.

— Mas isso é pura libertinagem!...

— Foi o que eu pensei, por isso desfiz logo a enfermeira de qualquer ilusão. Juro que estive com ela só por duas vezes.

— Eu não acredito...

Carlos queria dizer que não admitia semelhante atitude, desolado. Marcos entendeu que punha desconfiança em sua palavra e explodiu:

— Pois fique sabendo que a vida é minha e eu é que estou sofrendo as consequências...

— Acalme-se que eu não estou acusando ninguém. Como você pensa fazer para avisar a moça?

— Eu queria que você fosse falar com ela.

— Eu! Mas...

— Escute! Se você não for, quem poderá fazer-me esse favor? Se eu aparecer lá com esse problema, ela irá até querer me processar. Ela é adulta, mas é livre e não tem nada a perder.

— Quer dizer que seu medo é a fama? Pois fique sabendo que, em casa, a minha mulher me disse que você estava metido com uma artista que sabidamente teve relacionamento com famoso aidético...

— Santo Deus!

— Pois é. Daqui a pouco, vai sair em tudo quanto é revista. O melhor que você faz é ir direto conversar com a pobre moça...

— Não vou, não! Prefiro dar um tiro na cabeça.

— Pois faça isso! Quem sabe você resolva o problema de todo o mundo.

Podia parecer que Carlos gracejava, mas, na verdade, falava magoado, com o coração na mão, incerto do que dizer e do que pensar. Não estava acostumado a conselhos.

— Escute aqui! Eu posso acompanhá-lo para protegê-lo de algum ataque pessoal, mas acho que você não pode deixar de ir.

— Eu vou avisá-la por telefone.

— Se você fizer isso, vai despertar-lhe o furor. É bom você ter conversa bem franca com ela.

Marcos abaixou a cabeça até tocar nos joelhos. Retirou lenço do bolso e começou a soluçar forte.

— Mãe, mãezinha... — repetia baixinho, como em prece compungida.

Carlos condeou-se da situação do irmão. Sabia que a doença não tinha cura, mas sua manifestação poderia demorar muitos anos. Marcos era médico, saberia cuidar de si. Se fosse ele, estava perdido.

Levantou-se de trás da escrivaninha e foi colocar-se ao lado do irmão, abraçando-o ternamente.

Naquela tarde, procurariam a enfermeira. A respeito de divórcio, nem trataram. Parecia evidente que a separação se daria de qualquer jeito. Alfredo também tivera o segredo de suas atividades inviolado.

Naquela noite, no etéreo, o casal de protetores, de novo sem voz, em lágrimas de muita dor, orava com intensa fé para receber do Alto novos influxos de coragem para enfrentamento da dura luta que os aguardava. Não se julgavam responsáveis pelos fatos e isso os desobrigava do arrependimento, mas se viam coagidos ao auxílio, como obrigação de amor. As revelações do filho mais velho apanharam-nos de surpresa. Não sabiam o que pensar para arquitetar algum plano de salvação. Pediam aos céus que a enfermeira não estivesse contaminada. Seria de suma importância para a delimitação dos problemas.

O TRESPASSE DE MARCOS

Não chegou Marcos a efetuar pedido de desculpas. Naquela mesma tarde, instalou-se-lhe no organismo sério efeito da ausência de imunização, de sorte que, debilitado, viu crescer em febre a temperatura. Certeira pneumonia absorveu-lhe as últimas resistências físicas, de sorte que, em três dias, sem antibiótico que surtisse efeito, Marcos deixava o planeta dos humanos para penetrar no círculo dos imortais.

Carlos ficou atônito com a propulsão da moléstia. Em sua imaginação, via o irmão definhar-se aos poucos, em tempo de acertar todos os negócios, principalmente os relativos aos sentimentos. Deixava a viúva inconsolável, a filha em crescimento, os meninos menores desarvorados, a amante inconsciente do problema que poderia estar a desenvolver-se em seu organismo. Mas a desculpa do falecimento dava a ele a razão precisa para o necessário alerta à enfermeira.

Assim que se viu livre dos compromissos do enterro, momento em que pôde observar as atitudes do mais novo, procurou no hospital o endereço da jovem para o acerto definitivo. Qual não foi sua surpresa, quando foi informado por ela de que todos os exames haviam sido feitos, a pedido do irmão, que, do leito do hospital, se lembrara de notificá-la de tudo. Estava em perfeita saúde.

De fato, Carlos lembrava-se de que não tivera meios de contatar o irmão, descrente que estava de que algo pior pudesse ocorrer-lhe. Quis saber da jovem como lhe chegara a notícia, e esta informou-o de que fora sua cunhada quem providenciara tudo em nome do marido. Por isso, estava imensamente grata à desditosa senhora, principalmente porque precisara deixar de inúmeros afazeres junto aos filhos, para atender à solicitação do marido.

Carlos admirou-se da atitude da esposa do irmão, que não acreditava capaz de tanto desprendimento. Algo poderia haver que explicasse semelhante solicitude. Investigaria.

Josineida e Nepomuceno desolaram-se a princípio. Viam no sofrimento do filho alguma coisa parecida com injustiça. Sabiam das condições adversas com que penetrara no etéreo, tendo envidado inúmeros esforços para conseguirem interná-lo em organização hospitalar, dada a rebeldia com que chegara. Foi conduzido para a internação sem

conhecer que deixara o mundo dos vivos. Precisava de assistência especializada. As preces do casal, à vista de seus sentimentos contraditórios, dada a dor da desesperança de não poderem considerar-se os pais ideais para aquele filho em transe de doloroso acento, não surtiam efeito. Por outro lado, em virtude da situação em que deixara a família, parecia-lhes que a ausência do filho deveria suprir-se pela sua presença junto a cada ser da organização familiar. Queriam imprimir às atividades cunho de profunda orientação para cada ser a quem lhes parecia estar em débito a sua criança, especialmente a jovem que convalescia de dolorosa operação ginecológica.

No entanto, surpreenderam-se com a força da nora dedicada às crianças. Não supunham, como o fizera também o filho Carlos, que a abonada senhora pudesse soerguer-se dos escombros de sua vida. Pensavam nela como *filha de papai*, moça riquíssima, uma das primeiras conquistas do médico, de deslumbrante beleza, cuja maior preocupação era com as aparências sociais para manutenção da projeção do marido. Esqueciam-se de que os quatro filhos lhe poderiam ter ensinado a conduzir-se em condições extremamente adversas. Por outro lado, acostumada desde cedo com as aventuras extraconjugais do esposo, aos poucos foi criando forte couraça contra os reveses. A queda da filha nas malhas da maternidade indesejada pegou-a desprevenida, pois não imaginava a pequena tão envolvida pela organização estudantil estruturada com base na alienação pelas drogas. Saía desse duplo choque com força de recuperação. Venceria os infortúnios, agora que se livrara, por assim dizer, das preocupações mundanas relativas ao marido.

Na missa de sétimo dia, encontraram-se os dois irmãos, ambos prontos para levarem sua contribuição à cunhada e aos sobrinhos. Encontraram-na distante, protegida pelos pais, parecendo querer subtrair-se à influência dos cunhados. Parecia estar de posse de algum conhecimento íntimo que a prevenira quanto às atividades criminosas de ambos.

Carlos notou logo essa atitude de distanciamento, mas Alfredo atribuiu ao sofrimento todo aquele resguardo, não dando maior importância ao fato de não desejar qualquer apoio de caráter financeiro. Inquiriu a respeito do advogado que iria tratar do inventário e de todos os aspectos relativos ao espólio, tendo inferido que as providências estavam dentro das exigências legais.

Tudo teria decorrido em plena normalidade, se sério incidente não tivesse despertado a atenção a Carlos.

Em determinado momento, ao voltar de estacionar o carro, ouviu distintamente a sobrinha acusando o tio de tê-la abandonado, quando mais precisava de auxílio. Alfredo viu a aproximação de Carlos, tomou a sobrinha pelo braço e conduziu-a para dentro da igreja, deixando-a com a mãe, afastando-se incontinênti. Após demorado abraço, em que diversas lágrimas lhe escorreram sentidas, a pequena pediu desculpas à progenitora, increpando o tio da responsabilidade da anterior condição.

Severa, Criseide fez a filha calar a manifestação de revolta, pedindo-lhe para que se controlasse, diante da sociedade ali reunida. Tomariam depois as providências cabíveis.

Nada passou despercebido a Carlos, que desconhecia a intimidade do relacionamento entre tio e sobrinha. Desde que levava a estocada no bucho, vinha, de surpresa em surpresa, desvendando os mistérios da família.

Muito poucos foram os eflúvios que beneficiaram o antigo médico no leito em que jazia. Aparentemente, a doença que o atingira desenvolvia-se ainda, sugando-lhe as energias, como se seu perispírito se contraísse e se deformasse. Por força das atitudes egoístas, muitas afeições que poderiam ter-se desabrochado em amor, apenas produziram ódio, de sorte que as mulheres que por ele um dia se interessaram, ao conhecerem as condições de seu falecimento, somente conseguiram emitir vibrações de repulsa por aquela criatura que não soubera conquistar-lhes a verdadeira amizade, na falta de não poder oferecer-lhes real amor. Poucas se recordavam do médico com algum *frisson*, mesmo que à flor da pele. O mais das vezes, pensavam que não poderia ter sido outro o seu destino.

Mas estaria Marcos condenado a sofrimento atroz? Não teriam os pais recursos para oferecer ao infeliz? Que, de fato, estariam aptos a proporcionar ao filho, para aliviá-lo da condição de recluso das trevas?

Josineida lembrava-se das lições que aprendera no centro. Nepomuceno recordava-se das palavras de incentivo e consolação que propiciara a inúmeros sofredores nos hospitais. Eram palavras de muito amor e muita consideração pela vontade do Senhor. Diziam que toda angústia despertaria no limiar do templo da felicidade, transformada em arrependimento e em luta; que Deus saberia retirar a carga ao sofredor que se dignasse reconhecer sua pequenez e seus erros. Se havia desespero, é porque o ser ainda não se aperfeiçoara. Se havia dor, é porque Deus alertava para a necessidade da regeneração. Não era assim no mundo físico? Quando a barriga doía, quando o estômago provocava náuseas, quando a cabeça palpitava, não eram sintomas de que algo precisaria ser corrigido no âmbito do organismo?! Pois, então, que deveriam providenciar para a necessária ajuda ao filho?

A prece transformara-se em íntima perquirição, diálogo sutil de espíritos em conjunção sentimental. Uniam-se pelo sofrimento daquela criatura que lhes coube encaminhar pela vida para realização cármica de vulto. Reconheciam-se, tacitamente, falidos diante do dever não cumprido.

— Virgílio, bom amigo, mais que nunca precisamos de você!

Evocado com fervor, o antigo companheiro compareceu de pronto para a orientação solicitada. Vinha triste pelas condições adversas em que via estarem submergindo os amigos. Obtivera recursos fluídicos para recomposição perispiritual, mas sabia que o só restabelecimento daqueles seres não teria o condão de resolver-lhes o grave problema que as consciências lhes impunham. Temia, contudo, que as revelações mais importantes pudessem chegar-lhes prematuramente. Haveriam ainda de observar outros fatos relativos aos entes queridos para a compreensão integral de suas condições existenciais. Mas alguma resposta positiva precisaria dar, para poder imprimir-lhes o sentido da recuperação. Não poderia ser evasivo.

— Queridos amigos, sua infelicidade está a entristecer-me. Creiam na minha solidariedade e no meu afeto. Rezemos juntos a oração ao Pai, antes de nos entendermos a respeito do que se poderá fazer em favor daquele que sofre.

Em comovente atitude de afeto, os três irmanaram-se para a sentida prece, momento em que Virgílio pôde fazer desprender de si grande quantidade de fluidos

revitalizadores. Mais tranquilos, serenamente o casal pôs-se a ouvir as belas palavras de muito conforto. O que mais os acalmou foi o quadro pintado pelo amigo em que se via Marcos, ainda vivo, no seio da família, doente e acusado de inconsequente e irresponsável. Nesse ambiente negro, recrudescia o sentimento de culpa da pobre criatura, que terminava por suicidar-se. Via-se, então, transportado para o fundo do báratro, em desconsolo total, arrostando, inconsolável, mais esse crime contra os desígnios de Deus. Que se armassem de coragem, portanto, que a vida do médico não tivera só momentos de erro. Nesse instante, várias atitudes de despreendimento e solidariedade foram trazidas à mente dos pais, de sorte que se pôde constatar que o médico tivera momentos de verdadeiro envolvimento emocional e sentimental com inúmeros seres, de sorte a propiciar-lhes meios de progresso. Não eram muitos nem Marcos era o que se poderia considerar batalhador do bem pelos semelhantes, mas havia ajudado a muitos que estavam simplesmente sendo ingratos. Que os pais soubessem encontrar forças para superação do desânimo, caso contrário o filho teria para lamentar sua atitude de desconsideração pela justiça divina. Que se esforçassem por ver, na situação atual do filho, a mão do Senhor a proporcionar-lhe condições de soerguimento. Ficassem com Deus!

Revigorados por aquela injeção de esperança, Josineida e Nepomuceno reconheceram que deveriam sair a campo para o cumprimento das determinações dos maiores. Realizaram outra prece pelo filho em tratamento e desceram para avaliar a quantas andavam as pesquisas de Carlos. Temiam pela segurança de sua condição, caso as investigações o levassem a confrontar-se com Alfredo. Era, realmente, de se temer se os irmãos se vissem em campos opostos.

A PEQUENA ÂNGELA

A infeliz menina que se viu às voltas com o traficante era Ângela, nome sugestivo, que lhe havia sido dado pela mãe em momento de extrema agonia. Às vésperas do parto, Criseide surpreendera o marido em seus amores clandestinos, mergulhando fundo em contencioso misticismo. Se lhe nascesse um menino, receberia o nome de Miguel, em homenagem à pureza e à fidelidade do arcanjo. Nasceu-lhe uma filha: seria Ângela.

Mas a fase de entranhado ardor místico foi cedendo ao materialismo do marido, até que Criseide acabou por admitir a necessidade de ele ter o *ego* bajulado por vozes femininas de modulações apropriadas para mantê-lo no ápice da personalidade. Era como julgava vê-lo feliz. Por isso, se procurada, acedia; se repudiada, resignava-se ao obscuro papel de governanta de seus bens.

Foi nesse clima de superioridade física do homem e de subserviência feminina que cresceu Ângela. Nem seria preciso fazer referência ao fato de que em tudo buscava assemelhar-se ao pai, contudo, mantendo certa discricção que ele jamais guardara.

Aos treze anos, por força do grupo em que vivia, experimentou pela primeira vez a droga. Coincidentemente, naquele dia, o tio, tão atraente quanto o pai, mas desimpedido de compromissos matrimoniais, apresentou-se para si como homem, no esplendor dos trinta e cinco anos. Percebeu ele logo os transtornos provocados pela droga e, sem revelar aos demais as condições físicas da mocinha, levou-a a tratamento e desintoxicação. Era novata e havia ingerido mistura altamente perniciosa.

Alfredo se propôs, então, a cuidar dela com muito carinho, oferecendo-lhe o que de melhor se poderia conseguir no mundo da perversão dos sentidos. Em sua inocente alienação, Ângela deixou-se envolver pela figura sedutora do tio. Em sua companhia, nas horas em que deveria estar na escola, percorreu todos os locais mais caros do aconchego amoroso que a sociedade carioca podia oferecer.

O amante não experimentava sequer qualquer dos ingredientes do prazer e prometia-lhe livrá-la do vício, já que se julgava responsável perante a família. Desencadeou o desfecho a gravidez inoportuna.

Ao contrário do que afirmara a jovem em sua repreensão na igreja, Alfredo tudo fez para que o aborto ocorresse com sucesso. O que não lhe estava nos planos era a complicação que adviera. Contar aos demais que fora o causador de todos os males não podia, por isso, arquitetou imaginoso plano para levar os pais a pensarem tratar-se de caso

de irresponsabilidade pura e simples, pela ignorância da pequena. Fê-lo através dela mesma, instruída para a teatralização do enredo, sob a ameaça velada de que, caso o verdadeiro autor fosse descoberto, iria ter de submeter-se ao vexame da divulgação do vício.

Na verdade, Ângela correu risco bem maior do que ver a condição de viciada divulgada. Se não tivesse acedido de boa vontade, certamente teria ficado na mesa de operações.

O que fez Ângela confiar o segredo à mãe foi a morte do pai. Em seu transtorno de infelicidade, tendo visto o velho partir na ignorância dos males que a afligiam, em acesso de profunda angústia e depressão, por lhe faltar a droga naquele instante, revelou tudo à progenitora.

Ao se encontrar com Alfredo na igreja, disse-lhe que não mais a procurasse, pois havia contado tudo à mãe e ele iria sofrer as consequências de seus atos.

O tio, como vimos, ao perceber a aproximação do irmão e à vista das circunstâncias, limitou-se a conduzir a sobrinha até onde estava a mãe, tendo sussurrado no ouvido desta que nada fizesse de que mais tarde pudesse vir a arrepender-se. Antes de qualquer atitude impensada, aguardasse sua visita para o dia seguinte.

Naquela mesma noite, porém, antecipando-se à promessa, Alfredo esgueirou-se até a casa do irmão, para não permitir à cunhada qualquer divulgação do que ocorrera. Sabia que poderia sofrer grave revés, se tudo fosse levado ao conhecimento da imprensa. Se fosse só a polícia ou a justiça, saberia como contornar a situação, mas o jogo dos noticiários teria repercussões graves. Dado o seu relacionamento com representantes do povo em diversas assembleias, cujas campanhas haviam sido subsidiadas pelo poder do narcotráfico, por seu intermédio, caso o seu nome se destacasse de algum modo, iria ser imediatamente eliminado. Era preciso sufocar a voz à sobrinha e à mãe.

Diante da cunhada, expôs à minúcia o seu plano de ação. Se estivessem de acordo, iria propiciar a ambas viagem de recreio pelo mundo, podendo fazer-se acompanhar de todos os filhos. Receberiam forte subvenção para instalarem-se no país que mais lhes agradasse, ficando certas de que teriam tudo muito bem garantido. Deixava claro, porém, que, se não concordassem em mantê-lo longe dos noticiários, iriam ser simplesmente suprimidos do rol dos seres viventes. Para comprovar que não brincava, tirou da pasta arma automática e descarregou-a na parede em frente, contra a fotografia da família reunida. Não se importou com a algazarra dos menores nem com as marcas indeléveis impressas no muro. Servissem de lembrete.

Saiu sem despedir-se, crente de que havia conseguido deixar clara a disposição de manter tudo sob sigilo.

Criseide estremeceu diante da possibilidade de ver toda a família dizimada. Ângela surpreendeu-se com a frieza do caráter do tio, não tendo a mais leve dúvida de que cumpriria a palavra. A pobre menina vivia em roda-viva de terror. Ao vasculhar os seus pertences para ver se encontrava alguma droga que a aliviasse da tensão, encontrou vários pequenos pacotes, com lacônico bilhete, onde se lia:

"Seu amor não se esquecerá jamais de você..."

Nem sua intimidade mais absoluta havia sido respeitada.

ENTRETO

Passemos por cinco anos de adaptação das personagens de nosso drama às condições estabelecidas.

Sem meios de reagir, Criseide pegou a família e transferiu-se para o Paraguai, onde foi viver modestamente com o resultado da venda de suas propriedades aplicado no mundo financeiro. Se a aparência de seu procedimento social indicava para a sobriedade e para a contenção, na verdade as economias tomavam vulto, de sorte a dar a cada um dos filhos as mais dignas condições de crescerem em seus campos de atividade. Estranhamente, contudo, aceitava o cheque mensal que lhe era destinado pelo cunhado.

Por essa época, Ângela, a mais velha, completava vinte anos e podia considerar-se até mais vivida que a própria mãe, principalmente porque conseguira vencer todas as crises, superando, com sacrifícios mas totalmente, o domínio das drogas. Se o amante não a tivesse afrontado com a doação das doses, talvez até corresse atrás dele para pedir-lhe; mas o acinte tivera o condão de mexer-lhe com os brios. Sem ter consciência do rumo que a vida tomaria, resolveu que o melhor para ela, para a mãe e para os irmãos seria não concorrer para a desgraça do amante. Quando a mãe aceitou partir, foi a primeira a estimulá-la que o fizesse o quanto antes.

Nesse meio tempo, Carlos chegou a admitir que não era de seu interesse prosseguir investigando as atividades do irmão. Viu, com extrema surpresa, a família do médico transferir-se para o país vizinho, mas não atinou com a razão desse procedimento.

Lembrava-se daquele rabinho de conversa na igreja, mas não aceitava relacionar o irmão mais novo com a sobrinha. Imaginava que ela talvez se referisse ao fato de não ter o tio visitado o irmão durante a doença e via nas lágrimas da sobrinha a dor da perda do pai.

Mas Carlos não estava sozinho na investigação que iniciara. Quando ensaiou abandonar as pesquisas, sentiu forte empuxo de caráter consciencial, pois parecia-lhe que algo havia nas atividades do irmão que poderia repercutir fortemente em sua própria vida e na da família.

Sem que desse notícia a ninguém, pôs-se a campo, auxiliado por dois detetives especialmente contratados para espionarem as atividades do irmão.

Não demorou para receber as informações de que o jovem senhor vivia sob a proteção de forte esquema de segurança, sendo impossível para os não apetrechados investigadores sequer chegar perto dos documentos que poderiam levantar sua real atividade. Era o máximo que fariam, à vista de terem desconfiado de algo muito grandioso para seu pobre escritório. Por outro lado, havia riscos que não gostariam de correr...

Com essas indicações pouco precisas, Carlos se viu coagido a ir diretamente às falas. Que Alfredo escondia dele e dos demais familiares?

Nesse ponto dos pensamentos, levantou-se-lhe forte dúvida no espírito: que familiares havia para que Alfredo respeitasse? Os pais faleceram. Dos dois irmãos, sobrava ele, tendo, inclusive, a família do mais velho ido embora. Alfredo vivia só. Tios e tias não se irmanaram com os demais, sendo raras as ocasiões em que se encontravam. Na verdade, família mesmo só havia a sua. E que direito tinha de investigar as atividades do irmão?

Esse pensamento, aliado ao fato de que precisava cuidar dos negócios, afastou Carlos das preocupações com Alfredo. Era maior de idade: que cuidasse de si mesmo.

Foi com essa resolução que Carlos deixou escorrer aqueles cinco anos, até que recebeu longa carta da sobrinha, com quem jamais perdera contacto, telefonando ou escrevendo amiudadamente. Quando passavam dois ou três meses sem notícia, parecia que algo fazia com que sentisse necessidade de corresponder-se.

Aquela carta era especialíssima. Finalmente, a jovem resolveu delatar o amante ao tio, narrando-lhe detalhadamente todos os passos do desventurado relacionamento. Ao final da missiva, firmava o desejo de voltar ao Brasil, para deliberar com o tio o que deveriam fazer para o auxílio ao familiar transviado do caminho das virtudes. Não guardara ódio nem rancor, mas sentia-se responsável por não ter nada feito em favor daquele que chamava de cego e infeliz. Sabia de sua monstruosidade espiritual, mas conhecia também a misericórdia divina, de sorte que algo de bom poderia resultar da intenção de reintegrá-lo na sociedade dos justos. Aguardava manifestação do tio.

Carlos aturdiu-se. Na longa correspondência com a sobrinha, não havia jamais insinuado que desconfiara do irmão nem que pudesse ter sabido de algo entre os dois. Como é que agora a sobrinha se dirigia a ele como se estivesse ciente de todos os males praticados por Alfredo?... É verdade que suas cartas corriam em torno da vida e da morte. A sobrinha costumava falar de certas visitas que fizera com o avô nas peregrinações de assistência à pobreza. Após a instalação no Paraguai, estando por demais consternada, revelavam as suas primeiras ponderações que a salvação da mãe e a dela mesma fora a literatura espírita. Mas, ainda que todo o conhecimento da doutrina se tivesse feito, não compreendia ele como é que poderia alguém abandonar tudo o que construía, para aventurar-se em terreno totalmente cediço.

Carlos demorou dez dias para responder, até que se atreveu. Eis o teor da missiva:

Querida Sobrinha Ângela:

Muito fiquei preocupado com as revelações de sua carta. Por que, na época, vocês não me informaram de nada? Eu sabia, por boca de seu pai, que você tivera um aborto criminoso, mas nem ele nem ninguém suspeitavam do Alfredo. Que grande vigarista ele me saiu!

Você me diz para tentarmos salvá-lo. Que boa alma você é! Que sua mãe sabe de seus projetos? Não deveria poder opinar a respeito de decisão tão delicada?

Se o seu tio, meu irmão, infelizmente, foi capaz de tanta arruaça, que não fará agora, se você der as caras por aqui? Eu tenho muito medo. Já faz bastante tempo que não nos encontramos e, quando isso acontece, raramente permanece conosco mais que dez minutos, sempre dando desculpa desse ou daquele negócio, com ares de quem está preocupado até com as sombras.

Eu e Catarina não sabíamos a que atribuir essa conduta, mas agora tudo nos parece extraordinariamente claro. Ele está com medo. Medo da família. Medo dos inimigos. Medo da polícia. Medo até dos amigos e companheiros de "profissão". Acho melhor não declarar expressamente, para não correr riscos...

Veja se você realmente deseja voltar ao Brasil, mas saiba que muito difícil será qualquer contacto com seu tio. Nós aqui em casa muito nos alegraríamos de tê-los conosco. A última foto da família mostrava que os garotos são já homens feitos. Parece que os ares do Paraguai lhes fizeram muito bem. Você está linda e aposto que tem até algum apaixonado (ou muitos). Não seria melhor você pensar em casamento e em estabilidade?

Recomendações à mamãe e aos maninhos.

Beijos de Catarina e um forte abraço meu.

Juízo, menina!

Carlos não esperava demover a sobrinha, mas tinha a certeza de que a faria pensar mais seriamente. Não quis fazer novas acusações contra o irmão, para não fermentar os desejos dela de encontrá-lo. Assustava-o a perspectiva de que a sobrinha pudesse estar mentindo, ou seja, que tivesse a intenção de vingar-se ao invés de salvá-lo, como dizia na carta. De qualquer modo, sabia que a menina tinha o coração bondoso e a sua imaginação deixava a consciência atormentada. Não seria ele mesmo quem estaria com desejos de pregar ao irmão severa lição de vida?

Por outro lado, se a pequena aparecesse de repente para cumprir o desejo de levar ao tio a boa nova do espiritismo, não se veria com a responsabilidade de irmão mais velho a fomentar o encontro e os desencontros?...

Enquanto Carlos hesitava diante da decisão que teria por consequência algo definitivo em relação aos laços que o prendiam ao irmão, no etéreo, os pais voltavam de longa permanência em instituição de formação de socorristas.

Tendo deixado vários amigos encarregados de avisá-los a respeito das atividades dos familiares, em lugar de precipitarem atos que dificilmente saberiam controlar, optaram por seguir sábio conselho do amigo Virgílio, isto é, que se dedicassem ao estudo e à prática do socorrismo longe dos problemas afetivos. Agissem como experimentadores de

laboratório, antes de se envolverem com criaturas que tão de perto lhes falavam ao coração.

Durante todo esse período, Marcos permaneceu internado. Apesar de ter-se recuperado em parte, ainda lhe era terminantemente vedado inteirar-se dos eventos com seu pessoal. Somente após dois anos de cuidados médicos é que pôde receber rápida visita dos pais, assim mesmo impedidos de fornecer-lhe qualquer informação a respeito da família. A visita teria sido meramente protocolar, não fora a extensa gama de reações psíquicas colocadas em jogo, para a atenta observação dos percucientes instrutores, Virgílio à frente.

Dessa análise, brotou o roteiro de atividades que o casal se obrigaria a cumprir no âmbito do educandário que frequentavam.

Por ocasião da manifestação do desejo de Ângela de contatar Alfredo para imposição em seu ânimo da possibilidade do perdão e, por via de consequência, de alteração completa de vida, Josineida e Nepomuceno encontravam-se aptos a dar-lhes plena assistência.

O MUNDO DE ALFREDO

Volvamos o olhar para aquela figura enigmática e traiçoeira, que tanto terror conseguiu infundir na família de Marcos.

Alfredo era o que, na gíria, se conhece por *boi sonso*. Figura apagada desde criança, não se destacou em nada em que se meteu. Parecia refletir contra a sociedade a mesma rejeição que perscrutara no ânimo dos pais durante a gestação. Na verdade, se o casal, no momento da concepção, tivesse tido acesso à ficha de programação de seu encarne, talvez manifestasse o desejo de abortá-lo, no justo momento do ingresso à carne, desfazendo os compromissos.

Alfredo era antigo desafeto de Nepomuceno, contra quem investia há alguns séculos, durante encarnes dolorosos ou na penumbra do Umbral. Quanto a Josineida, a antipatia se revelava em forma de profundo desgosto por tê-lo rejeitado no ventre, em sete encarnes seguidos.

Como lograra, então, permissão para integrar-se na família do antagonista? Por anuência expressa deste, que desejava de vez resolver, pelo amor, a enfatiada situação de penúria moral que o aborrecia e não lhe permitia avançar junto aos companheiros de grupo. Tal desejo se fez acompanhar da necessária disposição da esposa de aceitá-lo finalmente, de modo que duas circunstâncias negativas teriam resolução.

Mas a vida de Alfredo não dizia do desejo dos pais de resolver o problema da falta de interesse por ministrar-lhe o caminho que o conduziria à benquerença e ao amor. Os desvelos maternos não se concentravam no mais novo, sempre entregue às mãos das babás e dos preceptores escolares. Enquanto os mais velhos recebiam afagos de muito envolvimento sentimental, Alfredo recebia o resto das emoções, como se a ele se destinassem as últimas palavras de longo discurso, aquelas que se dizem por obrigação, para encerramento e despedida.

Mas Alfredo não sentiu essa rejeição como algo inesperado. No fundo da consciência, isolava-se em sentimentos de repulsa instintiva, de forma que, ao atingir a idade da razão, se encontrou realmente sozinho no mundo.

Inteligente, iniciou-se nos negócios, no ramo da compra e venda de automóveis, partindo desde cedo para a receptação de carros roubados. Viu na empresa algo lucrativo e não titubeou em aceitar as regras do jogo, como se escritas e assentes na sociedade

legalizada. Uniu o narcotráfico ao lucro da venda dos automóveis furtados, tendo estabelecido segura rota de dupla mão, enveredando ainda pelo contrabando facilitado pelas autoridades alfandegárias.

Não hesitava em determinar a eliminação de quem quer se pusesse a ameaçar-lhe os negócios, de sorte que lhe foi necessário conviver com inúmeros bandidos assalariados. Sua esperteza, contudo, levou-o a negociar furtos e contrabandos, sem fixar pessoal seu na forma de quadrilha. Tinha contactos e mantinha o pessoal contratado longe de sua pessoa.

Não fora estabelecer critérios para organização das atividades criminosas e faríamos extenso relatório de como atingiu o ápice da criminalidade, sem ferir diretamente qualquer princípio social institucionalizado entre as pessoas de boa-fé. Todos os que com ele mancomunavam viviam distantes da lei; todos os que por ele eram feridos, pairavam a distância da organização legal. Entretanto, as suas vítimas eram as pessoas menos responsáveis pelos desarranjos da sociedade. Eram médicos, professores e advogados dedicados ao trabalho que viam os carros furtados. Eram estudantes ignorantes que se lançavam nos vícios. Eram incautos servidores públicos que se deixavam enlaçar pelas ofertas de propinas, por força das ameaças subjacentes. Enfim, a criminalidade estabelecera suas leis, segundo princípios próprios mas firmemente arraigados na necessidade de a maioria do povo seguir trabalhando, para ter do que ser espoliado.

Nesse reino particular do crime, Alfredo viu-se em casa. Respeitava os que se organizavam em mais vastas instituições e pagava-lhes os tributos que lhe eram cobrados, para poder transitar livremente pelos seus domínios. Não interferiu jamais em qualquer negócio dos maiores, havendo momentos em que se prestou à ajuda com total desprendimento, como se fora serviço admitido para determinados trabalhos. Com isso, pôde diversificar as atividades, mantendo várias concessionárias de veículos como fachadas para lavar o dinheiro provindo do contrabando e das drogas.

Aos quarenta anos de idade, vivia encerrado em perfeita fortaleza, construída no meio do morro, com todo o conforto das modernas vivendas europeias e com total segurança, onde o mínimo apetrecho vinha com a garantia das melhores procedências.

Como fazer Ângela penetrar nesse universo de misteriosos vínculos e de completo desprezo pela vida humana e dele sair com a vitória do amor assegurada era o problema que se punha aos sofridos pais, que percebiam o filho cada vez mais enredado nas malhas do mal e crivado pelas vibrações deletérias dos sofrendores impenitentes que ele ajudava a arremessar no bátrio a cada momento.

SEPARAÇÃO

Nepomuceno deveria cuidar da neta. Josineida precisava encaminhar Carlos nas sendas do espiritismo. Separar-se-iam, portanto, sem reencontros diários, sem relatórios circunstanciados.

Desde que Nepomuceno voltara da densidade corpórea, Josineida não se havia afastado dele por vinte e quatro horas sequer. No tempo de espera, estivera internada quase incomunicável. Na peregrinação pela Terra, tornara-se a amiga de todas as horas. Após a aproximação para proteção de caráter espiritual, estivera com ele o tempo todo, com exceção de alguns momentos de desafogo carnal, que ela compreendera e respeitara. Mas a união era grande e a perspectiva de se verem distantes um do outro deixava-a imensamente triste.

Nepomuceno, ao contrário, mais prático, não sentia a mesma necessidade da companhia da esposa e preferia, inclusive, os instantes em que podia deliberar sozinho a respeito dos temas importantes. É verdade que recorria a ela sempre que em dúvida, mas fazia-o mais por força do hábito. Não fora a intervenção de Virgílio, conciliador, não teria aceitado acompanhar Ângela, a qual reputava preparadíssima para os eventos que se seguiriam. Tinha para consigo que preferível seria estudar o ambiente junto a Alfredo, para diagnóstico do mal e receita da medicação.

Enfim, a previsão desse distanciamento não impedia o contacto mental, de sorte que poderiam confabular sentimentalmente por meio de vibrações específicas de amor e amizade. Afinal de contas, dois anos não haveriam de ser tão puxados assim, diante da eternidade.

Em meio a muitas lágrimas, em triste tarde de inverno, Nepomuceno partiu para o estrangeiro.

Ao se sentir sozinha, Josineida, sempre tão autoritária e decidida, imediatamente convocou a presença de Virgílio, para que lhe desse as orientações precisas dos passos a seguir. Este atendeu logo ao chamamento mas resolveu, de modo cavalheiresco, franco e leal, dizer-lhe que as melhores atitudes lhe seriam ditadas pelo amor ao filho. Não se preocupasse com roteiros, esquemas, definições de limites. Visasse ao bem do filho, unicamente. As inspirações lhe seriam sopradas no momento em que lhe falecessem os recursos do auxílio. Lembrasse as aulas do socorrismo e nunca se sentiria só, pois Deus é Pai e vela por todos os filhos.

Retirou-se o orientador, deixando a mãe às voltas com deliberações e intenções.

Josineida não se fez de rogada e aproximou-se da família de seu querido Carlos. A primeira entidade com quem topou foi o espírito da antiga companheira, agora transformada em anjo tutelar, em suave protetora. Viu naquela frágil criatura, amável e dócil, a presença do próprio marido e, desde logo, definiu-lhe a conduta. Queria que ela fosse o seu auxiliar imediato, o seu lugar-tenente para todos os serviços.

Adelaide não recebeu bem a iniciativa da fogosa senhora e, simplesmente, desapareceu-lhe das vistas. Não queria receber ordens de ninguém. Se precisasse Carlos de sua presença, compareceria incontinênti. Não receberia ordens de ninguém.

Josineida ficou estarrecida com o descaso daquele espírito que vira transformar-se um dia perante seus olhos e não compreendeu a razão de semelhante procedimento. Deixaria para resolver isso mais tarde. Agora, era trabalhar; só trabalhar...

Carlos vivia para o serviço. Os três filhos ajudavam-no nas tarefas cartorárias, de sorte que a aposentadoria estava prestes a se concretizar. Josineida avaliou os sentimentos do filho em relação ao irmão e reparou que todo o amor que demonstrava anteriormente se havia transformado em puro medo. Se a imagem do irmão lhe surgia na mente, procurava, por todos os meios, desfazer-se dela, levando a imaginação a configurar o quadro descrito pela sobrinha, quando a violência do irmão deixara fundas marcas em diversos corações. Se a mãe insistia em interferir-lhe nas sensações, imediatamente lhe vedava o acesso ao coração e à mente, desligando-se inteiramente do plano espiritual.

Josineida decidiu, então, que o ponto mais favorável para conduzir o filho ao espiritismo seria levá-lo a lembrar-se da sobrinha e dos pais, predispondo-o à releitura da correspondência.

Nesse meio tempo, Catarina havia suspeitado de que a jovem distante poderia estar exercendo algum tipo de fascinação sobre o marido e, sorratamente, deu sumiço no maço de cartas. Escondeu-as e fiscalizou a atitude do marido, relativamente ao interesse em manter viva a correspondência. Lera a extensa narração do caso da sobrinha com Alfredo, mas não aceitou tudo como verdadeiro. Achava que a *boa menina* bem poderia ter estimulado o tio a tomar as atitudes que tomou. De qualquer forma, não lhe aprovava a vinda para a *catequese* pretendida.

Josineida desesperava-se por ver os caminhos obstruídos. Imaginou sério acidente ou enfraquecedora doença que remetesse o filho ao leito, para reflexão a respeito da vida, momento em que o faria interessar-se pelas obras espíritas. Lera diversas delas, em sua peregrinação pela doutrina, nas quais o recurso havia sido aplicado com sucesso. No entanto, ao intentar o primeiro desvio de rota do carro, percebeu que nem conseguiria materialmente atingir o objetivo, nem sentimentalmente estava em condições de admitir fazer alguém sofrer, especialmente sendo criatura de seu próprio sangue.

A sorte veio ajudá-la. Na verdade, não foi propriamente o acaso, mas o fato é que Carlos e Catarina receberam insistente convite de casal amigo, velhos senhores que compareceram ao tabelionato para estabelecerem o usufruto dos bens, ao tempo em que os distribuía pelos filhos. Eram pessoas que se relacionaram com os pais do notário em épocas antigas e que conheceram a ambos em plena atividade no centro. Lembravam-se da chegada de Nepomuceno e dos transtornos de Virgílio. Conhecera Carlos o antigo presidente da instituição?

Carlos tinha vaga lembrança de ter ouvido o pai falar em alguém muito importante, que estivera hospitalizado e que se recuperara de sério ataque cardíaco. No entanto, o convite interessou-o sobremodo, pois parecia-lhe a oportunidade de resgatar a memória de certa parte oculta das atividades dos pais. Que haveria naquele ambiente que tanta atração exercera sobre ambos e que punha Ângela em atitude de aceitação de sacrifício tão pungente?

Assim, certa noite de dezembro, em pleno bulício das comemorações natalinas, o casal foi recebido em festas por alguns dos companheiros dos pais, que, naquela ocasião, prometiam incentivar a presença dos antigos confrades para manifestarem-se em sessão de doutrinação. Por diversas vezes, tiveram a presença de ambos em reuniões memoráveis, em que estiveram a discorrer a respeito do amor e da necessidade da prática do bem. Quem sabe se, com a vinda do filho e da nora, pudessem estabelecer algum contacto íntimo de interesse para a felicidade da família?

Espicaçada a curiosidade, Carlos e Catarina puseram-se de sobreaviso para qualquer informação de carácter particular. Por intermédio das cartas de Ângela, sabiam da possibilidade desse relacionamento entre os planos. Medo não tinham de enfrentar fantasmas, pessoas de carácter firme que eram. Temiam ofender os princípios católicos, que aceitavam por força de seu crescimento nessa religião. Mas eram pessoas muito independentes, de sorte que tudo poderia valer-lhes naquele momento da vida, para fazê-los mais próximos da verdade que, não demoraria, teriam de ver revelada, à vista de seus trespasses. Antecipariam um pouco esse momento, na certeza de que, se o contacto com os familiares falhasse, nada de ruim poderia acrescentar-se-lhes à vida.

Iniciados os trabalhos, manifestou-se certo espírito feminino, que se identificou como Adelaide, que fez breve alocução a respeito do amor e da consideração pelo ser amado. Demonstrou que se interessava pelo casal recém-chegado e predisse para aquela noite a manifestação de alguém muito importante para a família. Recomendava-se às suas preces e orava, por sua vez, fervorosamente, para que o futuro os resguardasse da dor e do sofrimento.

Em seguida, vários espíritos protetores encaminharam sofrendores em vias de conversão ao bem, de modo que a sessão teve transcurso normal, sendo que Carlos e Catarina se agitavam nas cadeiras, diante das narrativas em que os efeitos correspondiam exatamente às causas, em encadeamento perfeitamente explicável. Era o princípio que viam aplicado pelo doutrinador em cada ligeira participação para esclarecimento dos fatos e dos infortúnios. Os dramas eram pungentes, apesar de corriqueiros. Parecia a eles que a realidade se transfigurava, desdobrando-se em dois planos completamente distintos mas intimamente relacionados.

No etéreo, Josineida se preparava para a exposição, preocupada em fornecer ao filho os elementos mais seguros, para confirmação de sua presença. Queria fazê-lo fortalecer-se moralmente para os embates que se lhe delineavam no horizonte da vida.

— Querido filho, eis-me aqui. Em primeiro lugar, devo agradecer à amiga Adelaide as providências que tomou para aproximar os amigos e fazer com que conseguissem trazer a este recinto sagrado uma das criaturas que mais amei na vida. A emoção com que me dirijo a vocês sufoca-me as palavras e é a custo que me manifesto pela primeira vez diante de meus familiares. Não que estivesse impedida, mas é que eles não se compõem para o

encontro e para a aceitação das verdades espiritistas. Rogo a Deus, neste momento, que o meu bom Carlos se tenha recuperado da estocada que levou e que Catarina se tenha compenetrado de que Ângela esteja bem intencionada. Digo-o para comprovar que sou eu mesma, Josineida, que me apresento para a comunicação. Para não cansar o instrumento, devo rapidamente dizer que será de suma importância que meus filhos se dediquem com denodo à causa espírita. Neste momento de confraternização, rogo perdão por ter abandonado a luta tão cedo, embora não tenha sido por desejo meu. Pedem-me para deixar o lugar, que outras entidades desejam manifestar-se. Sendo assim, solicito a todos os presentes que, em suas preces, se lembrem de meu filho Marcos, que está precisando muito de ajuda espiritual. Muitas felicidades e aceitem a minha alegria como demonstração de que Deus é pai misericordioso.

Ao final, Josineida não sabia mais o que dizer, pois fora obstada nas revelações pela presença do amigo Virgílio, ali enviado às pressas para impedir que os informes ao plano carnal superassem os limites do racional. Era preciso plantar uma semente, não deixar fixada imensa floresta.

Naquela noite, cada uma das personagens de nossa história tinha muito a que aplicar as reflexões. Josineida buscava vibrar intensamente para localizar o marido. Queria dar-lhe a notícia que demonstrava que seus planos caminhavam para a solução dos problemas. Recebeu de volta a comunicação de que Nepomuceno recolhia com satisfação as informações e que, de seu lado, tudo também caminhava conforme o programado.

Carlos e Catarina dormiram tarde e mal. Ainda bem que o dia seguinte era um sábado e poderiam ficar na cama mais algum tempo.

Adelaide, ajoelhada ao pé do casal, orava com fervor para agradecer o reconhecimento por Josineida de suas atividades e pelo fato de não ter-se magoado em virtude da iniciativa. Agradecia, ainda, a forma pela qual o casal estava aceitando as informações do plano espiritual. A jovem acrescentava muitos pontos ao seu ativo de amor.

EM TERRAS PARAGUAIAS

Nepomuceno, por seu turno, esperava não ter o que fazer junto à neta e à nora. Acreditava que havia protetores familiares do lado de Criseide, a velarem pelo crescimento moral de todos. De fato, em lá chegando, buscando conhecer os amigos que da espiritualidade cuidavam da família do filho, logo foi apresentado ao avô paterno da nora, o qual se desdobrava em atenções para recepcionar o enviado especial do etéreo, para, conforme lhe havia sido dito, missão arriscadíssima de resgate do famigerado malfeitor.

O ex-notário percebeu logo que havia unidade familiar rigorosa, mantida com muito amor pela brandura e intensa atividade da dona da casa. Reparou no carinhoso tratamento dispensado à mais velha e intuiu que grave peso de consciência a obrigava à luta, para não deixar os mais novos encaminharem-se para qualquer desvio do padrão ideal de conduta.

Criseide era o modelo vivo do arrependimento. Culpava-se pelo que sucedera à filha e, ainda mais, por tudo o que ocorrera ao marido. Atormentava-se em suas noites, muitas das quais passava insone, a orar contrita pelo perdão do marido. Fora levada ao espiritismo por força das circunstâncias, dado que a filha se interessara pela doutrina, desde que se lembrara de seu caminhar ao lado do avô, para auxílio aos necessitados.

Neste ponto das recordações, Nepomuceno agradecia a bondade e a providência divinas, que lhe deram o conforto de pequenino sacrifício seu ter tido tão ampla repercussão para a vida de diversas pessoas. Imaginava quão deveria ser grande a alegria de Jesus, por salvar a humanidade, e enxugava lágrimas de satisfação, por ter sido agraciado com alguma benemerência.

Mas Criseide era outra durante a vigília. Determinava com rigor as tarefas do dia de cada filho, reservando alguns momentos para a cobrança das atividades escolares e para o conhecimento rigoroso de todos os passos. Desde aquela fatídica noite em que Alfredo cravejara o retrato da família de balas, todos pareciam temer a volta do tio para realizar a façanha diretamente sobre eles. Esse terror se instalara na alma de cada um, de sorte que cabia a Criseide devolver-lhes a serenidade e a confiança em viver, segundo as normas evangélicas.

É de interesse notar que jamais houvera suspeitado de que fora o cunhado o autor dos desvios morais da filha, pois via o jovem senhor, à época, altamente interessado em

conviver com seus filhos e com o irmão, uma vez que não formara família. Depois do incidente, nunca mais o viu.

Era-lhe, portanto, incompreensível a maneira pela qual o rapaz lhe entrara em casa e tão resolutamente implantara o medo em todos os corações. Não compreendera antes e ainda agora não conseguia configurar na imaginação os processos psicológicos ou conscienciais que o induziram à prática de tão violenta atitude. Através do conhecimento das verdades espíricas, conseguia vislumbrar-lhe algo profundamente arraigado na personalidade, como crimes antigos, originados em encarnes anteriores. Mas não se atrevia a ir além nos comentários, pois o desajuste era tão grande que não lhe admitia a razão estar alguém possuidor de tal malignidade como que embutido em família que tanto bem vira realizar na vida.

Nepomuceno desejou saber se poderia contar com o apoio da mãe para a consecução do plano arquitetado pela filha. Acercou-se da nora e imprimiu-lhe na mente a figura de Alfredo em presença de Ângela. A mãe imediatamente rejeitou a sombra projetada. Não compreendia como a filha sequer poderia aproximar-se de... Nesse ponto, hesitava em caracterizar a figura do cunhado, para não incorrer no perigo de emitir vibrações contrárias à boa virtude que deveria desenvolver. Lutava contra as más ideias e fazia esforço supremo para perdoar os malfeitos ao cunhado. Nesse instante, lembrava-se do marido, da própria apatia, do desejo de vê-lo sempre satisfeito, de sua inoperância, e transferia o ardor da raiva inteira para si mesma, para não ter de se lamentar mais tarde por ter-se agitado contra o cunhado.

O sogro não gostou das sensações contraditórias que sentiu no íntimo da nora. Precisaria eliminar o ódio que se lhe instalara fundo no coração e que transparecia sufocado, pela tentativa de superação intelectual. Percebeu que a nora buscara o conforto da doutrina espírita para o entendimento da verdade íntima contida no que há de circunstancial nos acontecimentos, mas não se alheou do fato de que os sentimentos persistiam grandemente estimulados pela repulsa a Alfredo.

Meio seguro para confirmar as conclusões preliminares encontrou nas reações da nora, ao infiltrar-lhe na mente a figura da artista com quem se envolvera o marido e de quem recebera a doença fatal. Tal como quando aproximou a imagem da filha à de Alfredo, do mesmo modo viu Criseide afastar peremptória a memória da artista, substituindo-a imediatamente pela da enfermeira, a quem levava os informes a respeito do marido. Realmente, Criseide não estabelecera vínculos de conciliação com quem a havia agredido.

Esse o ponto que Nepomuceno deveria atacar em primeiro lugar. Em longo conciliábulo com o protetor familiar da amiga, soube tudo a respeito das atividades dela, de sorte que não perdeu tempo com investigações.

Quis, então, conhecer o que ia no coração da neta. Buscou entrar em contacto direto com ela, informado que foi de que estava inteiramente consciente da necessidade de demonstrar ao tio que o caminho que seguia conduzi-lo-ia à perdição do encarne atual, restando para resgatar longa série de crimes.

O avô viu na neta verdadeiro anjo de candura e a auxiliar mais eficiente para condução do filho às sendas da virtude. Aprendera a amar o juvenzinho, quando muito infante, embora sentisse certo estremecimento íntimo ao se achegar a ele. Desconfiava de que eram resquícios de sentimento de culpa por havê-lo rejeitado de início e, por isso,

forçara a convivência com o filho até o ponto em que se sentiu, por sua vez, afastado por ele. Só, no etéreo, foi-lhe dada a compreensão da realidade de seus relacionamentos e da necessidade premente de captá-lo em sua rede para o seu próprio bem. Se o filho resvasse, de novo, para as trevas profundas que frequentara, não teria fim aquela desavença de tantos séculos.

Era preciso agir rápido para aparelhar a menina, com o fito de enfrentamento da dura batalha que se prognosticava indefinida.

Durante o sono, Ângela se desprende das vestes corpóreas e se encontrou com o avô pela primeira vez. Abraçaram-se longamente e reconheceram-se dignos aliados em favor daquela entidade em desalinho.

Ângela quis saber de todos, especialmente do pai. O avô deu-lhe os informes solicitados e prometeu-lhe, assim que possível, na primeira oportunidade, providenciar encontro entre ambos, pois era necessário, para bem do restabelecimento do médico, que não se arriscasse a decaídas ao influxo da fúria de que se veria tomado, ao conhecer as atitudes do irmão relativamente à sua família. Ignorava, portanto, tudo o que ocorrera à filha.

Ângela penalizou-se com a situação do pai e, ali mesmo, na companhia do avô, elevou os pensamentos a Deus, realizando sentida prece pelo restabelecimento do progenitor.

Na manhã seguinte, acordou decidida a viajar, mesmo que o tio Carlos não se manifestasse a respeito. Criseide, porém, se opôs com veemência, insistindo para que a filha atendesse à razão e não superestimasse os recursos para o convencimento do tio. Que se recordasse das palavras dele. Não estavam ali os cheques, que demonstravam que jamais se havia esquecido delas?

Ângela, então, fez um trato com a mãe. Iriam rezar juntas, solicitando das forças espirituais manifestação em favor de suas ideias. Se estivessem, como acreditavam, sob o amparo dos amigos do etéreo, receberiam clara notícia a respeito do que fazer. Calariam a intenção de voltar ao Brasil, para não influenciarem nenhum médium a oferecer seus préstimos anímicos, mas ficariam atentas para qualquer informação espontânea. Aguardariam.

Nepomuceno considerou bem arrazoada a decisão, mesmo porque se abria perfeita perspectiva para, no momento azado, enviar mensagem direta, sem subterfúgios, podendo fazer nítida referência à deliberação de ambas. Agora, era trabalhar para o crescimento moral de todos.

A ASSISTÊNCIA A MARCOS

Um dia, Marcos despertou do longo martírio consciencial, causado principalmente porque não se compenetrara de que a vida é vivida pela pessoa, uma vez que responsabilizava o Criador pela infelicidade de não ter concluído a peregrinação da maneira que imaginara, ou seja, no regaço da família, agradado pelos filhos e netos. Imaginava que o vírus contraído pelo contacto sexual imprevidente fora armadilha do destino, esquecendo-se de que não só possuía inteiro domínio da propagação da doença, como ainda era totalmente cômico de seus deveres para com a família e a esposa. Além de tudo, exercia pleno direito de livre-arbítrio, não se convencendo jamais das razões que outras pessoas poderiam opor-lhe às deliberações.

Esse raciocínio deixava, portanto, de ser lógico, mas era o puro reflexo do desvario alucinatório de quem se deixa dominar por superior egoísmo, fundamentado em vaidade e orgulho do mais alto poder. Reclamar, no entanto, era o que menos pesava na balança do ilustre cirurgião. Fazia-o para olvidar as reais mazelas que desejava esconder por meio da manifestação íntima da vontade. Mesmo só, abandonado ao leito de dor em que se consumia, com a única vibração amorosa dos pais e a lembrança dos filhos, onde preponderava a força de Ângela, ainda justificava todos os atos para o fantasma de Criseide, diante de quem se via permanentemente, por injunção cármica dessa imagem personificar a figura da divina justiça, a cobrar-lhe as falsas interpretações da vida.

Por ter tomado o bonde errado, Marcos não conseguia perceber que todos os pensamentos revolteavam em torno desse ponto principal, absolutamente em desacordo com a verdade, uma vez que fora ele mesmo o culpado por se ter precipitado em condições tão adversas.

Mas Criseide, que nunca fraquejara no amor pelo marido, à medida que ia desprendendo-se das preocupações com os filhos, foi infiltrando-se no campo magnético possível de contato pelo pobre ser internado, de sorte a impor, finalmente, certa autonomia à quimérica imagem do tormento. Se, nos primeiros tempos, seu dedo acusador apontava indefectivelmente para o marido, ao se achegar a ele, foi alterando aquela postura até que conseguiu introduzir algumas ideias de perdão e de amor realizado em sacrifício.

Criseide aproveitava-se dos momentos de sono, para poder, livremente, comparecer à presença do amado ser. Nesses instantes, era fortemente auxiliada por Nepomuceno, que via nesse mister da nora a mola propulsora que a faria, de modo definitivo, pender para a necessidade de perdoar e de salvar o cunhado. O ex-notário sabia como controlar os momentos de desprendimento energético, ligando-se afetivamente a todos aqueles seres a quem dera origem na Terra e que lhe cabia por sorte elevar aos olhos do Pai.

Foi através desse processo que Marcos chegou a despertar para a vida de relação com os demais seres. Ao acordar, estava presente o pai, em companhia de Criseide e de Ângela, ambas em estado de vigília sonambúlica, convocadas para a reunião.

O ex-médico não tinha total noção de seu estado, por isso Nepomuceno agiu com extrema cautela, fazendo-o recordar-se de todas as fases do passamento, dedicando-se à evidência clínica de pleno domínio do doutor.

Assim que as ideias se aclararam e Marcos se achou na presença do pai, pôs-se de joelhos a orar, pedindo perdão por todo mal que causara na vida.

Nepomuceno, com os olhos rasos d'água mas com o coração fremente de alegria, impôs as mãos sobre a cabeça do filho e fez-lhe a passagem dos acontecimentos que se seguiram ao desencarne, revelando-lhe toda a verdade dos fatos que envolveram Ângela, Alfredo, Criseide e os meninos. Para evitar o borbulhar de ódio ou de extremo rancor, ao se referir às entidades femininas, liberou-lhe a vista para a percepção de suas figuras, deixando-os em plena liberdade para as efusões sentimentais.

Era tempo, porque o esforço de concentração começava a debilitá-lo fluidicamente.

Julgamos dispensável a descrição minuciosa do encontro e da profusão de afetos que envolveu aquele grupo unido pelo amor e pelo sofrimento. Marcos estava envergonhado e não sabia a que atribuir tantas manifestações de benquerença; julgava-se impuro para merecer tanto carinho e tanta consideração; via-se mesquinho diante da formosura moral que evidenciavam os queridos companheiros de lutas. Inicialmente, retraiu-se, mas acabou expandindo-se em solidariedade e confraternização.

Amainados os sentimentos de amor, era chegado o momento da exaltação, à vista dos malfeitos do irmão.

Nepomuceno, maneiroso, disse-se pai de três filhos. Deu notícias de Carlos e expôs, minuciosamente, as condições da queda e da inferioridade de Alfredo. Dispôs as coisas de tal modo que chamou a si a responsabilidade pelo crescimento dos filhos. Se cada um praticara este ou aquele desatinado gesto de contravenção às leis do Pai, cabia-lhe recambiá-los ao caminho da justiça, revelando-lhes os deveres e os compromissos para a compostura ideal diante da vida e da existência. Mas Nepomuceno não podia sozinho arcar com toda a responsabilidade nem realizar todos os trabalhos. Aí introduziu a lembrança da esposa, Josineida, e, por meio de corrente fluídica especial, pôde contatá-la e fazê-la participar do encontro, mesmo que a distância.

Josineida percebeu que Nepomuceno realizava excelente serviço socorrista, não titubeando em favorecer-lhe a tarefa, compondo-se sentimentalmente com o filho e explicando-lhe que tipo de orientação estava imprimindo ao caráter de Carlos, para o objetivo maior da salvação de Alfredo.

Marcos quase ia desfalecendo com a avalanche de informações que recebeu. Foi-lhe demonstrado que a família progredira moral e intelectualmente e que conseguira sobreviver à afronta do irmão. O pai fez questão de demonstrar-lhe que necessitava dele para o devido auxílio ao desígnio de transformar o destino que se renunciava negro para Alfredo e lhe fornecer as diretrizes que deveriam pautar o procedimento a partir daquele instante. A primeira providência seria compreender a necessidade cármica de proteção da família, o que incluía, iniludivelmente, o afastamento das ameaças grosseiras partidas do irmão. Para isso, havia necessidade de se sujeitar à matrícula em escola de evangelização, para aprendizado dos valores morais superiores e aplicação deles na descoberta de sua personalidade. Tal preparação era obrigatória, para que sua participação nos serviços de restauro da unidade familiar não se convertesse em mais um sério problema.

Marcos fora envolvido por extremos cuidados quanto às reações intempestivas. Sentia-se bastante lúcido, embora seu poder de manifestação se visse preso por forte sensação de impotência. Parecia-lhe estar sem domínio de si mesmo, ele que se ufanava de agir sempre segundo arbítrio próprio.

Ao refletir a respeito dessa circunstância daquela reunião, Nepomuceno aproveitou para ministrar-lhe a primeira lição de humildade e ponderação. Em longa exposição, demonstrou ao filho a necessidade de autocontrole a partir daquele momento, pois os fatos que se sucederiam estariam já sob imposição direta de sua vontade. A reunião transcorreria sob o influxo energético das entidades designadas pelos orientadores da instituição, para que tudo pudesse ser dito àquele que fora afastado dos acontecimentos. Era como que a devolução do exercício livre dos direitos de cidadão da existência. Sendo assim, o peso da responsabilidade iria fazer-se sentir inteiramente, assim que fosse colocado do lado de fora daquele recinto protegido pelas forças espirituais a serviço do socorrismo. Ao se ver dono de seus poderes, agisse sob o prisma do bem, sem intenções de revide, ou iria sofrer a desdita das influências deletérias de muitos seres que se lhe constituíam em inimigos. De nada valeria o esforço da família, se se revelasse favorável ao mal. Ficaria na mão dele.

Marcos ia prometer tudo fazer para não decepcionar a expectativa de todos, mas, de repente, se viu sozinho, ao lado de seu túmulo. Que prece precisaria dizer para reconduzir-se à presença do pai ou da mãe? Teria força moral para realizá-la? Que estariam fazendo naquele instante os seus meninos? Lembrou-se dos irmãos e teve um estremecimento, contudo, parecia soar-lhe no fundo do ouvido a voz clara de sua menina. Sofreu muito enquanto se vira internado em si mesmo. Ao olhar para o mundo, a primeira reação foi deixar escorrer algumas lágrimas de saudade e de arrependimento. Estava salvo.

Naquele instante de concentração, perpassou-lhe pela memória, rapidamente, toda a narração do pai. Lembrou-se de Alfredo e fez sobre-humano esforço para conciliar o afeto que sentia pela menina ao antigo companheirismo que o ligara ao irmão. Não viu o crime. Não pensou em castigo. Desejou tão só soerguer os que se encontravam caídos. Perpassou-lhe pela mente a figura da artista que lhe havia transmitido o vírus definitivo da desgraça física e desejou saber de seu paradeiro. Mas as ideias eram confusas, de sorte que lhe apareceu de súbito na mente a figura da enfermeira. Antes que pronunciasse todos os termos do sentido pai-nosso que disse, viu-se transportado para local de intensa

luminosidade, amplo salão em que se encontrava espírito que lhe parecia familiar, sem, todavia, atinar de onde provinha essa sensação.

Antes que formulasse o desejo de reconhecer aquela excelsa figura, recebeu a informação:

— Meu nome é Virgílio. Você um dia me conheceu ao visitar o Centro Espírita do Amor Divino, em companhia de sua mãe. Aqui estou para ajudá-lo a programar os estudos. Fique à vontade para perguntar o que bem quiser. Deus esteja com você, querido amigo!

A TAREFA DE JOSINEIDA

Deixemos Nepomuceno às voltas com o encaminhamento do querido Marcos às lides da evangelização e abramos extenso parêntese para nos referirmos às atribuições de Josineida.

Após a condução do casal Carlos e Catarina às sendas do espiritismo, pouco mais havia para ser feito por ela, uma vez que a influenciação se dava com amplo sucesso, tanto em relação a um quanto à outra. O mais que desejava fazer era posicionar-se ao lado de bom médium psicofônico no centro, mas se via impedida por expressa ordenação superior. Virgílio havia dito para encorajar os filhos, mas proibiu-a de referir-se aos trabalhos de assistência que lhes seriam destinados mais tarde em relação a Alfredo.

Sendo assim, Josineida tinha pouco para realizar e passava longas horas em tertúlias com Adelaide, com quem ia afinando-se, apesar de ser criatura muito arisca no que respeitava a cumprir ordens. De qualquer modo, não lhe pedindo para realizar nada, tinha-a ao pé de si para a troca salutar de ideias.

Essas conversas eram longas e entrecortadas de lamentações de oportunidades perdidas, especialmente por Josineida, que se desesperava por não ter tido a acuidade intelectual de ter percebido que melhor deveria ter cuidado do marido e dos filhos. Se tivesse feito por eles algo mais em época oportuna, possivelmente o quadro de suas vidas não estaria tão negro. Culpava-se, entretanto, mais para o desforço de retirar da amiga as informações que lhe dariam a real configuração do relacionamento dela com Carlos.

Adelaide, contudo, atilada, não se submetia ao jogo de Josineida, revelando-lhe tão só o que julgava oportuno, para incrementar-lhe o desejo de ajudar o filho. Incentivava-a a recrudescer a solicitude de mãe, o que refletiria em benefício para o ex-companheiro. Nesse quadro, Catarina aparecia como intrusa para Josineida, todavia, era irrestritamente aceita pela amiga, como se fora parte integrante de um trio formado de amor. Acresce saber que os netos de Josineida também eram como irmãos para Adelaide, de modo que tudo indicava íntimo relacionamento do grupo todo em carne anterior.

À vista de tal situação, às vezes, Josineida se sentia como estranha ao conjunto, de modo que assumia ares de protetora sem vínculo, para sufocar certo despeito que se lhe instalava na consciência.

Mas Virgílio estava atento ao jogo de interesses daqueles dois espíritos ainda mergulhados na psique feminina, de sorte que, toda vez que se toldavam as intenções de ajuda mútua, providenciava algo para demonstrar que o objetivo de ambas era preservar a família de males maiores. Foi por essa razão que colocou na mente de Carlos certa dúvida de caráter moral, que se transformaria em sério abalo de consciência.

Pela altura da décima visita ao centro, quando o casal já se capacitara a admitir a lei de causa e efeito e a necessidade da reencarnação, Carlos principiou a meditar profundamente a respeito dos negócios que promovera durante toda a vida e o meio utilizado para arrecadar dinheiro. Lembrou-se do velho pai a indicar-lhe as fórmulas capazes de burlar o fisco e a necessidade de agradar os clientes com saídas eficazes para diminuir os gastos. Sabia que muitos funcionários e ex-funcionários ficaram ricos aplicando certos expedientes de seu conhecimento. Entretanto, adotando a política do pai, *azeitava* a mão de quanta autoridade podia, para que os negócios se fechassem de modo a prevalecerem os interesses individuais.

Recordou-se da cutilada que recebera ao desferir de modo errado certo golpe financeiro em pessoa que não suspeitava tão agressiva. Não chegara a armar a trama que incidiria em vantagem para todos e recebeu a facada certa, que o retirara de circulação por algum tempo. Tantos anos decorridos e ainda sentia o frio do aço a penetrar-lhe pelo abdômen.

la sacudir a cabeça para afastar tais ideias, quando lhe ocorreu que poderia ter sido aquele mal o indício de que deveria refletir a respeito das atitudes de vida. Fora por aquela época que avaliara as incursões da família pelo campo dos vícios e do crime. Espírita de primeiras letras, era capaz, no entanto, de ver nos acontecimentos a mão dos protetores familiares. Estaria a mãe ou o pai por trás de tudo o que lhe ocorrera? Que voz era aquela que lhe dava estremecimentos quando lhe recomendava amar a família e cumprir os compromissos do encarne e que se identificava como Adelaide? Parecia repercutir no fundo da alma aquele nome, como se já tivera sido íntimo de alguém com aquele apelido. Seus conhecimentos da doutrina faziam-no suspeitar da possibilidade de estar diante de algum espírito muito chegado de outras encarnações, mas não atinava como poderia ser aquilo, uma vez que se apegava em profundo amor, em ânsias de paixão à sua doce Catarina.

Refletia, então, sobre a vida e sobre a família. Via os meninos crescidos a ameaçarem desalojá-lo de sua posição no tabelionato. Ensinara-lhes todas as formas de serem bem sucedidos na profissão, mesmo aquelas que subtraíam ao governo a sua maior parte. Ei-lo de volta a meditar a respeito dos erros da vida.

Era assim que passava os últimos tempos. Esse volteio que dava em torno da necessidade de agir corretamente, para fazer jus ao progresso espiritual, obrigava-o a tropeçar frequentemente nos atos errados. Aos poucos foi tornando-se taciturno e triste. Não via saída para os males realizados. Às vezes, pensava que fora esse o crime que o pai intentara superar ao final dos dias. Será que o velho houvera logrado safar-se das agruras morais? Teria também ele de abrir mão das propriedades?

Nesta altura das cogitações, lembrava-se de Catarina e via-a bem viva, ao contrário da mãe, que partira bem antecipadamente, liberando o caminho para as obras de benemerência do velho Nepomuceno. Carlos tinha especial afeto pelo pai. Houve um

tempo em que este se afastou da família, sem que chegasse a entender-lhe as razões. Começava agora a refletir a respeito do despojamento demonstrado pelo pai, sentindo-se inferiorizado em relação às fortes decisões que deveria tomar na vida.

Bem sopesando os fatos, se desfizesse os negócios espúrios, simplesmente, levaria inúmeras pessoas a enfrentar as malhas da lei, em cujos tribunais certamente seria vencido, por estarem muitos dos fatos inteiramente prescritos. O governo não constituíra advogado que o representasse diante do poder judiciário e isto fazia com que todos se sentissem seguros de suas propriedades. De cambulhada, apareceram-lhe na mente os filhos e o irmão Alfredo, todos ameaçados por sua atitude de *pureza* e *desprendimento*. Recordou-se do pai mais uma vez e viu que o caminho não estava em sacrificar as demais pessoas, mesmo porque a lição poderia não vir a ser aproveitada.

Esse tormento, porque era verdadeiro tormento, instalava-se rapidamente na mente de Carlos. Para efeito da narrativa, apontamos de modo ordenado o que, na verdade, era pura agitação.

Josineida e Adelaide, diante do fato novo, que, aliás, deveriam estar esperando, esqueceram-se de seu esgrimir de astúcia e partiram para o socorro oportuno.

Imediatamente, acionaram Catarina, no sentido de fazê-la pôr-se a par do que ocorria no íntimo do marido. Ela mesma passava por alguma pressão psicológica, em virtude das revelações cármicas do espiritismo, mas nada tão intenso e dramático quanto à avalanche dos problemas que assoberbavam a mente ao esposo. Lembrava-se da injusta ciúmeira com relação à sobrinha e penitenciava-se, imaginando-se recepcionando-a em casa, ao tempo em que pretendia *salvar* a alma do tio. Crucificavam-na a lembrança dos males que sofrera a pobre criança em mãos dele e a sua frieza em imaginá-la falsificando sensações de dor e de angústia. Menosprezara aquela suave criatura que manifestava o desejo superior de perdoar o maior inimigo, disposta até ao sacrifício para reverter aquele quadro de perversidade. Mas a sua atitude não se refletia na mente com a mesma força que no marido, uma vez que, para ela, os seus próprios *crimes* não haviam saído do âmbito das intenções, enquanto, para ele, tudo se transformara em atos palpáveis e demonstráveis.

Adelaide, independentemente das atitudes *oficiais* da companheira, não hesitava em contrariar certos tópicos vedados à outra e dizia, por meio de rodeios e de metáforas, tudo o que julgava oportuno, nas exposições no centro. Josineida, ao contrário, protocolarmente, insistia para que o casal prosseguisse nos estudos da doutrina. A primeira instigava a análise percuciente das causas e efeitos dos sentimentos e ideias que borbulhavam na mente e no coração de cada um. A outra dispunha as considerações na ordem do dia dos eventos de caráter universal, insistindo para que se desse azo ao conhecimento profundo dos ensinamentos espiritistas. A primeira praticava o evangelho. A segunda propugnava-lhe o estudo.

Virgílio supervisionava os acontecimentos no âmbito das consciências, julgando que as atitudes díspares das auxiliares iriam condensar-se fatalmente no ânimo dos pupilos encarnados, para fazê-los deliberar corretamente em prol de seu soerguimento espiritual. Se tudo decorresse como esperava, estava próximo salutar desfecho dessas agonias conscienciais. Bastava pequeno empurrão no campo das decisões capitais. Era o que iria fazer. Para isso, em elaborada situação de constrangimento, obrigou o marido a revelar à

esposa todos os temores. Em conversa bem franca, Catarina expôs todos os seus receios e ambos, amparados um no outro, resolveram que deveriam afastar-se dos negócios para dar tempo ao tempo, na configuração da melhor solução para seus dramas.

Agradeceram a Deus a influência clara que perceberam provinda da espiritualidade e chamaram os filhos para a partilha imediata dos bens e distribuição das responsabilidades. Agiam sob o impulso forte do desejo de cumprirem a palavra de Jesus, mas intensamente motivados pelas lutas que julgavam ter de enfrentar. Não se aposentavam para espairecer a mente nas viagens de recreio. Visavam ao trabalho junto aos necessitados.

Ao contrário de Nepomuceno, expuseram lealmente aos filhos todo o drama íntimo que os afligia, não lhes permitiram palavra de desagrado ou de reprovação e abriram o jogo, no intuito de encaminhá-los à verdade existencial revelada pelo espiritismo. Era preciso seguir o caminho dos pais, para não se verem um dia lançados às garras do remorso.

Os filhos respeitaram-lhes a vontade, especialmente porque tudo lhes passava às mãos, ficando reservados os direitos de usufruto de algumas propriedades, o que garantiria ao casal tranquila aposentadoria. No fundo dos corações, contudo, decidiram-se por crescer em bens materiais, já que lhes era preciso garantir o futuro aos filhos pequenos. Mas foram obrigados a aceder, como condição moral, em instruírem-se na doutrina.

Foi a vez de Josineida reunir-se no etéreo com o filho, a nora e Adelaide, para o encontro do reajuste das diretrizes que norteariam o objetivo maior da salvação de Alfredo. Foi a vez de Nepomuceno apresentar-se por meio de comunicação a distância, para confraternização e apoio.

ÂNGELA E CRISEIDE

A boa moça não conseguia esquecer-se da desgraça de sua vida. Trancara-se em casa desde a época em que o pai morreu, só saindo para as compras ou para o centro espírita, em companhia da mãe. Interrompeu os estudos e não desejou mais participar de qualquer ato em sociedade.

Com o crescimento dos irmãos, Ângela foi por eles estimulada a participar de certas recreações sem malícia, em casas particulares, onde ficou conhecendo jovem que a interessou sobremodo. Ao tempo da correspondência com o tio Carlos, calou a exposição desse namorico, quase diríamos flerte se não houvera alguns passeios e se não tivessem sido trocadas palavras de carinho e afeto.

Mas Ângela era pura de espírito, de sorte que revelou ao jovem a sua condição de mãe sem filho. De início, o rapaz sentiu forte pressão psicológica para abandonar a moça, mas sofreu a repulsa causada com a revelação de ter sido viciada em tóxicos, para enveredar por rumo prejudicial ao relacionamento de ambos, ou seja, pretendeu antecipar as intimidades, sem firmar compromisso. Ângela viu no caso a configuração da realidade de sua vida. Despachou a impudente criatura e nunca mais se expôs sentimentalmente a ninguém.

Pensava muito em Alfredo. Sentia-o frio e distante, malévolo e grosseiro, mas as lembranças eram também ternas e apaixonadas. Havia, no desejo de recuperação moral do tio, certa angústia íntima para sentir-se querida e não odiada pela pessoa a quem entregara a inocência.

Com o passar do tempo, tal visão da figura máscula do ex-protetor foi cristalizando-se-lhe na mente, de forma que o espiritismo teve o condão de despertá-la para a possibilidade de vir a ser o anjo tutelar dele, pensando seriamente em transformar-se definitivamente em sua guardiã, mesmo que tivesse de percorrer as frias cavernas do bátrio, o negrume mais terrífico do Umbral, as cadeias mais frementes dos infernos. Em sua fantasia, trocava os termos e subia devagar para o etéreo, despojada de vícios, totalmente vitoriosa quanto à superação das dores e dos sofrimentos. E trazia consigo aquele ser esfarrapado e carente de orientação e cuidados.

Nepomuceno não gostava desses deslizos perigosos para áreas de pensamento que lhe fugiam ao controle. Se fosse para configurar quadros reais, poderia levá-la a imaginar

situações que lhe pintaria verdadeiras. Como a angústia da moça a levava para zonas emocionais imponderáveis, Nepomuceno se via de mãos atadas.

Ao surtir desses sonhos, Ângela se entregava a profundo desespero, pois se via impotente para conduzir a vida, qualquer tivesse sido o roteiro traçado. Largada em país de todo estranho, onde até a língua lhe era forçoso obstáculo para os relacionamentos, pedia a Deus forças para bem compreender as condições do existir e para reagir com prontidão às recaídas morais.

Era nesse instante, quando se dava ao plano espiritual, que o avô podia insuflar-lhe na alma a grandiosidade da criação e o amor ao Pai, que deveria presidir todo procedimento de vida. Tivesse esperança que o dia da ressurreição estava próximo.

Com esses benéficos fluidos a ampará-la, Ângela sentia-se revigorada e mais se atrevia a entender os dizeres da doutrina que abraçara com tanto ardor. Ao se dedicar à mediunidade, teve o desprazer de ver-se impedida de receber as manifestações dos espíritos de luz. O mais que fazia era tartamudear lamentações ou vociferar imprecizações. Os espíritos a quem dava oportunidade de doutrinação a custo recebiam as orientações dos mentores encarnados, embora se achassem dominados pelos amigos da espiritualidade. Ângela temia que fosse por inferioridade sua que tais tipos de entidades se aproximavam.

Sentindo que poderia prejudicar-se o entusiasmo pelo serviço, Nepomuceno, em calma preleção, através de médium psicofônico, expôs, com proficiência, que Ângela estava bem amparada pelos protetores, que lhe traziam espíritos tão sofredores por saberem que seriam bem recebidos e melhor encaminhados. Não visse no fato qualquer inferioridade de sua parte.

A partir desse dia, Ângela sofreu os impulsos de rebeldia. Tal atitude foi refletir-se vigorosamente na tendência à abstração da realidade. Ao sentir-se tão resguardada do mal pelos amigos espirituais, passou a compenetrar-se de que a vida que levava tinha pontos altamente positivos. Quando se lembrava do tio, agora era para inspirar-se para o bem e para o amor, para o trabalho e para a caridade. Não mais nutria vazias esperanças de suplantar os horrores infernais, mas imaginava que era preciso trabalhar desde já, através das preces, do estudo e do auxílio aos infelizes.

Foi assim que levou a mãe à assistência social. Sabia que possuíam posses e bens de capital. Pediu a Criseide que liberasse parte da verba que amealhara, para oferecimento de agasalhos e de comida aos pobres.

De início, a mãe sentiu forte retração. Possuía bens superiores aos que dera a conhecer aos filhos. Viviam humildemente, embora gastassem com a educação dos rapazes.

Ângela supunha que os cheques mensais do tio é que serviam para as despesas forçadas da casa e demais compromissos, mas enganava-se. Criseide jamais tocou no dinheiro enviado pelo cunhado. Guardara em conta protegida do desgaste inflacionário, no intuito de, um dia, devolver à pessoa que tão drasticamente lhe havia transtornado a vida. Quando Ângela lhe pediu a verba para a benemerência, seu intento de menosprezo ao oponente estava bem atenuado. Já não via Alfredo como inimigo, mas como parente a recuperar para a senda do bem. Não lhe faria a devolução, que só significaria orgulho e inútil supremacia moral. Daria aos pobres, aos necessitados de remédios e de agasalhos,

aos famintos, aos miseráveis párias da sociedade. Mas precisava resguardar-se de que o ato não refletisse qualquer má formação de caráter. Precisaria aprender a dar, já que não soubera receber. A porta aberta por Ângela parecia-lhe perfeita.

Sem revelar à filha a verdade do dinheiro destinado pelo tio para a família, estipulou certa quantia ainda superior ao que lhe pedira Ângela e propôs-lhe que se responsabilizasse integralmente pelas doações. Se precisassem dela para ajudar na distribuição dos alimentos e demais itens da benemerência, estaria pronta a colaborar. O que não queria era envolver-se diretamente com o exercício da caridade. Se não se aproximasse demais dos temas em debate, pensava, talvez não sentisse repulsa alguma pelo cunhado.

O sogro, diante de tal propositura, achou prudente não estimular a reflexão a respeito da benemerência, pelo menos por enquanto, pois não via com bons olhos o estímulo que levava a nora a supor-se tão vulnerável à própria maldade. Via-lhe a consciência mergulhada em culpas, embora sentisse que se iniciava a luta pela emersão. O que não queria era vê-la debater-se inutilmente.

Durante o restante do tempo previsto pelo etéreo para a formação do grupo que iria trabalhar em prol da redenção de Alfredo, mãe e filha estreitaram os laços do profundo amor que as unia. Compreenderam-se melhor quando se abriram em confidências íntimas, uma revelando o quanto de mágoa Alfredo lhe havia impregnado o coração; a outra demonstrando que o ódio que sentira nada mais era que a transmutação de intenso amor. Ambas se aprontavam para o desfecho com ternura e firmeza.

Um belo dia, Nepomuceno assumiu a tribuna espiritual no centro espírita e revelou às pupilas que era chegada a hora de volver ao Brasil, para o objetivo de há muito acalentado. Não falou com clareza a respeito das intenções de ambas, mas foi suficientemente explícito para demonstrar que a iniciativa da redenção do parente e desafeto estava merecendo a aprovação do Alto. Agissem com boa vontade e com zelo apostólico que teriam a bênção de Deus.

Naquela noite, Josineida estava presente e reforçou as palavras do marido, em linguagem cifrada, para não levantar suspeitas nas mentes dos que desconheciam o drama, estimulando e aplaudindo a deliberação do retorno ao Brasil.

Ao se findarem os trabalhos da noite, todos os amigos se consternaram com a notícia da viagem. Perguntaram se voltariam e Criseide respondeu que tudo estava nas mãos de Deus.

Ultimados os negócios no Paraguai, desmontada a residência que ocuparam nos últimos sete anos, em bela tarde de verão, a família toda embarcava para o Brasil em moderna aeronave. Vinham decididos a realizar os seus objetivos. Sentiam-se fortes e amparados.

Em meio a forte tempestade, o avião desapareceu nas águas oceânicas. Não houve sobreviventes.

ATROPELO NO ETÉREO

Nem Josineida nem Nepomuceno esperavam receber de volta tão cedo aqueles seres com quem contavam para demover Alfredo da vida de crimes. Tinham tornado a sua pregação no fundamento do reerguimento de uma terceira pessoa, sem se preocuparem realmente com o crescimento das virtudes necessárias para a salvação de cada personagem sob sua tutela. De repente, viam-se com a incumbência sagrada de preparar o retorno de cinco entidades de uma só vez.

Sem tempo para reflexões, puseram-se ao lado dos espíritos enleados ainda na matéria, sob intensas orações. Junto ao casal, estavam Adelaide, o avô de Criseide, Virgílio e um pugilo de socorristas que conseguiram congregar para a ajuda de última hora. Ainda bem que havia plantonistas dispostos no roteiro do plano de voo, de sorte que a eventualidade mereceu atendimento oportuno.

Ângela foi a primeira que despertou do impacto do cruzamento dos limites existenciais. Ao ver os avós, reconheceu logo Nepomuceno e imaginou que o ser que ao seu lado lutava em serviço de assistência só podia ser Josineida. Mentalidade prática, pelo estudo a que se dedicara dos fatos espirituais, Ângela pôde, de imediato, perceber a extensão do acidente.

Quando os avós vieram para o seu lado, no intuito de lhe ministrarem os primeiros esclarecimentos, pediu-lhes que cuidassem dos irmãos, especialmente do mais novo, que se havia mostrado rebelde aos estudos do espiritismo, principalmente por não aceitar a premissa da dor para o crescimento moral.

Criseide se via fortemente amparada pelo avô, de sorte que não lhe foi difícil desembaraçar-se das presilhas fluídicas que a prendiam à carcaça. Sua primeira reação foi perguntar pelos filhos, se havia possibilidade de salvar algum para a vida densa da matéria, pois acreditava que nada haviam aproveitado de encarne tão curto. Ao ver a serenidade estampada na fisionomia de todos, criou força de resistência à ânsia e atendeu com resignação ao pedido de paciência e de calma. Quis, então, evocar o marido, o seu Marcos, mas impedido lhe foi vibrar nesse sentido, pois não estava devidamente instruído para aceitar, desde logo, a tragédia que se abatera sobre a família. De qualquer modo, Criseide pôde estabelecer contacto espiritual com seu orientador, o qual concentrou o bom magnetismo dela na direção dos três rapazes, que estavam prestes a despertar.

De fato, os dois mais velhos, com alguma turbulência mas sem sofreguidão, puderam receber o auxílio das vibrações de todos, no sentido de se porem atentos para o que lhes havia ocorrido. Tal como Ângela prognosticara, o mais novo rebelou-se contra o destino que o impedia de prosseguir com diversos planos de vida. Não fora a experiência do bom Virgílio e teria descambado para a grosseria e o acinte contra a justiça divina. Colocado em estado semicataléptico, foi conduzido para a mesma instituição que agasalhara o pai, com o fito de ser tratado em caráter de urgência.

Se calássemos a respeito do atendimento aos demais passageiros e aos tripulantes, saberia o amigo leitor reconhecer que todos estavam do mesmo modo recebendo a mais digna assistência dos amigos e protetores? Pois ali havia todo tipo de reação que se possa imaginar, de modo que todo o local fremia sob os impulsos vibratórios mais descontraídos. Até a equipe que veio com a predisposição de auxiliar as nossas personagens se pôs à disposição dos demais, uma vez que fora de muita tranquilidade a recepção deles. Mesmo Ângela participou do resgate de vários espíritos, tendo propiciado reconforto a diversas mães inconformadas com a perda para a vida dos filhos ainda pequenos.

Quando o bulício amainou, Ângela, os dois irmãos e Criseide foram conduzidos para local de repouso e recuperação, onde seriam assistidos diligentemente pelos amigos que os socorreram.

Caberia a Josineida preparar a mente e o coração de Marcos para o encontro que se seguiria. O ex-médico, entretanto, confrangido pelas culpas que o assediavam, pusera-se em condições favoráveis para aceitar os erros dos outros. Como princípio filosófico, adotara o lema de que só consegue perdão aquele que sabe perdoar e todo o seu raciocínio sobre a vida e a existência se escudava em tal premissa. Sendo assim, quando Josineida lhe apareceu com a fisionomia transtornada, incapaz de plenamente confiar nos eventos como orientados por superior administração e suspeitosa de que o filho pudesse não ter compreendido a extensão do poderio cármico dos fatos, foi-lhe fácil conceber que algo de muito sério ocorrera. Preparou-se para as más novas e concentrou-se no desiderato de soffrear qualquer emoção que pudesse arremessá-lo para as profundezas mais escusas da consciência.

Ao saber do desastre aviatório onde sucumbiram todas aquelas pessoas que lhe coubera encaminhar para a vida, sentiu longo estremecimento por não se ter preparado a tempo convenientemente para o socorro necessário. Imediatamente, desejou acompanhar a progenitora até o local em que foram reunidos.

Lá chegando, ajoelhou-se aos pés da esposa e dos filhos, em lágrimas, rogando para que o perdoassem. Lutava contra sua depressão, ao mesmo tempo que desejava rojar-se aos pés do mais novo, do Júnior, como afetuosamente o chamava.

Posto a par dos acontecimentos que envolveram a família e tendo serenado ao perceber que a confraternização nenhuma vibração maléfica revelara, contente por poder sentir-se novamente um dos seus componentes, rogou ao mentor do grupo ali presente, o esplêndido Virgílio, que lhe fosse permitido acompanhar o tratamento do filho internado em estado de choque. Prometia, médico que era, agir *profissionalmente*, embora sob o arrojo e a disposição que só o amor pode oferecer.

Virgílio ia dizendo que não lhe estava nas mãos qualquer poder decisório a respeito, mas, antes mesmo que terminasse a exposição, chegou-lhe clara a notícia de que poderia liberar o pai para o auxílio ao filho.

Todos, então, sob tão evidente prova de confiança do Alto, se entrelaçaram em emocionado abraço, em uma única vibração de amor e de agradecimento pela misericórdia divina.

Josineida e Nepomuceno, à parte, não conseguiam reter o curso às lágrimas. Compreendiam, finalmente, as razões que embasaram o regresso das criaturas que tão diligentemente estiveram preparando para o serviço de resgate daquele filho que se perdia nas brumas da viciação e do crime. Entendiam que estavam recebendo a adesão de diversas entidades congraçadas pelo amor para a realização do objetivo de sua provação, mas temiam que os que ficaram na crosta talvez não tivessem força suficiente para levar a tarefa a bom termo sozinhos. Se o plano espiritual se robustecera, o plano da carne recebeu terrível desfalque. E os dois anos propostos pelos instrutores estavam esvaindo-se...

REPERCUSSÕES DO DESASTRE ENTRE OS ENCARNADOS

Carlos e Catarina receberam estarecidos a notícia do trespasse dos familiares. Quiseram, de início, investigar possível envolvimento de Alfredo no desastre aéreo, mas logo lhes repugnou a ideia de que teria assumido ares de pai-eterno, a ditar as normas da vida e da morte. Se espírita fosse, poderiam suspeitar que teria força de presidir até os eventos de *post-mortem*.

Carlos providenciou o traslado dos corpos para o Brasil, tendo oferecido aos cinco modesto encarceramento tumular. Era o que poderia realizar como espírita, para não demonstrar qualquer sinal de demasiado respeito pela matéria. Controlava as emoções e orava surdamente para entender os desígnios de Deus. Achava que o desaparecimento de Ângela e Criseide era sinal inequívoco de que a Providência Divina não desejava que se desse prosseguimento à tarefa de aproximação ao irmão. Se fosse diferente, parecia-lhe claro que as pessoas mais interessadas deveriam ter recebido condições propícias para a realização do plano.

A esposa, contudo, no íntimo, pensava diferentemente do marido. Não via, como ele, em que a morte de tantos pudesse auxiliar no contacto, mas considerava necessária a tentativa, principalmente após ter reparado que o cunhado enviara belíssimas coroas de flores, embora não tivesse comparecido para a despedida derradeira. Por telefone, enviou condolências e demonstrou-se completamente magoado com o desastre. Era evidente que Alfredo supunha os familiares ignorantes do seu papel na ida da família ao Paraguai. Mais um motivo para que o entendimento se desse, quando mais não fora, para colocá-lo a par de seu conhecimento da verdade e o que isso representava para quem se estava doando tão intensamente à doutrina espírita. Quem sabe aí estaria a fórmula capaz de mexer com os brios do *criminoso*...

Naquela semana do acidente, o casal não compareceu às reuniões fraternais da casa de assistência espiritual que frequentavam. Para compensarem a ausência, recolheram-se em preces em torno dos textos sagrados dos *Evangelhos*, conforme a edição comentada por Kardec. Aí encontraram lenitivo para a dor e explicação para as dúvidas. Entretanto, ardiam do desejo de consultar os guias do centro, se possível a mentora da família, Josineida, a qual, por diversas vezes, já se fizera ouvir com proveito.

No dia da reunião, agradável surpresa aguardava por eles: estavam lá, no Centro Espírita do Amor Divino, os três filhos, acompanhados das esposas. Conhecedores do

projeto dos pais, principalmente porque foram colocados a par de toda a trama urdida pelo tio contra a família de Criseide, para que não se deixassem envolver por Alfredo nos negócios, através do tabelionato, os jovens sabiam bem até que ponto se estendia a área de influência do tio e qual seu poderio no âmbito das atividades de fora da lei. Imaginaram corretamente que deveriam dar apoio às atividades dos pais, especialmente agora que tinham desaparecido as personagens mais importantes do drama. Aliavam-se incondicionalmente, no sentido de se constituírem em forte retaguarda para prevenção de possíveis ações de retaliação. Temiam muito pelos pais, porque as investigações tinham resultado frutíferas no conhecimento das atividades do tio.

Durante o transcurso da sessão, compareceu Josineida para responder às íntimas perquirições do filho. Deu razão à nora em sua vontade de esclarecer os pontos obscuros das passagens que envolveram o filho e a neta, bem como o restante da família, mas preveniu a todos de que as dificuldades a serem vencidas iriam ser imensas. Aguardassem inspirações particulares, mesmo porque haveria necessidade, por ora, de encaminhar os recém-chegados ao conhecimento de suas reais condições perispirituais. Enquanto isso, que fortalecessem sua moral, através do estudo da doutrina e da prática do bem.

Josineida discursou reservadamente, através da psicografia de médium mecânico, de modo que a mensagem se resguardou de interesses espúrios. Mantivera-se o segredo das atividades socorristas.

Mas o correio etéreo tem meios de observação bem superiores aos dos encarnados, de modo que os espíritos obsessores de Alfredo ficaram conhecendo a intenção de se dar curso às atividades de subtração de seu domínio daquela alma tão pródiga em satisfações. Iriam empenhar-se, portanto, em que o plano se frustrasse.

A ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA

Alfredo, em sua fortaleza, comandava extensa rede de contravenções. Desde a época em que ameaçara a cunhada, estendeu os domínios ainda para além do círculo dos marginais bem sucedidos. Se antes podia submeter certos juízes e delegados, influenciando decisivamente nos atos de diversos políticos, nas assembleias legislativas, agora se infiltrara intimamente nas forças organizadas para a salvaguarda da pátria, gerindo as atividades em setores do governo e determinando diretrizes até junto a certos comandantes das forças armadas. O homem criara verdadeiro império dentro da marginalidade.

Dentre os crimes, só não resvalara para o jogo do bicho, respeitando a área de diversos comparsas. Até da organização dos sequestros participava como mentor e respeitado conhecedor dos princípios e normas, para não se verem os raptos nas mãos dos policiais honestos e da imprensa. Nunca plano seu fracassara.

No morro em que vivia, mantinha o povo agradecido pela sua bondosa distribuição de benesses. Não havia família de comparsas que não se visse amparada em quaisquer circunstâncias de enredamento nas malhas da lei. Se um dos homens era preso ou assassinado, tudo determinava para dar amparo a quem se submetesse à lei do silêncio. Estabelecera rigoroso fundo de assistência para esses casos, de modo que nem a previdência oficial era capaz de socorrer os filiados com tanta generosidade.

Os menores da região recebiam totais condições de frequentar escola mas, assim que se manifestavam úteis para a organização, eram pinçados e catalogados. Se inteligentes e argutos, eram-lhes propiciados postos de venda ou de receptação de mercadorias roubadas. Dando-se bem, iam para o contrabando. Saindo-se mal, eram levados à prostituição ou ao vício, onde exerciam pequenos mas importantes papéis na distribuição final do tóxico.

Alfredo subvencionava diversas instituições no bairro, de sorte que não havia clube ou associação que não contasse com alguém de sua confiança no comando das atividades.

Se não houvera pátria ou lei, poderíamos dizer que a disciplina que impunha funcionava rigorosamente como pequeno estado.

Mas a presença do benfeitor não se fazia senão por meio dos comandados. Ele mesmo se refugiava em seu palácio, onde podia usufruir tudo que desejasse. Por isso, mantinha-se a par dos eventos no mundo inteiro, podendo entrar em contacto com os

aliados em outros países, imediatamente, sem necessitar recorrer aos serviços telefônicos oficiais. Era poderoso e consciente de seus domínios.

Apesar dessa reclusão, conhecia o mundo todo, tendo viajado incógnito inúmeras vezes, evitando tão só encontrar-se nas cidades em que mantinha sucursais dos ocultos negócios. Passeava pelas ruas de Chicago, de Paris, de Londres ou de qualquer capital da Ásia como verdadeira pessoa da terra, sem nunca chamar a atenção sobre si, mercê de sua equipe de confiança, que lhe propiciava os trajes mais adequados, os gestos mais estudados e o linguajar mais característico. Quando não era capaz de representar alguém do local, passava por turista de terceira categoria, mantendo sempre forte sistema de segurança.

Foi assim que pôde estender seus tentáculos para atividade de difícil realização: o envio de escravas brancas para diversos marajás. Escravas brancas é mera força de expressão, porque manipulava o comércio de morenas, negras e, principalmente, mulatas.

Com tanta facilidade, Alfredo jamais se deixou engraçar por nenhum rabo de saia. Quando desejava encontrar-se intimamente com alguma jovem, fazia a preparação dela através de equipe de gigolôs perfeitamente adestrada para a perversão moral, de modo que jamais a infeliz ficou sabendo estar diante do chefão. Neste ponto, era discretíssimo.

Apesar disso, trouxe ao mundo diversos filhos, de quem cuidava como sobrinhos, dando integral amparo. Quando chegavam à idade de se tornarem úteis, eram admitidos na entidade clandestina com honras de pequenos chefes. Jamais, entretanto, conheciam as razões de tratamento tão especial. Acreditavam-se apaniguados por méritos próprios, embora nada fizessem diferentemente dos demais.

Ajudantes de ordens, conhecedores de todos os mistérios do patrão, havia três indivíduos, cada qual guardando parte dos segredos. Eram os que recebiam as determinações diretamente, por transmissão verbal, para o que havia reuniões diárias, em horários diferentes, de forma a não se encontrarem. Sabiam uns da existência dos outros, mas não quem eram nem em que número.

Poderíamos adentrar em minúcias na explicitação das atividades de nossa personagem, mas o que referimos nos serve para demonstrar o poder que se lhe encerrava nas mãos. Se disséssemos que era tiranete bem sucedido, daríamos tão só pálida ideia da força da organização, a qual era tão perfeita que, se, um dia, fosse desbaratada, sequer se saberia com qual dos diversos cirurgiões plásticos programados iria refazer a aparência e em qual país iria gastar a fortuna, tão longe iam as suas raízes.

Eis delineada a cidadela que deveriam tomar de assalto seu irmão e família.

A FAMÍLIA REUNIDA

Assim que Marcos se recobrou das emoções do reencontro, partiu para a assistência ao menor. Havemos, no entanto, de considerar os aspectos meramente carnis das objurgatórias lançadas pelo Júnior contra a sorte, de modo a considerá-lo atrasado tão só no domínio da matéria. Tão logo foi internado, reacendeu-lhe a antiga percepção da natureza e da existência, de maneira que bem pouco precisou do auxílio paterno para revigorar-se. A bem da verdade, tinha alguma luz e se sentia bem seguro de seus conhecimentos. A hora do desenlace é que fora prematura para sua formação espiritual no orbe.

Marcos pôde, por conseguinte, requisitá-lo para reintegração na família e não demorou dois meses para que todos se vissem em condições de prosseguirem trabalhando para o bem.

Nepomuceno, tendo solicitado o parecer de Virgílio, recebeu a notícia de que estava na hora de se expor minuciosamente o objetivo imediato do socorro à entidade familiar em rota de colisão com a malignidade, a dor e o desespero.

Em bela tarde outonal, todos foram chamados para participarem da séria elaboração dos planos para o auxílio.

Nepomuceno tomou a palavra, invocou a Deus e as forças da espiritualidade superior, agradeceu a oportunidade de estarem todos juntos e bem, e requisitou assistência especial, para que as deliberações a serem tomadas estivessem rigorosamente dentro dos limites de suas possibilidades socorristas. Não via no grupo grandes atributos para a grandiosa tarefa a que se propunham, mas contavam com a assistência dos protetores e dos amigos mais adiantados no amplo campo evolutivo.

Tão enérgicas foram as expressões e tão bem foi secundado pela emoção de todos, que inaudita chuva de pétalas róseas embelezou o ambiente, como se fosse a demonstração inequívoca de que estavam sendo abençoados por Deus.

Nepomuceno expôs com cuidado os temas que mais de perto lhe davam aquele ar de preocupação. Em primeiro lugar, julgava que haveria muita dificuldade em se chegar aos ofensores e obsessores de Alfredo. Sabia que estava o filho sob o poder de vampiros e de desafetos antigos. Conhecia-os bem, pois com eles estivera em íntimo relacionamento

nos últimos séculos, tendo logrado afastar-se por intervenção de sua querida Josineida, pelo muito de amor que os unia.

Sendo assim, não via como levar Carlos a desafiar o irmão com sucesso garantido. Se o filho espírita não fosse feliz na colocação do ponto de vista do amor fraterno e da necessidade de alteração de hábitos, possivelmente iria fazer fermentar o ódio que Alfredo manifestara por todos os outros membros da família.

A custo, Nepomuceno colocou os presentes a par de certa intuição que tinha de que Alfredo nutria por ele e pelos demais intenso sentimento de repulsa. Se arguido a respeito das atividades criminosas, com certeza iria desferir contra os oponentes cerrado levantamento de fatos pregressos, a indicar que ninguém do grupo poderia apresentar-se como santo ou representante das forças do bem. Ele mesmo se reconhecia em falta com seus deveres diante da lei dos homens e das leis de Deus, pois, na última encarnação, havia realizado negociatas em prejuízo de terceiros e, na última passagem pela erraticidade, havia perseguido e obsidiado o próprio filho, tanto que seu arrependimento é que lhe dera oportunidade de tê-lo na família.

Que cada qual se analisasse em função de sua alocução e que *atirasse a primeira pedra aquele que se considerasse sem falta*. Citou Jesus para demonstrar que não seria ele quem iria realizar qualquer acusação. Antes, a lembrança do Mestre trazia à mente e ao coração de todos a justiça de Deus e a lei do perdão.

Josineida falou em seguida e se disse disposta a comparecer diante dos perseguidores do filho para conhecer-lhes a força e o poder exercido sobre a sua pessoa. Não temia ser atacada por eles, pois se supunha com cabedal suficiente de conhecimentos para enfrentar quem quer que se predispuesse pelo ódio ao domínio de alguém que lhe era caro ao coração.

Virgílio interferiu e lhe pediu cautela e moderação, pois nem sempre o amor prevalece sobre o ódio, especialmente se o ser amado não corresponde aos arroubos da ternura. Antes, era de todo conveniente que o estudo que propunha se fizesse pelo grupo todo, ainda com o apoio de diversos elementos de equipes socorristas acostumados ao trato com os sofrendores impenitentes. Que Josineida se lembrasse dos espíritos obsessores com quem trabalhara no centro, máxime daqueles que disputavam com os guardiães a ascendência sobre os encarnados que se espojavam nos vícios, alheios à necessidade do sacrifício para a cura e o progresso.

Marcos propôs-se, então, a pesquisar a respeito dos antecedentes de Alfredo para levantamento das suas prováveis amizades.

— Querido filho — esclareceu-lhe Nepomuceno —, seu irmão vem de inúmeras situações de amargos reveses nas últimas encarnações. A custo vem pagando alguns débitos, mas o crescimento de seu passivo é muitas vezes mais considerável. Tenho-lhe acompanhado o trajeto desde há tempos e posso assegurar-lhe que hoje a sua vida apresenta roteiro até que bem menos manchado de sangue que os últimos dez. Fixo este número porque é daí que data o meu conhecimento de suas atividades. O pobre já passou pelas condições duríssimas de carrasco, de assassino assalariado, de soldado mercenário e outras mais de intenso envolvimento com o crime. Hoje está na retaguarda e não mais executa com as próprias mãos os inimigos ou aqueles que se interpõem no caminho da organização. Entretanto, acredite que, se for preciso, ele o fará. A simples revelação de que

Carlos e família estão a par de seus negócios colocá-los-á em situação de extremo perigo. É preciso tomarmos cuidado!...

Ângela, que se mantivera calada, observando o temor do avô, a incompreensão da avó, a ânsia do pai e a prudência e o bom aviso de Virgílio, arriscou uma observação:

— Será que Alfredo não tem qualquer ponto fraco em que possamos apoiar o nosso argumento em favor dele mesmo? Será que o domínio dos adversários é tão absoluto que não esteja mais em condições de utilizar-se de seu livre-arbítrio? Exercerá sua vontade tão só o que determinam os obsessores ou ainda consegue capacitar-se a manter, pelo menos, a lucidez em suas deliberações? O que quero levantar é se está robotizado ou se pode manifestar desejos para além dos limites estabelecidos pelos padrões vibratórios dos inimigos. Penso que podemos abordá-lo pelo orgulho de ter montado a organização criminosa e, a partir daí, demonstrar-lhe que, pouco a pouco, poderá diversificar as atividades, no sentido de ir purificando-as. Por exemplo. Sabemos que participa do comércio ilícito de produtos contrabandeados. Se lhe fizermos chegar à consciência algo como a necessidade de o governo aparelhar-se para a assistência à criança de rua, talvez venha a abandonar esse setor dos empreendimentos.

— Ingênua mocinha! — Era Virgílio a se admirar de que os auxiliares estivessem tão distantes da forte personalidade da entidade que pretendiam trazer para seu convívio. — Saiba que Alfredo conhece a fundo toda a perversidade dos que se locupletam com o contrabando. Conhece a fundo o relacionamento existente entre os funcionários do governo e os contrabandistas, aos quais dão cobertura e segurança. Sabe também qual é o interesse dos políticos em auxiliar as crianças abandonadas e a extensão dos projetos oficiais, que visam mais à promoção das pessoas do que ao soerguimento das criaturas desamparadas. Digo mais: é capaz até de discernir a dificuldade de integração psicossocial das crianças e dos adolescentes, desde cedo encaminhados para a marginalidade. É preciso não desconsiderar a inteligência e a argúcia de nosso irmão. Se, do ponto de vista espiritual, estamos a vê-lo joguete das forças do mal, saibamos categorizá-lo na Terra entre os que determinam as estruturas e as mantêm, com pleno domínio das condições em que se dão os relacionamentos entre os indivíduos e os grupos. Alfredo está no ápice de um segmento da criminalidade. Só não estabelece as leis porque são as mais antigas e as mais atrasadas da humanidade. São as leis da prepotência e do arbítrio, que se fundamentam na força do poderio econômico e na irreverência à criação de Deus. Para quem age como Alfredo, nada se constitui em obstáculo.

Criseide, que se mantivera em oração, conclamou os demais a que voltassem o pensamento à divina misericórdia, para revigorarem os ímpetus socorristas, que se arrefeceram diante da imponderabilidade das forças contrárias a serem vencidas pelo grupo. Sabia que Virgílio tinha razão, pois fora ela quem melhor avaliara a turbulência mental do cunhado, naquela noite dos balázios contra o retrato da família. Mais que os disparos, contudo, ficaram-lhe retidas na memória as palavras que lhe foram arremessadas e a frieza com que foram proferidas. Não se lhe dissipara de todo o temor da aproximação, agora não mais pelo medo dos malefícios que poderiam sofrer, mas pela inutilidade da tentativa. Por ela, não saíam dali e permaneceriam em contrita oração, único meio que via de alcançar a figura que tanto poder detinha.

Após as preces, os sentimentos de Criseide tiveram o condão de despertar todo o grupo para a necessidade de ver em Alfredo não alguém a quem se conquistar, mas um ser em perigo. Que o poderio daquela criatura fosse grande, tanto melhor: a sua recondução ao caminho de Deus repercutiria com mais intensidade no coração das pessoas e talvez até arrastasse a muitos pelo exemplo que se conseguiria. Este era um estímulo a mais a revigorar o desejo de todos de alcançar o seu objetivo de amor. Empenhar-se-iam sem esmorecimento, pois estava ali concentrada a existência de cada um.

E a reunião findou tarde da noite, levando cada qual impressa no coração a forte vontade de partilhar dos ideais evangélicos dos apóstolos, que saíram um dia pelo mundo a enfrentar todos os empecilhos, tendo muitos sacrificado as próprias vidas, para doar aos semelhantes a perspectiva de trilharem as sendas do bem, na companhia de Jesus.

Aquela noite seria a última que passariam em preparativos íntimos. A reunião os levava a compreender que o mínimo que fizessem seria sempre preferível à hesitação e ao medo. Não se arriscariam sem precauções, mas partiriam firmes e decididos a obterem, no serviço do Senhor, a sua glória.

OS FILHOS DE CARLOS

Onde Nepomuceno e Carlos trabalharam sozinhos, os três rapazes desdobravam-se para levar avante o empreendimento. Sendo três, puderam desvencilhar-se de alguns auxiliares mais antigos, proporcionando-lhes aposentadoria compensatória. É verdade que criaram inimizades, mas não poderiam admitir que se mantivessem enraizados no tabelionato antigos funcionários corruptos.

Eles mesmos, Guilherme, Raul e Ovídio, tiveram a oportunidade de aprender toda a malícia do negócio, mas a ida ao movimento espírita fez com que melhor refletissem a respeito da moralidade que deve prescrever as atividades, de forma a propiciar ensejo ao progresso que aceitavam como necessidade cármica.

Guilherme, o mais velho, fora o mais renitente, mas certa palavra dita no centro o convenceu em definitivo. Foi por ocasião da visita de entidade de luz (assim pensava ele), guia espiritual da família, Adelaide, que desfiou longo rosário de prédicas, para que os indivíduos pudessem ascender na escala evolutiva. Falou do bem e do amor, mas disse da honestidade e do propósito de realizar a caridade de coração puro e benfazejo. Repudiava os que desejavam ludibriar Deus, pensando que algo pudesse passar-lhe despercebido. Citou, como exemplo, certa negociata que alguém estaria em vias de concretizar, enquanto comparecia com a família, afirmando a intenção de reger a vida pelos princípios das virtudes evangélicas.

Cada qual no centro analisou a própria condição e viu como poderia usar a carapuça. Entretanto, foi em Guilherme que serviu rigorosamente, mesmo porque fora endereçada a ele, com alguns pormenores psicológicos elucidativos.

Naquele instante, houve quem julgasse a fala da entidade amiga como intromissão nos negócios materiais das pessoas. Aí Adelaide, tendo captado a vibração, se aproveitou da deixa e referiu-se à vontade que todos os presentes manifestavam de receber orientação e ajuda. Por outro lado, afirmou categórica que restava a opção de seguir ou não os conselhos, no exercício do livre-arbítrio, quando não haveria recurso para o plano espiritual interpor-se. Só obteria sucesso, através dos meios à disposição dos amigos do etéreo, quem se dispusesse a seguir à risca e conscientemente as palavras de muito amor e conhecimento dos guias e protetores. Para isso estavam lá.

Com tanta assistência espiritual, os irmãos julgaram que estava na hora de moralizar todas as atividades de seu ramo de negócios, de modo que muitas vezes se viram em palpos de aranha, para encaminhar antigos clientes a outros cartórios, para os registros em débito com a verdade e a justiça. A luta foi árdua mas o resultado glorioso, pelo menos no aspecto do retorno às categorias da moralidade superior.

Capítulo especial seria escrito quando o tio Alfredo compareceu, por intermédio dos advogados, para transferir várias aquisições na área pertinente às atribuições do tabelionato. Como se acostumaram a fazer, desejaram subornar o oficial de plantão. Atentos ao desenrolar de tais fatos, os donos sabiam que o governo se veria lesado de vários milhões se se fizesse o acordo premeditado. Assim, Guilherme obstou que se transcrevesse os termos solicitados e afrontou os representantes do tio, ameaçando-os de denúncia ao poder constituído.

Cientes do parentesco, os emissários não reagiram, partindo em silêncio para o conveniente relato ao chefe.

Naquela tarde, Guilherme recebeu acre mensagem telefônica do tio, que exigia que os registros se efetuassem conforme havia programado. Sem arredar pé da posição, o sobrinho pediu amavelmente que o tio comparecesse em pessoa, para receber a explicação do que se passava. Por telefone, confirmava a atitude anterior.

Curioso com o que poderia estar ocorrendo, Alfredo, em visita inesperada, foi à casa do sobrinho, ao invés de dirigir-se ao local de trabalho. Como não havia marcado o encontro, não o achou, recebendo a notícia da empregada que o patrão fora ao Centro Espírita do Amor Divino.

Afastado da família há muito tempo, Alfredo recebeu a informação como verdadeiro prognóstico da conversa que iria ter com o sobrinho. Relembrou a infância e a adolescência e viu-se acompanhando o pai, certa ocasião, em que fora buscar a mãe na sede espírita, para alegre reunião familiar. Lembrava-se da desavença que ocorrera, pois recusara-se ela a vir no momento em que lá chegaram, precisando o pai ficar esperando no automóvel por mais de hora. Recordava-se ainda de séria discussão e de algumas lágrimas, tendo-se sentido magoado com a indiferença da mãe pela alegria do filho. Era a festa de seu sexto aniversário.

Chamou Alfredo os seus prepostos e determinou que realizassem o registro dos imóveis de acordo com a orientação do sobrinho, sem discussão. Estabeleceu ainda, como princípio, que nenhuma outra propriedade passaria pela referida casa de registros. Chamou o contador e prescreveu-lhe severa ordem para levantamento de todas as escrituras passadas no tabelionato do pai. Convocou diversos amigos, donos de imobiliárias, e pôs à venda todos os prédios, terrenos e lojas lá consignados. Havia extenso barracão que servia de abrigo para companhia de ônibus. Incompreensivelmente, transformou a empresa em sociedade anônima e distribuiu pelos empregados as ações, transferindo a responsabilidade para terceiros. Mas houve sério problema relativamente à fortaleza que edificara e que ocupava. Era construção especialíssima, projetada para garantir-lhe refúgio absoluto, com diversas saídas camufladas em caso de invasão. Era local de que não poderia abrir mão sem chamar a atenção das autoridades. Viu-se de rabo preso. Entretanto, resolveu enfrentar a sorte e manteve-se na casamata. Não venderia a propriedade.

As atividades de Alfredo chamaram a atenção dos sobrinhos. Perceberam a mudança de atitude dos advogados, tendo-se, desde logo, colocado de pé atrás para algum revide.

Em reunião para deliberação do que fazer, Guilherme contou aos demais a conversa telefônica e referiu a frustrada visita ao seu domicílio. Raul encarregou-se de vigiar os movimentos do tio, no que dizia respeito aos serviços que lhe poderiam vir a ser prestados no cartório e Ovídio ficou de relatar tudo ao pai, para pô-lo a par dos acontecimentos.

Assim que Carlos soube que as propriedades estavam sendo transferidas para outras pessoas, pensou em que o irmão queria fazer o seu nome desaparecer das vistas oficiais. Temeu que os negócios fossem fictícios, mas não lhe foi difícil saber que os compradores eram legítimos, embora os preços estivessem bem aviltados. Passou-lhe pela ideia que Alfredo pudesse estar tramando algum golpe contra a família, mas relutou muito em aceitar a intuição. Por enquanto, o que estava ocorrendo, aparentemente, era o contrário: não podendo manter os sobrinhos sob o tacão do abuso do poder, livrava-os do desagradável dever de dizer *não* às propostas imorais. Temeu pelo fracasso dos negócios dos filhos, mas não sentiu qualquer arrefecimento por parte de nenhum outro cliente. Ao contrário, as informações eram de que muitos buscavam o lugar para fugir das propostas indecorosas de muitos colegas de profissão.

Nesse meio tempo, todas as ligações que se fizeram na tentativa de envolver o irmão diretamente nos negócios se frustraram, mediante a impossibilidade de contato. Os telefones estavam sob o controle de funcionários de várias firmas, não se dignando o mano a atender pessoalmente a qualquer chamado. Estafetas voltavam com cartas e telegramas, com a anotação de que os endereços estavam incorretos. Alfredo buscava isolar-se da família.

PESQUISAS

No plano espiritual, o corpo socorrista comandado por Virgílio organizava-se para o iminente encontro com as forças que preservavam Alfredo do assédio das entidades que pretendiam encaminhá-lo para o bem. O homem não podia considerar-se sozinho, mas se via ao desamparo do amor do Pai, que acreditava estar bem distante de sua figura.

Nepomuceno conseguiu infiltrar-se até os primeiros postos de vigilância, onde pôde perceber extremo bulício e desequilíbrio. Havia inúmeras vibrações de apoio à infeliz criatura, cujo acesso lhe era denegado. Em sua organização criminosa, cabia o auxílio, o socorro, o amparo dos infelizes, se bem que com objetivos danosos claramente definidos. De qualquer forma, entes em péssima condição de saúde eram levados a hospitais, a miséria absoluta não era permitida, a ignorância era atenuada por escolas de primeiras letras e assim por diante. Havia, portanto, pais e mães agradecidos e pessoas reconhecidas. Se a polícia intentasse, à luz do dia, adentrar o reduto de sua atuação, seria recebida pelo populacho a pedradas. Mas a polícia estava bem longe de querer interferir nos negócios de quem lhe dava amparo e segurança. Naquele local, até a delegacia funcionava para o afastamento de desatentos intrusos, inadvertidos para o poder ali instalado.

Mas qualquer bem que se pudesse assim considerar, repercutindo na alma das pessoas como sagrado auxílio, ao despertar a vibração correspondente de agradecimento e solidariedade, ficava restrito ao campo da emissão, pois nunca se conseguia vencer a resistência que opunham os infelizes dominadores dos que serviam ao chefe, instruídos por obsessores maiores para que impedissem qualquer beatitude de se realizar.

Deus estava, portanto, afastado das cogitações do indigitado facínora.

Nepomuceno imaginou revolta dos que desejavam o bem ao filho, mas recebeu imediato esclarecimento de Virgílio, quanto à natureza das personalidades agradecidas. Percorrendo as casas em que a ajuda entrava, foi reparando que as pessoas se iludiam com os presentes recebidos, achando até justo que, em troca, se dedicassem a serviços escusos, como entregas de pacotes de drogas, guarda de armas e de munição, aviso da chegada de suspeitos de serem prejudiciais aos negócios e assim por diante. Havia até seguro correio, podendo as informações ser passadas por desconhecido código ali corrente, mediante linguagem cifrada e combinada. Até pipas no céu poderiam representar este ou aquele

informe valioso para a guarda dos pontos de tráfico. À noite, certas luzes acesas ou apagadas denunciavam que tal ou qual via estava desimpedida para a entrada ou saída das partidas das mercadorias ou dos veículos roubados.

As pessoas manifestavam consideração e respeito, pois se sentiam sob o amparo e a segurança daquela força extraordinária e ilegal, mas sabiam-se nas mãos dos delinquentes. Qualquer iniciativa no sentido de mudança de alguma determinação provinda do comando era imediatamente punida com o rigor da pena máxima: a morte. Desse modo, só quem era conivente, irresponsável ou infenso à lei e à ordem do poder público é que se prontificava a irradiar de si alguma vibração favorável a Alfredo.

Nepomuceno foi obrigado a reconhecer a sua quimérica proposição como inteiramente im procedente. Imaginou que, se às pessoas se assegurasse vida melhor, sob regime político-econômico de maior justiça social, certamente optariam por abandonar aquela vida de escravidão moral.

Com essa ideia concordou Virgílio, mas obtemperou, por outro lado, que talvez a falta da assistência do poder oficial pudesse constituir-se em forte razão a justificar os atos criminosos do filho. Com certeza, se arguido fosse a respeito do bem interessado que praticava, responderia que, além do que sua equipe proporcionava aos moradores do bairro, nenhum outro conseguiriam de quem quer que fosse, público ou particular. Era a justificativa clássica dos que se arvoram em benfeitores da humanidade, sem darem conta dos meios espúrios de que lançam mão. De qualquer forma, não haveria como o grupo de socorro recorrer ao auxílio da comunidade.

O pai desejou conhecer os sentimentos do filho. Haveria alguma possibilidade de fintar a guarda e de se chegar a ele?

Virgílio temeu que nem todos do grupo estariam aptos a camuflar a presença, uma vez que dardejavam emanções vibráveis de natureza muito densa, não se tendo libertado totalmente das ânsias de caráter material. Havia muito medo, a expor falta de fé e de esperança. Havia tremores de ódio e de revolta, a configurar a não instalação íntima do sentimento do amor. Havia máculas escuras na aura, uma vez que não se tinha certeza completa da divina misericórdia. Para que todos pudessem adentrar a fortaleza para a avaliação das condições morais de Alfredo, haveriam que trabalhar afincadamente na restauração perispiritual de inúmeras criaturas, serviço obrigatório para quem almejasse o título de socorrista. Nesse caso, o tempo correria contra o objetivo do resgate.

— Será que Virgílio não poderia ir, ele mesmo, para obter as informações necessárias? — era a ansiada questão que todos colocavam.

O mentor reconheceu que talvez pudesse cumprir essa parte da tarefa, mas aconselhou a que o grupo designasse alguém para a missão, aquele que estivesse com o coração mais pronto a sacrificar-se pela entidade em desajuste.

Aí todos se voltaram para a mãe, mas Josineida reconheceu-se incapaz para a tarefa e apontou Ângela como a que melhores atributos reunia, segundo as prescrições do orientador. Era a que mais sofrera nas mãos do filho e a que mais completamente soubera perdoar. Além do mais, sentia-se que havia muito amor em seu coração.

Ângela quis negar-se ao compromisso, mas foi obrigada a admitir que desejava ardentemente estar junto daquele que um dia fora a inspiração de seus débeis amores.

Temia vir a ser descoberta, mas sentia muita força íntima para tão inocente investigação. Partiria assim que fosse auxiliada pelas preces de todos.

Naquele momento, percebeu que as vibrações do mano Marquinhos eram tênues e apontavam francamente para outro sentido que não o da ajuda ao tio. Energizada, contudo, pela forte corrente dos demais, deixou aquela impressão para resolver depois. Iria enfrentar o perigo.

Era de impor respeito a guarda que vigiava a entrada do palácio do tio. Ângela estremeceu mas concentrou-se a tempo para escapar à percepção dos seres formidandos que lá se encontravam. Lembrava-se de que um dia estivera sob domínio de tão potentes entidades. Quando ia descambar o pensamento para épocas remotas em que sua conduta não condizia com as aspirações de perfeição, sentiu suave frêmito, como se alguém estivesse a adverti-la para manter o tônus vibratório elevado. Percebeu que se deixara envolver pela densidade das emanções da malignidade, restabelecendo logo o equilíbrio. Sentia-se ali como nas profundezas do Umbral. Elevou o pensamento a Deus e solicitou ajuda para o enfrentamento.

Alfredo dormia sob o efeito de bebidas alcoólicas. Tinha a expressão carregada de quem suporta fardo muito pesado. Quisera fugir ao trabalho honroso e se enovelara em vida de crimes. Não conseguia mais entender a vida na face do orbe diferente do sentido da prepotência e da dominação. Deixava claramente entrever suas sensações quanto a haver duas qualidades de pessoas: as que mandam e as que obedecem. Passara de um bloco a outro por meio do sacrifício de todos os princípios que o lar e a escola lhe haviam ensinado. Não conhecera religião alguma, sendo sua aura enegrecida o testemunho vivo de que não se sentia preso a nenhuma entidade maléfica, mas que se imaginava no apogeu do poder em ambos os planos.

Ângela tentou influenciá-lo com emanções sutis de muito amor. Desacostumado com tais eflúvios, acordou o perispírito, que repousava, temeroso de ter os domínios invadidos. Sentiu como que embriagador afago, lembrança que se despertava, mas claro murmúrio externo se ouviu, como se sua fraqueza ensejasse a outros a oportunidade de manifestação de rebeldia. Muito mais forte e poderosa foi sua reação e ali, diante da pobre criatura estarecida, assumiu a aparência terrível de escura feição demoníaca. Das entranhas fez brotar tremendo urro, que colocou silêncio no ambiente.

Ângela, ajoelhada num canto, deixava rolar lágrimas de intenso sofrimento. Não acreditava em tanta perversão. Que diria aos pais, ao irmão, aos sobrinhos e à cunhada: que tinham na família verdadeiro representante do inferno?... Deixou-se descair em oração, pedindo a Deus inspiração para que pudesse desincumbir-se da tarefa. Pensou em abraçar aquele ser asqueroso, mas antes que refletisse a respeito dessa ideia e da possibilidade de realização, viu-se arrebatada de lá por invisíveis e poderosas forças. Intensa sonolência impediu-a de conhecer como havia retornado ao seio dos amigos. Quando despertou, estava nos braços da mãe, que a aflagava carinhosamente.

ALFREDO

Já demos flagrantes da personalidade de Alfredo. Vamos agora penetrar-lhe no pensamento mais íntimo.

Formado na escola da vida, compreendia a existência como o relacionamento entre as pessoas, do qual se pode ou não usufruir vantagens. Para se bem viver, no seu entendimento, necessariamente deveriam os outros, literalmente, comer o pão que o diabo amassou. Assim, via na ascendência intelectual a ferramenta mais eficaz para exercer domínio sobre os demais. Para isso, era de lei afastar qualquer envolvimento emocional ou sentimental.

No entanto, no fundo da consciência, restavam-lhe algumas dúvidas bem ponderáveis, pois não lhe escapavam casos de estranhas dedicações e sacrifícios. Vira pessoas espoliadas agradecerem aos perseguidores, abençoando-os. Quando jovem, chamava até as mães que davam a vida pelos filhos de loucas, insensatas ou, no mínimo, inconscientes da realidade. Agora, com mais de quarenta anos, quando precisava tingir os cabelos para dar a impressão da fortaleza da juventude, principiava a desconfiar de que pessoas havia que fugiam ao princípio da lei da selva, do revide, da usurpação, do ódio, da vingança.

Soube de presos nas celas que, de boa mente, se deixavam explorar pelos demais, sem necessidade, estimulados para o serviço, por julgarem oportuno propiciar aos parceiros instantes de esquecimento e de algum prazer. Se soubesse disso quando na flor dos vinte anos, pensaria estar diante de pura pederastia. Agora imaginava que, no íntimo, havia quem se dava valor somente quando o próximo é que se sentisse bem.

Rico, Alfredo podia comprar a sabedoria do mesmo modo que conseguia obter qualquer outro bem. Durante muito tempo, manteve junto a si verdadeiro exército de profissionais e professores, para entendimento de muitos assuntos de seu interesse estrito. Falava corretamente, com sotaque próprio, diversas línguas. Aprendia sem esforço. Quando iniciou a atividade de traficante de tóxico, chamou certo experto no mister e quis saber tudo a respeito da cocaína e da maconha, além de todos os produtos farmacológicos. Ficou assim conhecendo desde a qualidade do solo e do clima ideais para o cultivo das

plantas, como as diversas espécies e o quanto se poderia obter de cada uma. Aprofundou o saber a respeito dos países produtores, de sua gente, de sua cultura, de suas leis, dos aspectos políticos e econômicos e o que representava nessa configuração o produto da venda proibida. Ao mesmo tempo, mandou buscar médico especialista que lhe definiu todas as reações orgânicas, quanto ao consumo de cada tipo de entorpecente. Passou pela química, pela fisiologia, pela economia, pela sociologia, evitando tão somente enfrentar os problemas éticos, morais, filosóficos ou religiosos.

Era o desconhecimento desses aspectos que se insinuava agora em sua mente como noção em falta. Sempre tão seguro de si, dominador das reações e das manifestações de humor, que íntimo tremor começava a sentir desde que soube que o irmão vinha frequentando os mistérios do além?

Seu positivismo diante dos fatos da vida prescrevia-lhe, inequivocamente, que enfrentasse a dúvida, chamando alguém do ramo para esclarecer-lhe o que ocorria. Talvez algumas sessões de psicanálise pudessem despertá-lo para a realidade de seu mundo interior. Antes, porém, que se jogasse no divã revelador, precisava conhecer de perto quais os métodos e processos utilizados nesse ramo da medicina e qual o poder de desvelamento que ensinaria para o paciente. Desconfiava de que o médico poderia inteirar-se de seu *ego*, vindo a exercer-lhe alguma ascendência.

Por outro lado, veio-lhe à mente, tão bem sempre se dera com o sistema, trazer algum entendido em espiritismo, para decifrar os enigmas que se lhe propunham à inteligência. Conhecia a vida e os meios de se sobrepor ao mundo, mas começava a perceber que era totalmente ignorante dos fatos da existência espiritual. Tinha vaga noção de que havia espíritos e que estes podiam exercer domínio sobre as pessoas, em casos de possessão, mas não aceitava o fato de poder haver castigo, ou inferno, ou demônios. Imaginava que tudo o que conseguia manobrar aqui, por força de sua maneira de pensar e de agir, poderia aplicar depois, qualquer fosse o plano para onde se dirigisse. Fora capaz de perfeita adaptação ao meio corrompido em que crescera; seria também maleável a ponto de enfronhar-se nos princípios que regeriam o outro lado, se é que existisse qualquer coisa além.

Assim, mandou chamar, de uma só vez, um psicanalista e um dono de terreiro. Evitava o kardecismo, para não ter de avaliar os pais, que vira tão interessados em frequentar e acompanhar as atividades do Centro Espírita do Amor Divino. Parecia-lhe que a influência que lá se exercia sobre os indivíduos era por demais absorvente, ficando as pessoas cegas para tudo o mais na vida. Uma vez lá dentro, até a vida familiar ficava prejudicada.

Nesse ponto das cogitações, lembrou-se dos dias em que o irmão Marcos, o médico, que ele amava com estremecimento e com quem mantinha longas conversas, conduzia o pai para determinados encontros, pois achava que o velho, após a morte da mãe, vivia esquisito, macambúzio e triste. Lembrava-se de que o irmão previra algo como que suicídio, se não lhe fosse propiciada qualquer fonte de prazer e de derivação da saudade. Punha-se diante da figura do velho, a relembrar-lhe as feições e via-o como a um sátiro a atirar-se nos braços das damas. Recordava-se de uma vez em que fora a uma viagem de recreio da qual voltara estranho, para dedicar-se ao estudo das obras espíritas. Se não se enganava, fora depois disso que se afastara da família para entregar-se

exclusivamente às tarefas do centro. Decididamente, algo havia lá que absorvia a mente e o coração das pessoas.

Veio o médico e veio o macumbeiro.

O primeiro esclareceu a respeito dos objetivos da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise. Ao saber que o tratamento visava a restabelecer os padrões de comportamento pela média da população, curando o que o facultativo denominou de desvios de conduta, resolveu dispensar qualquer tipo de tratamento. Não era disso que precisava. Se ficasse doente, talvez voltasse a chamá-lo.

O macumbeiro disse-lhe que o objetivo do relacionamento entre os vivos e os mortos, entre encarnados e espíritos, era fazer com que as pessoas vivessem de modo mais feliz, afastando os *encostos* ou realizando *trabalhos* para encaminhar a vida de outras pessoas, de modo a facilitar as coisas para si. Nada disse que Alfredo não fosse capaz de intuir ou de já ter noção a respeito, mas despertou-lhe a curiosidade o poder que se poderia exercer sobre a espiritualidade. Seu maior interesse enfeixou-se nesse aspecto.

— Quer dizer, então, que, se eu quiser fazer algo contra alguém ou a meu favor, posso adquirir os préstimos de entidades que ficarão a meu serviço?! A que preço?

Alfredo queria saber se precisaria vender a alma em troca dos favores. O esperto membro representante das organizações a serviço do mal explicou-lhe, então, que o bem poderia ser pago com obrigações, como sejam dinheiro, produtos vários, assistência aos que trabalhavam pela sociedade ou até com certas tarefas de caráter pessoal, como pontos a serem cantados, atendimentos a certos pedidos relativos a necessidades carnis impossíveis de serem realizadas sem o concurso dos humanos etc.

O pai de santo não disse mas sugeriu, sem explicitar, que o santo poderia solicitar algumas atividades no campo do crime e da ilegalidade.

Da mesma forma que despediu o médico, Alfredo dispensou o embusteiro, que foi como ele viu as atividades nos terreiros. Aceitava até que poderiam ocorrer essas ligações entre os planos, mas não admitia a hipótese de ter de servir a qualquer entidade que lhe pudesse determinar algo em troca de favores. Acostumado a definir o preço de venda e, muitas vezes, até de compra, não aceitou ficar na dependência de espíritos, cujo objetivo maior era impor-se aos encarnados. Se era isso o que encontraria após a morte, poderiam esperar por alguém que iria afirmar-se plenamente. Para isso não lhe faltava treino.

Mas Alfredo não ficara satisfeito com as investigações. Pensou em conversar francamente com algum padre da igreja católica, daqueles que ficavam incentivando o povo à invasão das terras. Imaginou o que poderiam dizer a respeito dos estremecimentos íntimos e da preocupação em saber o que poderia esperar para depois da morte e concluiu que esses representantes do clero o mais que faziam era subversão social. Lembrava-se até de certa família que chegara do interior e a quem precisara ministrar severa lição, porque pretenderam acampar em um de seus terrenos. Se não fosse pela rápida saída e desaparecimento da região, teriam engolido a pretensão de insuflação do povo contra a propriedade estabelecida. Recordou-se de como vendera a partida de cocaína disfarçada em latas de massa de tomate, com cujo lucro adquirira honestamente as terras. Que fossem trabalhar...

Os padres estavam fora das cogitações, até mesmo os da velha guarda, que só pensavam em recriminar os vícios. Lembrou-se dos ministros protestantes, mas com estes

não poderia conversar. Eram pessoas úteis, apesar das ideias retrógradas, porque conseguiam evitar que muitos jovens do bairro acabassem na sarjeta. Se era certo que muitos compradores se perdiam, de qualquer forma a morte também os levaria. Por outro lado, a possibilidade da salvação e da cura acendia nos demais o desejo de entrarem para o vício, com a esperança de se sobreporem a ele. Os exemplos vívidos dos poucos que se safavam davam-lhe muito lucro.

Alfredo não via como resolver o enigma da atual contextura psíquica. Aceitava a luta como norma de vida. Se alguém sequer imaginasse adentrar-lhe os domínios, executaria incontidamente. Mas a existência de quem não pautava o procedimento pelo seu mexia-lhe com a estrutura mental.

Lá no íntimo da alma, perguntou de si para consigo mesmo:

— Terei coragem de enfrentar os conhecimentos que conduziram meu pai e minha mãe na última fase de suas vidas? Que poder de atração é esse que está a arrastar o meu irmão? Se eu ficar fascinado, terei forças para reagir?

APROXIMAÇÃO, FINALMENTE

Carlos resolveu enfrentar o irmão. Derradeiro parente, sentia-se como que impulsionado por obrigação familiar. Consultou o etéreo, sendo-lhe recomendada prudência, mas o que teria de fazer, fizesse-o desassombradamente. Quem não devia, nada teria a temer.

Consultados os endereços possíveis, Carlos constatou que o irmão atendia em diversas empresas de fachada para os negócios escusos. Por telefone, nunca se dava encontro algum. Deixava recado. Pedia que o irmão ligasse. Passava o número.

Nessa vida, transcorreram-se dois meses. Carlos não ansiava pelo encontro, mas a dificuldade da aproximação punha-o alerta para a possibilidade de vir a ser mal recebido.

Por essa ocasião, Alfredo estava despachando o representante das forças ocultas, sem prestar maior atenção aos serviços que poderiam ser-lhe úteis. Achava o preço desconforme. Ao conhecer a insistência do irmão, julgou que algo havia por trás dessa iniciativa. Por incrível coincidência, ao sentir o desejo de decifrar certo problema de caráter espiritual, eis que chega, de chofre, a oportunidade mais próxima da necessidade.

Ao contrário da habitual rapidez, dessa vez hesitou. Parecia que algo havia a prender-lhe a vontade em aceitar aquele oferecimento que lhe vinha de graça. Por várias vezes, chegou a discar os primeiros números, mas a mão, como em movimento automático, independente do domínio que o cérebro deveria exercer, repunha o fone no gancho e a vista se perdia no ar, em sonhos de realização impossível.

Via-se ao lado do irmão, subindo por longa escada, como a sair das trevas a caminho da luz. De repente, escorregava e se sentia arremessado ao fundo de um poço, cheio de vermes e de excrementos. Assustava-se com tais visões em plena vigília.

Desde há muito as noites vinham sendo atormentadas por estranhas personagens vestidas de policiais, que o prendiam e conduziam ao cárcere. Pretendendo fugir desses pesadelos, começou a ingerir bebida alcoólica em grande quantidade. Conhecia o efeito deletério do álcool sobre o organismo, mas, ainda assim, preferia enfrentar alguma dor de cabeça no dia seguinte, a ficar sob o domínio de drogas mais poderosas, algumas das quais com efeitos claros de alucinação. Pelo menos o gim chumbava-o na cama, levantando-se pela manhã com a sensação de que sonhara algo de ruim que não lembrava. Afligia-se e

debatia-se durante o sono, acordava mal-humorado e com a cabeça pesada, mas não se sentia preso a sensações de sofrimento e dor.

Com o tempo, foi capaz de controlar a dose ideal que lhe possibilitava esquecimento integral, sem consequências por demais desagradáveis. Recompunha o domínio sobre as necessidades orgânicas, o de que se orgulhava mais na vida.

As lembranças dessas providências restituíam-lhe a confiança. Tomava, então, do telefone e iniciava nova série de discagens. Mas interrompia-se, de súbito, vendo crescer-lhe na frente a imagem do irmão querido, a apontar-lhe o dedo acusador pela desgraça da filha. Que fizera com a amizade e o respeito que deveria manter para com os consanguíneos?...

Alfredo balançava a cabeça. Levantava-se. Dirigia-se até a janela. Olhava o bulício da cidade. Voltava-se para dentro. Na sua frente, Criseide, arma em punho, pretendendo disparar a mesma rajada que sapecara sobre o quadro da família.

Dava com a mão espalmada um tapa no ar e dizia em voz alta:

— O que fiz foi salvar a família do meu irmão. Se deixasse que me delatassem, mesmo que eu fosse preso, julgado e condenado, não haveria proteção policial que os livrasse do revide, pelo medo dos outros de se verem denunciados. Sem dúvida, eu mesmo seria executado, onde quer que me escondesse. Não envie, mensalmente, polpudo cheque para garantir-lhes a sobrevivência?...

Ciente de que praticara ato de benemerência e de proteção, apanhava de novo o fone e iniciava nova chamada. Aí alguém lhe batia ao ombro. Voltava-se. Era algum ser esquálido a cobrar-lhe a vida pela vida que deixara em algum monturo do vício. E a ligação não se completava.

Alfredo desconfiava de que iria enlouquecer, se não se decidisse a atender aos constantes reclamos do irmão de entrarem em contacto. Antes, porém, que se determinasse a encará-lo face a face, procurou um médico e relatou-lhe os anseios íntimos e as visões que vinham perseguindo-o. Pediu-lhe conselhos e remédios. Que pensava o doutor a respeito do método de afastar-se dos maus sonhos pela bebida?

O médico, conhecedor de algumas atividades menos comprometedoras do cliente, percebeu que algo como que pruridos de consciência estavam a perturbá-lo. Mas cumpriu a obrigação jurada com muita competência, indicando o caminho dos exercícios físicos morigerados para diminuir o estresse, receitando brando calmante de leve efeito soporífero, recomendando que largasse imediatamente a bebida e sugerindo que passasse a responsabilidade de parte das atividades profissionais para outrem. Se possível, acrescentou, tirasse férias.

Alfredo ouviu atentamente todos os conselhos do facultativo, avaliou o fato de não ter contado a indecisão relativa ao encontro com Carlos, imaginou-se a deixar crescer em poder na organização algum dos diretos auxiliares, criou coragem e, duas semanas depois, com a mente desanuviada das premonições, que percebeu advirem de algum sentimento de culpa embutido no coração, pediu para uma das secretárias para ligar para o irmão. Iriam encontrar-se.

Quando Carlos recebeu o endereço em que estaria Alfredo a esperá-lo, tremeu na base. Dentre todos os prédios para que havia ligado e onde, de uma forma ou de outra, se

havia registrado o recado, aquele não se encontrava. Seria algum refúgio especial? Com facilidade de ex-notário, localizou a rua, conheceu o edifício e ficou sabendo tratar-se de condomínio de alto luxo, de propriedade do irmão. Mais de quarenta apartamentos estavam ocupados por capitães de indústrias, por ricos comerciantes, dois juizes e diversas pessoas cujas atividades não lhe foi possível levantar. O irmão ocupava a cobertura, em apartamento *triplex*.

Como surgira tal endereço desconhecido até então, perguntava-se extremamente curioso. Sabia que o irmão vivia no morro, em casa de mais de dois mil metros quadrados de construção, cujo registro fora o único que restava no tabelionato da família. Quão misteriosos eram os seus caminhos!...

Na espiritualidade, o clima não era de alegria. Por todos os corações, corria certo temor pelo que poderia ocorrer em consequência de entrevista mal conduzida. Parecia claro que o encontro não incluiria a família, mas estariam os irmãos *tête-à-tête*, a medir forças em torno de objetivos ainda não totalmente fixados.

Virgílio era o único que demonstrava satisfação e desafogo. Parecia-lhe que iriam chegar ao fim de longa agonia. Qualquer fosse o resultado, nenhum prejuízo poderia advir para quem se encontrasse imbuído de amor e boa vontade. No fundo do pensamento, julgava que era muito mais importante, no momento, fortalecer as convicções socorristas do grupo do que oferecer real oportunidade de redenção a criminoso de tanta periculosidade, com tão amplo retrospecto no campo da malignidade. O único fato que temia era o desalento e a insatisfação do pessoal por possível fracasso, e isso despertava-o para integral envolvimento no plano da restauração das premissas de vida do filho mais novo de Nepomuceno.

O que mais se fazia no etéreo era orar com fervor pela assistência e amparo a Carlos. Se Deus estendesse seu manto misericordioso, tudo resultaria a contento.

Às seis horas da tarde, pontualmente, o porteiro liberou o ingresso no prédio a Carlos, por ordem expressa do irmão, do outro lado da linha.

Chegado ao último andar, a porta do elevador abriu-se e os irmãos estreitaram-se em apertado abraço, ali mesmo no vestíbulo. Carlos confundiu-se com a afabilidade do irmão. Alfredo sentiu o estremecimento que perpassou por todo o corpo de Carlos. Os gigantes haviam conhecido as forças do adversário. Iria começar a luta.

O PRIMEIRO DIÁLOGO ENTRE CARLOS E ALFREDO

Carlos adentrou a ampla sala que se abria em porta dupla a partir do vestíbulo. Havia poucos móveis, mas do mais apurado gosto. Calou a perquirição, mas não reconheceu ali o toque brusco e intempestivo daquele mesmo ser que sabia criminoso e indigno. O frêmito do abraço ainda se impregnava em sua reação corpórea e o peso do braço do irmão, ao redor do pescoço, parecia-lhe dura carga a carregar. Imaginou o trabalho de hábil casa de decorações e evitou elogiar o que via.

Sobre amplo sofá, imenso *Portinari*. Não reconheceu a obra mas via nos traços a força telúrica de quem sofrera com o sofrer dos irmãos. Alfredo notou o êxtase em que o via mergulhar e apressou-se em dizer:

— Não se trata de original. É trabalho digno do grande artista, mas simples retratar de gente do povo, no pouco de felicidade que ainda lhe resta.

Verdadeiramente, o quadro representava retirantes, mas não das secas. Era a apologia da necessidade de se reintegrar o homem em seu hábitat, de modo que as figuras não se apresentavam esqueléticas, mas viçosas, com o ar esperançado de encontrar o chão preparado pelas chuvas para o amanhã da terra e a semeadura. De onde voltavam aqueles seres? Ao fundo, via-se a silhueta da grande cidade, em forma de dragão, como a prognosticar que ainda havia possibilidade em se acreditar na transformação das coisas.

Carlos não foi tão longe na interpretação, mas, se tivesse tido essa argúcia, poderia imaginar que havia esperança em ser bem sucedido. Ao contrário, preocupado com a missão, viu naquelas figuras apenas criaturas destinadas ao sacrifício e à dor.

Alfredo convidou o irmão a tomar lugar em confortável poltrona e indicou-lhe ao lado alguns petiscos e salgadinhos com que se distrair durante a tertúlia. Havia copos e garrafas. Que se servisse do que desejasse. Carlos reparou nos rótulos e viu tratar-se de bebidas estrangeiras. Incomodado com tanta deferência, a demonstrar que ali era visitante e não parente chegado, recusou-se a sentar-se no local indicado e procurou banquetea que se situava junto ao balcão do bar, em um dos cantos da sala.

Alfredo seguiu-lhe o gesto, tendo percebido que Carlos gostaria de sentir-se mais à vontade. Não teve dúvida e desligou o aparelho de som que colocava *Vivaldi* como fundo

perfeito para a caracterização do requinte do conhecedor da etiqueta e da arte de bem receber.

Do ponto de vista em que se colocou, Carlos foi capaz de perceber que todo o andar era ocupado por diversas salas ligadas entre si tão só por arcos decorados, com cortinados fazendo a vedação parcial dos ambientes. Nada estava tão claro que desse para distinguir o que cada compartimento continha exatamente, nem tão escuro que não se visse ali uma sala de jantar, mais adiante outra sala de estar e, ao fundo, outro local destinado às refeições. Além do aparelho de som, cheio de pequenas luzes verdes e focos vermelhos, ultramoderno, nada mais havia que denunciasse a tecnologia do século. Até os lustres apresentavam-se com pingentes de cristal, como nos palácios antigos, que Carlos se lembrava de ter visto reproduzidos em filmes de época.

Não havia também nada que indicasse que ali vivia alguém. Parecia mais local para receber pessoas. Nada estava fora do lugar, nenhuma poeirinha visível, os tapetes imaculadamente brancos, as paredes absolutamente impolutas. Tudo novo, como se saído da loja naquele instante. Uma casa de bonecas, não fora tão ampla e tão formal.

Ao reparar nos trajes do irmão, percebeu que portava confortável roupa de corte esportivo. Até o calçado era próprio para pisar sobre a maciez dos carpetes, sapatilhas de verniz, a contrastar com a brancura das calças e do *blazer*.

Foi aí que Carlos reparou que a temperatura ambiente contrastava visivelmente com o calor que deixara fora.

— Ainda bem que você está com o ar condicionado ligado. Lá fora está insuportável!

Não era bem verdade, pois a amenidade da tarde refrescara o calor natural da Cidade Maravilhosa, mas foi o que lhe ocorreu dizer, para advertir a respeito da necessidade de iniciarem a conversa.

— Se você quiser, posso aumentar ou diminuir o calor. Basta dizer.

— Não. Estou me sentindo bem assim. Aliás, devo dizer que o apartamento é delicioso. Só não entendo porque precisa ser tão grande, se você vive sozinho...

Carlos não tinha realmente certeza de que o irmão vivia só. Jogara verde...

— Eu não resido aqui. Tenho este apartamento para os amigos da cidade. Quando preciso conversar com alguém de importância, trago para cá. Eu moro mesmo na casa do morro, aquela que está registrada em seu cartório.

Alfredo dava a necessária abertura para o tema que lhe parecia ser o que os aproximara naquela oportunidade.

Carlos notou a referência e não se fez de rogado.

— A propósito, eu preciso esclarecer que meus filhos cumpriam determinação minha para não aceitarem as propostas de seus advogados. Eu até pensei que você tivesse ficado zangado com eles. Guilherme me contou a respeito de seu telefonema e da ordem que lhe deu para acatar as suas determinações. Eu fiquei aflito e, por isso, insisti em falar-lhe. Mas parece que me enganei, porque você está bem, tendo até se desfeito de todas as propriedades que mantinha sob registro no tabelionato do papai.

— Eu fiquei sabendo do envolvimento da família com o espiritismo. Lembrei-me de como o velho Nepomuceno agiu no final da vida e respeitei a crença de meus sobrinhos. Não seria eu quem iria provocar dissensões familiares. Você se lembra daquele sujeito que

Ihe enfiou duas polegadas de ferro no bucho? Pois se nem com ele eu desejei brigar, como é que eu o faria com minha família, os últimos representantes...

Carlos viu a deixa para tratar do tema principal, mas preferiu não introduzi-lo diretamente.

— Você deveria ter comparecido ao enterro. As flores que mandou encheram o salão do velório, mas você deveria ter ido lá para ver que a fisionomia da menina se conservava intacta. Os outros caixões chegaram lacrados, mas Ângela parecia viver ainda...

Alfredo impacientou-se com a estranha insistência em citar a sobrinha e cortou a fala ao irmão:

— Eu pensei que tudo tivesse vindo num caixão só. Mas o pior já passou e eu desejo muita paz para aquelas almas de sofredores. Não bastasse ter o pai morrido em circunstâncias tão trágicas, ainda precisava Criseide afastar-se do país. Que desejo mórbido de viúva! Será que pensava que no Paraguai iria obter maior felicidade do que aqui?

Mentia e Carlos sabia. Seria a hora da afronta?

— Eu acho que já vou. Só queria mesmo deixar clara a razão que nos levou a tomar aquela atitude com relação às escrituras. Se tudo ficou esclarecido, já vou embora. Catarina mandou abraços e o Guilherme pediu para desculpá-lo por ter sido rude ao telefone.

Alfredo quis saber como iam os outros dois e respectivas famílias e a conversa feneceu ali. Carlos não perguntou a respeito dos negócios, para não obrigar o irmão a mentir, nem se atreveu a revelar o que sabia, para não provocar nenhuma cena patética. Só desejava sentir a força ao irmão e isso o fez intensamente. Mas as coisas não ficariam apenas nesse trocar de gentilezas, nesse digladiar de cavalheiros. Antes de sair, Carlos entregou ao irmão envelope lacrado e pediu encarecidamente que lesse com muita atenção e que o chamasse para os esclarecimentos dos sérios temas lá desenvolvidos.

— Creio que nos veremos muito em breve — disse, enquanto o elevador fechava as portas.

Alfredo ficou muito curioso pelo que se pudesse conter no envelope. Será que os espíritos haviam denunciado ao irmão a vontade que manifestara de conhecer o pensamento kardecista a respeito da vida e da morte? Não tivera coragem de interrogá-lo, tão frio e distante o sentiu. Não era bem isso. Não sabia definir com precisão. Estava frio e distante, mas parecia temeroso de alguma coisa. Achou o irmão por demais formal e não reconheceu aquele amigo com quem brincara em criança. Que misteriosas forças os separavam? Recordou-se que se dava muito melhor com Marcos, não tendo jamais tido muitas intimidades com Carlos. A única vez que se aproximaram de fato foi durante a crise com relação aos negócios, o que quase o envolvera. Lembrou-se das preocupações que tivera e sorriu. Se fosse hoje, o desafeto estaria desaparecido...

Examinou o envelope e resolveu adiar a abertura dele. Naquela noite, haveria reunião íntima de diversas famílias do prédio e precisava preparar-se para a recepção. Trancou o envelope na mesa de trabalho, onde despachava com certos chefetes das empresas de fachada, e ligou para a cozinha, dando ordem para que a sala se preparasse para a festa.

Pequeno exército de rapazes e moças adentrou o salão e, rapidamente, como atividade rotineira, transformaram o ambiente, dando-lhe luzes e cores. Até o belo painel dos retirantes desapareceu, substituído por sensual representação de festim romano.

O primeiro casal a chegar foi convidado a despir os calçados, trocando-os por sandálias de pelúcia. Garçonetes de busto nu ofereciam bebidas e tóxicos. Na sala do fundo, foi armada lauta mesa de frutas e de pratos frios. A sociedade preparava-se para divertir-se.

No plano espiritual, Ângela acompanhou atenta a conversa dos tios, enquanto todos os demais se mantinham em prece contrita. Não gostou da falta de coragem que reparou no coração de ambos. Achou que as coisas poderiam ter sido bem mais positivas, mas acreditava que a leitura de sua carta, lacrada no envelope guardado a sete chaves, poderia desencadear o conflito necessário para o esclarecimento final.

Quando os irmãos se separaram, dirigiu-se ao local do encontro com os familiares, para o relato devido.

Virgílio havia previsto que nada ocorreria sem que todos estivessem presentes, portanto, nenhuma surpresa na narrativa dos acontecimentos. Só Marquinhos demonstrava não compreender o que levava todos a agirem tão impulsivamente em relação ao tio. Ao término da exposição da irmã, Virgílio o chamou à parte, para que se entendessem a respeito de suas vibrações, sempre em oposição a se oferecer a Alfredo a tábua da salvação.

Ângela percebeu o movimento particular e externou o desejo de estar presente durante a conversa. Virgílio assentiu e os três mantiveram longo e salutar encontro, no qual se verificou que Marquinhos queria muito que o tio se regenerasse, mas temia que o grupo iria absorver-se integralmente nessa aventura socorrista, sem maiores proveitos. Ângela, com permissão de Virgílio, propôs-se a encaminhar o irmão para a leitura de determinadas obras de relatos de casos verídicos de dedicação a esse tipo de mister, em que os socorristas terminam por somar pontos especiais ao ativo da contabilidade benemerente, de sorte a saírem do trabalho mais fortes e capacitados a enfrentar provas mais severas, para a aquisição dos dons de virtudes necessários para o progresso no campo da espiritualidade. Tinha boa vontade? Era o de que precisava para compreender o socorrismo. Confiasse em Deus.

AS PRIMEIRAS DORES

Alfredo não se divertiu junto aos companheiros de deboche. Estava inquieto. Em certo momento, se disse indisposto e largou-os entregues às fantasias. Queria ler o que se continha no envelope.

Como nada consumira que o tornasse menos lúcido do que o habitual, poderia enfrentar de mente aberta qualquer fato a revelar-se. Antes de abrir o envelope, pôs-se ludicamente a brincar com a imaginação. E se o conteúdo do texto revelasse plenamente o domínio do espiritual sobre o material? E se lá dentro estivesse o depoimento do pai ou da mãe, a demonstrar a verdade após a morte? E se lá estivesse o relato do espírito de Ângela, a respeito do aborto, ou de Criseide, a respeito de suas ameaças? Poderia ser alguma mensagem de Marcos, a prometer-lhe vingança pelos males que infligiu à família? Ou estaria ali tão só a descrição de todos os crimes que perpetrou, revelados por via espiritual? Haveria médiuns tão poderosos, capazes de conhecer os fatos por comunicações particulares?

O envelope fechado poderia revelar-se mais eficaz e interessante do que aberto. O jogo lhe pareceu muito curioso, pois deixava-lhe bem claras as preocupações. Não eram impulsos de sutis vibrações, como há alguns dias atrás; eram nítidas, perfeitas e completas acusações conscienciais.

Alfredo ponderou que, se o inferno se constituísse de penas desse tipo, deveria ser insuportável, principalmente porque o indivíduo não tem o que fazer, a não ser meditar a respeito dos erros em relação aos irmãos. Não gostou da hipótese, mas avaliou a vida para saber se praticara algum bem que pudesse estar ali descrito. Por mais que se esforçasse, o mais a que se permitia era a consignação de pequenos reparos de algo que havia feito de muito ruim, como no caso dos cheques para Criseide.

Nesse ponto dos pensamentos, foi, irresistivelmente, levado a pensar a respeito da figura de Ângela no caixão. Tinha algumas fotos da menina, por quem se apaixonara um dia. Para evitar desassossegos, guardara-as em absoluta segurança na fortaleza. Pensara em mandar fazer um pôster, para deixá-lo em alguma dependência particular, mas, sopesando o mal que lhe havia feito com o amor que lhe dedicara, resolveu não correr o risco de enfrentar as acusações, no olhar ingênuo da garota. Isto enquanto viva. Será que agora iria passar pelo mesmo perigo? Buscou na carteira uma foto três por quatro em que

a jovencinha se via com tranças e uniforme escolar. Desabotoou a blusa da pequena e a imaginação se deixou embalar pela lembrança das tardes que com ela passara em diversos motéis da cidade. Queria ver se afastava a perturbadora visão que lhe havia deixado Carlos. Por mais que forcejasse, contudo, via-se sempre no amplo salão vazio do necrotério, rodeado de féretros lacrados, com imensas coroas de flores brancas, só brancas, e, ao centro, o de Ângela, aberto, onde se via a pequena deitada, nua, com as flores a embelezá-la ainda mais, provocando-lhe a candura que lhe ressuscitava a infância. Mas Ângela se transformava em mulher e estendia os braços para enlaçá-lo e beijá-lo com frios lábios de morta.

Nesse ponto, Alfredo levantou-se rápido e se aproximou do regulador do ar condicionado, buscando refrescar-se, pois ardia em febre. A pulsação acelerou-se e pensou que estivesse tendo alucinações. Mais tranquilo, tendo sorvido, em rápidos goles, um copo de água gelada, voltou a sentar-se diante do envelope.

Que pensaria a seu respeito a pobre pequena? Teria mantido as juras de amor que fizera ou tudo se perdera com o aborto infeliz e com a expulsão da família?...

Alfredo não temia enfrentar os seus fantasmas, pois se sabia apto a vencer qualquer anomalia espiritual da pobre mente encarcerada no crime. Tinha noção exata do que era despachar as pessoas para o lado de lá da morte. Desde a primeira vez que o fizera, resguardara-se por detrás de escudo providencial: se não fizesse, fariam com ele; se não atacasse, seria atacado; se não matasse, seria morto; se não eliminasse, seria eliminado. Tudo era perfeito direito de sobrevivência e de legítima defesa.

Vira alguns dos parceiros enfrentar as barras dos tribunais por crimes até hediondos. Um matara a mãe, em desespero provocado por alucinógenos. Alfredo não poupou dinheiro para amenizar a pena. Queria ver até onde a lei dos homens era capaz de punição, quando a corrupção vigesse. Deixou de lado o assédio ao juiz e aos jurados, mas trabalhou seriamente sobre o promotor da acusação. O advogado do réu era dos melhores, mas não lhe revelou até que ponto o parceiro representante da lei fora abafado. Na verdade, o criminoso, confesso de vários crimes, acabou em liberdade, não tendo permanecido preso mais que quinze dias. Fora considerado culpado, é certo; mas as atenuantes da lei receberam o amparo do juiz, após a recomendação do júri. A única conclusão séria do julgamento foi que, para se evitar aos filhos que matem as mães, não deveriam estar munidos, ao mesmo tempo, de cocaína e de revólver. Alfredo acrescentava punhais e quejandos objetos pontiagudos, em lúgubre facécia, na qual nem mesmo ele encontrava graça alguma.

Essa peregrinação pela vida de crimes fez com que se recordasse de inúmeras pessoas cujo desaparecimento determinara ou cuja morte provocara indiretamente. Começou a supor que todos esses indivíduos tiveram o destino que buscaram. Imaginou-os embarcando para o etéreo, onde foram de pronto dominados pelas forças do mal. Não admitia a existência do inferno, mas, já que era para pensar na possibilidade da vida após a morte, certamente aqueles que partissem em estado de impureza deveriam receber o devido castigo. Aí o pensamento levou-o a um ponto indeterminado do futuro. Não era imortal; um dia iria ter de partir... Buscou alegremente na memória alguém que pudesse julgar pior que ele mesmo. Não achou. Cotejou-se até a assassinos assalariados e riu-se de sua brutalidade e inconsequência. Soube-se mais malicioso e ardiloso que ninguém. Se

alguém ousasse vir apanhá-lo depois de morto, necessitaria ter sido muito ruim. Será que Hítler, Nero, Átila ou Caim estariam disponíveis para o saque à sua alma? Não acreditava que tais gênios do crime pudessem preocupar-se com tão insignificante personagem. Talvez alguém ligado à igreja, Torquemada e caterva, mas esses, com certeza, já se teriam cansado da perseguição... Quando adentrasse o mundo do etéreo, seria para assustar.

Aí imaginou a pobre mãe a esperá-lo. Para essa tinha algumas graves acusações de abandono e rejeição. Era o mais novo, mas nunca recebera o mesmo carinho dos demais. Depois, abandonara-os cedo para a vida no centro e cedo ainda os deixara na Terra. O pai, sabia-o santarrão de última hora; era aparecer e levar de instrutor de sonegadores de impostos e promotor de falcatruas. O irmão, médico de madames, era o maior dom-joão, tanto que largara a família pronta para o assalto dos aproveitadores, tanto que ele mesmo, Alfredo, se vira à vontade para a sedução da filha. De resto, falecera pela moléstia do sexo, a provar que boa coisa não era. A cunhada e os filhos, acusou de aproveitadores e covardes. Se fora com ele, teria morrido mas não admitiria jamais o pavor que os fizera passar. Se lhe aparecesse Ângela, convidaria a seguir com ele para serem felizes juntos; ou infelizes, mas juntos, porque sabia que, no íntimo, ela era igual a ele. Ou teria mudado?...

O tema da mudança ocupou-lhe a atenção. O envelope em cima da mesa não era um convite à abertura, mas provocava-lhe o desejo de fantasiar, de divagar, de pesquisar dentro de si mesmo. Esse aspecto lhe era novo, estranho, perturbador. Mas estava por sua conta. Nada precisava mais conquistar na vida. Tudo que desejara, conseguira. Decifrava agora os mistérios do além. Convidaria o irmão novamente. Precisaria fazê-lo mais modestamente. Pareceu-lhe que o encontro o espantara pela riqueza que ostentara. E ele bem que pensou estar sendo modesto... Realmente, os seus padrões...

Nesse ponto das reflexões, o olhar recaiu sobre o envelope. Deveria abri-lo? A visão fora tão rica em sugestões que talvez fosse preferível manter o mistério do conteúdo intocado.

Seguindo o hábito dos últimos tempos, julgou estar na hora de realizar pequenos exercícios de relaxamento. Sem querer, ficara tenso o dia todo; percebia-o pela rigidez dos músculos da nuca e pela dor das mandíbulas, sinal claro de que estivera o tempo todo a rilhar os dentes.

Guardou o envelope em lugar seguro e predispôs-se a passar serena e repousante noite de descanso. Antes de deitar, aguardava por ele o habitual banho de sais na hidromassagem, que mantinha desligada para que a agitação das águas não representasse qualquer importunação. Precisava cuidar-se para não dormir dentro da banheira, local em que se punha de bem com o mundo.

Duas horas depois, ressonava puro como os anjos. No dia seguinte, voltaria a cuidar da vida.

VIRGÍLIO EM CAMPO

Assim que Carlos se afastou para o lar, Virgílio procedeu-lhe a inúmeras vibrações de recomposição magnética do quadro perispiritual, a fim de lhe manter o tônus adequado para referir-se aos acontecimentos à família, que o aguardava reunida em casa.

Relatados os fatos, espantou a todos a fleugma e o desprante do parente. Quiseram saber a respeito do envelope, se havia despertado, pelo menos, a curiosidade. Nada. Então, julgaram que o caso era bem mais sério do que pensavam. Suspeitavam de obsessão. Viam que o mal estava enraizado na personalidade.

Catarina, especialmente, desejava saber a respeito de algum estremeamento fluídico, algum arrepio inoportuno que Carlos pudesse ter sentido. Nada. Então, concluíram que tudo poderia definir-se no campo da matéria mesmo. Sabiam, e nisso todos estavam de acordo, que o plano da malignidade situado no etéreo tinha participação nas ações criminosas, mas haviam avaliado erroneamente o poder exercido sobre Alfredo.

Finalmente, puseram-se todos a orar e Catarina colocou-se à disposição da espiritualidade para a devida orientação a respeito do que vinham fazendo. Faleciam-lhes as forças e temiam pelo revide de seu alvo de amor. Pela configuração moral a que fizera menção Carlos, queria-lhes parecer que Alfredo estava plenamente consciente de todo o mal que praticava, pelo menos no que se referia a ter domínio completo das reações psíquicas. Estaria realmente na hora da revelação? Começavam a arrepender-se por terem encaminhado a carta de Ângela, denunciadora da verdade.

Virgílio ouviu as queixas de cada coração, pois apresentavam-se temerosos e isso só demonstrava falta de fé no poder de Deus e de confiança na assistência espiritual. Sem que se ativesse, contudo, a esses aspectos negativos, tomando o punho da médium, produziu página em que se evidenciava claramente que, através do amor, qualquer pessoa poderia ser encaminhada para a salvação. Não fora Jesus quem determinara aos apóstolos que percorressem o mundo e que levassem a boa nova a todos os povos?! E entre estes povos, não estavam os romanos dissolutos?... Pois que a família se ativesse a orar, na expectativa dos próximos passos. Não se precipitassem, mas fizessem o melhor de sua capacidade, para o auxílio oportuno a todos os carentes de ajuda, junto ao Centro Espírita do Amor Divino. Para breve, haveria outro contacto com Alfredo, mas que fosse ele a dizer a primeira palavra. Não temessem que tudo na vida e na existência tende para o mesmo fim:

o encontro final com Deus. Aproveitassem a fase atual de suas vidas, que era de pura realização espiritual. Ficassem com o Senhor!

Lida a página de muita inspiração, todos viram nas palavras ali impressas a corajosa atitude de quem marcha ao lado de Deus. Não havia que desesperar. Foi com esse ânimo que passaram a aguardar o próximo encontro.

Em seguida, Virgílio reuniu o seu povo no etéreo, para a primeira aproximação conjunta. Para que o efeito ficasse o mais perto possível do programa de assistência, precisava verificar se todos se dispunham com ânimo forte para passar pelas barreiras. Era o momento em que Alfredo se afastava dos amigos e se punha diante do envelope lacrado.

Marquinhos, que fora o único a não se entrosar, já oferecia plena condição de se integrar ao grupo, de sorte que, alertados os mentores de todos através de preces lúcidas e objetivas, pedida a bênção a Jesus e conclamado o concurso do Senhor, puseram-se a caminho.

A festa desregrada atraiu as atenções de quantos se deixavam envolver pelas sensações da carne. A densidade perispiritual dos guardiães estava impregnada dos mais desajustados desejos de prazer, de modo que, enquanto o sabá se desenvolvia, era possível contornar a sala da orgia sem despertar suspeitas. Foi assim que todos do grupo puderam presenciar as reflexões levadas a cabo por Alfredo naquela noite.

A cada menção que fizera aos parentes, deixara-os consternados e arrependidos.

A acusação à mãe surpreendeu Josineida em aspecto imprevisto. Jamais tivera sequer a desconfiança de que tinha deixado no filho impressão tão desabonadora. Doía-lhe a consciência por tê-lo afastado do campo íntimo da sensibilidade. Pesava-lhe o fato de tê-lo rejeitado ainda no ventre. Que tudo isso, porém, se tivesse passado para a consciência do filho foi golpe que recebeu e sentiu. Ali mesmo ajoelhou-se e, em oração, pediu, em nome de Deus, que o filho a perdoasse.

Virgílio solicitou o concurso de Adelaide e do avô de Criseide para o amparo energético à pobre senhora, que tanto bem fizera em nome da casa espírita.

Nem bem conseguiram dar sustentação à mãe, cai o pai em pranto convulsionado. Fora sua vez de receber do filho a recriminação poderosa. Nepomuceno acreditava-se quite com o mundo, tendo contribuído decisivamente para o soerguimento material e moral de diversas famílias. Não se satisfizera com isso e trabalhara para que os filhos seguissem o pensamento do pai. Não lograra êxito, mas pensara que a semente plantada daria frutos. Não estavam Marcos e Carlos plenamente recuperados?! Como pudera desleixar tanto relativamente a Alfredo?! De joelhos, ao lado da esposa, confundiu com as dela as suas lágrimas de arrependimento e dor.

Ao se ver citada com carinho, Ângela pensou que Alfredo estava confundindo os fatos. Ao ver os quadros de sua memória juvenil se desenharem à sua frente, notou extraordinária semelhança com as próprias recordações: ambos estavam rigorosamente impregnados da maior voluptuosidade, mas a tela em que se representava a sua lembrança esbranquiçara-se, enquanto a do tio e amante tomava as tonalidades vermelho-escuras de sua paixão. Dir-se-ia a representação de uma ninfa ao lado da produzida por um fauno. Uma poética e translúcida; a outra carnal e sanguinolenta.

Ângela uniu-se aos avós em prece, pois fora a única que não recebera o impacto da verberação. Sabia que errara, mas conhecia a extensão e a propriedade de suas responsabilidades. Viu a manobra sutil da psique do tio a arremessar as culpas sobre os demais, nas queixas que acreditava justas, porque vistas de ângulo único.

Com olhar percuciente, notou Virgílio que Ângela começava a perceber o enleamento de Alfredo nas recordações, o que demonstrava claramente que não se sentia seguro de si e de seus atos. Virgílio conhecia a intenção íntima do pobre facínora de entender os mecanismos da existência no plano espiritual, mas precisava fazer com que todos sentissem o quanto de hipocrisia poderia conter-se em tal aspiração.

Marcos e família atribuíram as acusações que lhes foram endereçadas a desequilíbrio moral e intelectual. Cada qual sentiu a vergastada que levou, mas não estremeeceram nem refutaram como algo a que se valesse a pena referir. Perceberam que Alfredo, de algum modo, tinha noção da presença deles ali e, por isso, precisava dizer-lhes de suas razões, para justificar as atitudes de total irreverência evangélica.

Quando Alfredo se lembrara de que havia massacrado durante a vida diversas pessoas, ufanando-se de ser mais poderoso que qualquer criminoso conhecido, a sala fora invadida por multidão de espíritos em descontrole emocional. Mas a presença ali de equipe tão ordeira e com reflexos tão evidentes de que atuavam em favor do amigo fizera com que os mais alterados recuassem e desaparecessem. Alguns recém-chegados ficaram por ali a observar o trabalho de vigilância espiritual, de modo que puderam ser arregimentados, para os esclarecimentos das inúmeras interrogações. Uns poucos deixaram-se convencer pela argumentação de que o bem praticado atinge também quem o pratica, mas a maioria abandonou o local, prometendo surpreender o antagonista sozinho.

O grupo de Virgílio acabara agindo na proteção ao desarmado senhor, justamente com o mesmo efeito dos guardas de plantão.

O alvoroço assustou os pais de Alfredo, que ignoravam que o ódio pudesse assumir proporções tão grandiosas. Virgílio, rapidamente, reconduziu-os à prece, para que se formasse campo vibratório para o fim que tinha em vista.

Restabelecidas as condições ideais de influência intuitiva, Virgílio instalou-se ao lado do perispírito de Alfredo e, por meio desconhecido dos que ali se concentravam para o efeito, colocou na mente do protegido a ideia de não abrir o envelope, sugerindo-lhe a alternativa da pesquisa consciencial. Em seguida, restabeleceu-lhe o vínculo carnal, friccionando fluidicamente o pescoço e enrijecendo a musculatura para o efeito do desconforto. Daí a fazer-lhe brotar a ideia do relaxamento e do banho sulfuroso foi fácil. Estava realizado o seu intento, conforme o programa que estabelecera.

Enquanto Alfredo se dirigia para a noite tranquila que por ele esperava, a turma de assistência preparava-se para o primeiro embate no plano da espiritualidade. Na manhã seguinte, Alfredo despertaria com ideias novas.

UMA NOITE BEM DORMIDA

Quando Alfredo se levantou pela manhã, vinha com disposição nova. Teria ocorrido, durante o sono, algo diferente, insuspeitado? Se disséssemos que a noite fora tranquila, no aspecto espiritual, estaríamos incidindo em erro. Mas a agitação foi benéfica e promissora. Vejamos.

Assim que se pôs à parte do corpo, o perispírito de Alfredo foi envolvido por suaves eflúvios vibratórios, no intuito de se lhe criarem à vista imagens de seres que, de uma forma ou de outra, mantinham com ele relacionamentos responsáveis.

A primeira figura indicada foi a de Josineida, a mãe repelida em estado de vigília. Para não lhe dar a sensação da personalidade íntegra e humana, a fantasmagoria fazia representar-lhe a presença sem apontar para a verdade da contextura, como a lhe dar a impressão de estar diante de entidade para ali transportada em imagem.

Diante daquela pessoa, Alfredo despreendeu-se dos temores e lançou agudo grito de furor:

— Rosaura, maldita, que fizeste comigo?

Virgílio, de pronto, abafou o volume do estentor, para não despertar a atenção dos guardiães que, no andar de baixo, se debatiam em luxúria.

Josineida não lhe apareceu com as vestes carnisais da última jornada. Era ali o desafeto que tivera de enfrentar durante largo período na erraticidade; sempre presente em sua imaginação, nunca personificada em realidade.

— Onde está o teu amante?

Fazia Alfredo referência a Nepomuceno, antigo parceiro das trevas, com quem se batera violentamente em carne anterior pela posse do amor de Rosaura, tendo ambos sido preteridos em favor de terceira personagem, o que resultou em séria dissensão no plano da espiritualidade. Quando Alfredo se viu dominador do espírito de Nepomuceno, eis que lhe é arrebatado por Rosaura, em trabalho de resgate socorrista. Amaldiçoara a ambos, mas recebera deles a promessa de que iriam agasalhá-lo na carne, um dia.

Virgílio observava o debate íntimo que travava o espírito do irmão em desequilíbrio. Tendo percebido que a memória se cristalizara em torno da figura em desalinho daquela

que lhe representava vergonha e ódio, passou a metamorfosear a aparição, dando ao fantasma a fisionomia mais recente de Josineida.

Alfredo seguiu a transformação passo a passo, compreendendo de imediato que Rosaura, na forma de Josineida, cumprira a promessa. A que se recusara a ser-lhe amante, fora sua mãe, dando-lhe a condição da vida e a oportunidade do reencontro.

Imediatamente quis saber Alfredo quem fora Nepomuceno. Virgílio criou, então, a mesma ilusão e proporcionou ao assistido a oportunidade de conhecer no pai o antigo desafeto.

O infeliz não sabia como reagir diante da evidência de que, de alguma forma, muito do ódio se transformara em afeto. Faltava-lhe caracterizar a personagem com quem se aliara Rosaura. Aí terceira figura se acrescentou ao grupo, mas não foi reconhecida como do relacionamento atual. Era o fantasma indefinido de um ser que lhe impregnara a memória um dia, mas sem reflexo na condição atual de sua capacidade de mentalização. Tentou sentir a reação íntima, mas nenhum estremeamento lhe indicou qualquer vínculo emotivo. Parecia estar diante de um estranho. Que misterioso relacionamento teria existido entre ambos que se tornara nulo diante do tanto de rancor que dirigira às figuras dos pais?

Consciente da condição espiritual, o pobre homem hesitava diante daquelas figuras. Que fazer? As expressões eram enigmáticas e fugidias. Pareciam estar ali e, ao mesmo tempo, esfumavam-se como em sonho. Queria manter algum tipo de conversação, mas nada lhe vinha à fímbria do pensamento. Estupidificara-se.

Virgílio fez desaparecer as imagens e criou cena em que se viam Marcos e família a rogarem ao Senhor, em prece comovida, a recondução do irmão ao seio daquela pequena comunidade, como outrora se encontraram todos juntos na carne.

Diante da concentração espiritual em prol de sua pessoa, Alfredo sentiu certo estremeamento salutar. Como poderiam seres tão vilmente atacados superar, com tanta facilidade, a descarga de ódio que deveriam ter sentido? Marcos deixava escorrer lágrimas de profundo sofrimento.

— Querido irmão...

De repente, ao fazer menção de se aproximar, a composição dos seres se desfez no ar como que por encanto e Alfredo se viu diante de imenso formigueiro. Eram formigas de todos os tamanhos e cores. Algumas brilhavam luzidias. Na maioria, porém, eram negras e opacas, verdadeiros monstros com garras desenvolvidas a tentarem pinçá-lo. Alfredo via os pequenos seres com extrema nitidez, como se a vista estivesse dotada de lupas. No entanto, eram pequeninos insetos a rodearem-no com ares ameaçadores. Não sentia ferroadada alguma, mas os ferozes animáculos subiam-lhe pelas pernas. Começou longo debater-se inútil para afastar a multidão. Quando chegavam à altura do rosto, metiam a cabeça de encontro aos seus olhos, de sorte que, em cada figura que se apresentava, reconhecia a imagem de alguma criatura humana. Mas o encontro não lhe produziu dor física alguma. Era só o desespero de se ver sob o domínio de tão grande quantidade de seres. Aos poucos, os movimentos começaram a dificultar-se, pelo volume dos pequeninos insetos a subjugar-lo. Estava sendo enterrado. E a galeria das faces esqueléticas e sofridas continuava infinita. Queria perguntar quem eram e o que queriam, mas o medo de vê-los

entrar pela boca impedia-o de manifestar-se. A aflição de não poder escapar daquela subjugação aterrava-o. Não era crível que não conseguisse safar-se.

Começou, então, lenta transformação perispiritual. A presença das figuras dos pais havia feito com que titubeasse diante das pequeninas criaturas. Iria fazer valer agora toda a sua força. Pensou em crescer, tomando a forma de algo assustador, um touro, um minotauro, um diabo, um monstro qualquer. Mas a iniciativa se baldava diante da imensa quantidade de seres a combater.

Quando ia desfazer-se do sono, para livrar-se do sofrimento, desapareceram, de súbito, todos os perseguidores, volvendo a deparar-se com as figuras de Josineida e Nepomuceno, agora não mais tão esgazeados e distantes. A mãe lhe sorria enquanto o pai se mantinha ajoelhado e penitente.

Virgílio procedeu a outra manobra para provocar nova ilusão. Diante de Alfredo, à vista dos pais, fez representar a cena em que o filho os acusava de rejeição e de incentivo ao crime. Mas, no quadro, as pessoas acusadas ganhavam outro aparato físico. Deixavam de ser os pais e o infeliz se via diante de si mesmo, reproduzido mais duas vezes. As verberações se voltavam para si. Os pais se subtraíam a qualquer intuito seu de serem apontados como responsáveis pelos seus próprios desmandos.

Desaparecida a cena, Alfredo foi convidado a observar outra representação. Era a configuração dos sentimentos dos pais, agasalhando-o no ventre e depositando-o no lar, juntamente com outras criaturas. Era a promessa de novo viver em esfera de confraternização. Esquecia-se o passado. Arremessava-se a visão para o futuro.

Aí Virgílio se fez visível para a criatura em estado de bloqueio intelectual e moral. Impositivo, determinou-lhe que refletisse a respeito da seguinte propositura:

— Que você acha de receber o benefício do esquecimento até o final da atual peregrinação? Toda vez que se desligar da densidade corpórea, por meio do sono, por iniciativa sua e a seu desejo, cumprindo os desígnios de sua vontade soberana, irá apresentar-se a mim para elucidações de todas as dúvidas e de todos os tormentos. Saiba que os eventos das pregressas atuações na carne ou fora dela serão olvidados e nós só trataremos das tendências de comportamento que se caracterizarem à vista dos impulsos da personalidade. Se você aceitar, poderá contar com a ajuda daqueles seres que o acompanharam no último encarne. Caso contrário, tudo voltará a correr conforme até aqui. Decida-se.

Alfredo não titubeou. Parecia-lhe que jamais ouvira qualquer oferta tão desinteressada e, ao mesmo tempo, tão proveitosa. Antes que a memória lhe fosse apagada, teve tempo de ouvir as imprecações que se instalaram no fundo da consciência.

Virgílio tomou aquele ser obscuro que lhe jazia aos pés como verdadeiro cadáver e restabeleceu-lhe os eflúvios da vitalidade necessários para a compreensão do que se diria. A primeira pergunta foi a respeito de Ângela. Quem era aquele ser que tão intensamente lhe repercutia no pensamento, no sentimento, na vida?

O mentor fez aparecer a graciosa figura da menina, envolta em brumas, como se fora mirífica visão.

— Ei-la, aí — disse-lhe. — Que sensações lhe causa a sua imagem?

Pela primeira vez, algumas lágrimas incontidas surgiram daqueles olhos ressecados pela insensibilidade. Estava respondida a pergunta e nova onda de esperança encheu o coração do grupo ali concentrado para o socorro.

Ao longe, Alfredo ouviu que várias pessoas recitavam linda prece de agradecimento ao Pai. Eram vozes entrecortadas por soluços, mas o final da oração se perdeu e ele acordou decidido a enfrentar as sombras que o vinham perseguindo. Ligou para o irmão. Queria conversar com alguém de confiança que entendesse da vida após a morte. Desconfiava que passara a noite na companhia dos espíritos. Iria pôr isso tudo a limpo.

Antes, entretanto, que pudesse alcançar a carta trancada, foi alertado por telefone que precisavam urgentemente dele para resolver sério caso de alguém que se insubordinara. Havia risco para a segurança da organização.

Alfredo despertava para a realidade.

VIRGÍLIO É CHAMADO

Ao mesmo tempo em que Alfredo partia para resolver os problemas que se iniciavam na organização, Virgílio deixou o pessoal reunido, para seguir para o Alto, atendendo a apelo do setor da espiritualidade encarregado de orientá-lo.

Junto ao mentor, pôde reconhecer que os passos que dava estavam sendo largos demais para a compreensão dos pupilos. Deixasse que sofressem com a descoberta das imperfeições e, a partir daquele instante, vigiasse de longe, sem interferências. Foi louvado em todas as providências, mas era preciso estender-se mais em explicações, para que nenhuma fase ficasse incompreendida.

Conheciam-lhe o sentimento e achavam que otimismo demasiado pode comprometer todo o serviço. Fosse mais realista. Muitas vezes, a semente plantada demora no coração da terra para obter os recursos de ambientação para germinar. No caso de Alfredo, era preciso dar mais tempo, para que pudesse afeiçoar-se à ideia de perder inúmeros bens materiais em troca de uns poucos sentimentos morais. Não fosse com tanta sede...

Virgílio quis saber se algum dos amigos precisava de atenção especial

Procedesse como em relação a Alfredo. Deixasse que se debatessem com certas dúvidas e ânsias. Naquele instante, estavam perplexos em virtude do acúmulo dos acontecimentos. Era preciso que se cristalizassem os pensamentos em função da caracterização das emoções e reações profundas. Ficasse atento para possíveis desajustes psíquicos, mas só interferisse em caso de visível dissidência. Desaparecesse de cena, fazendo com que uns se socorressem dos outros, para que o grupo se firmasse como coletividade.

Virgílio ouviu as explicações atentamente. Não se sentia diminuído nem lhe representaram as advertências qualquer sentido de repreensão. Era a natural exposição de quem sabe mais, na distribuição amorável de conhecimentos. Era o exercício claro do socorrismo em nível elevado. Se suspeitasse de que errara e que tudo significasse tão só a decisão de mudança de rumo, elaboraria em flagrante erro e profunda injustiça. Nem o mentor se referia a esses sentimentos, nem ele os externou. Era simplesmente a configuração natural dos fatos.

Quanto a Carlos e companheiros, deixasse que o grupo da espiritualidade oferecesse acompanhamento e assistência, favorecendo-lhes o contacto mediúnico.

Pelo que concernia a Alfredo, era evidente que se transformava, no sentido da busca do domínio do destino. O importante era deixar-lhe claro que o exercício do livre-arbítrio só se realiza mediante convenções armadas pelo grupo em que se insere o indivíduo. Tudo que ferir os princípios estabelecidos irá provocar as reações de ajustamento cabíveis, de modo que, para total liberdade de ação, necessário seria que o sujeito pudesse impor a vontade integralmente sobre a sociedade. Nesse caso, que se esforçasse Virgílio para fazê-lo ver que nem tudo se lhe submetia ao jugo das decisões pessoais, precisando ceder em inúmeras circunstâncias. Que voltasse esse mesmo raciocínio para o plano da espiritualidade. Talvez pudesse vir a ser esse o caminho para obter dele reflexão a respeito dos desígnios do Senhor.

Fosse em paz!

Virgílio muito agradeceu as sábias determinações do superior e voltou para seu plano, disposto a se fechar em seu compartimento, para meditar profundamente a respeito de tudo que lhe fora passado naquele feliz encontro. Suspeitava de que precisaria alterar os projetos.

O SEGUNDO ENCONTRO ENTRE CARLOS E ALFREDO

Depois de ter resolvido muitíssimo mal o problema da insubordinação de um dos chefes do setor de entorpecentes, permitindo ao ganancioso bandido que deliberasse a respeito da própria vida do modo que melhor lhe aprouvesse, para o que retirava toda possibilidade de assistência — coisa que, em outros tempos, não faria, eliminando desde logo o problema com a sujeição do insurrecto por meio de algum ato de força —, Alfredo voltou-se para o encontro que marcara com o irmão.

A longa questão relativa à defecção do ajudante tomou-lhe toda a semana, de modo que só foi lembrar-se de que veria o irmão na tarde daquele mesmo dia.

Era por demais claro que algo não corria exatamente como imaginara. Pensara que seu relacionamento iria deixar o irmão entusiasmado por poder pescar mais uma alma com sua rede. No entanto, ao confirmar o horário e o local, ouviu dele se não seria possível que viesse até sua casa, onde estaria reunida toda a família. Não era data especial, mas é que era o dia de se ler o *Evangelho* e bem poderia ocorrer de Alfredo se interessar pelos assuntos a serem debatidos.

Pareceu-lhe que Carlos estava simplesmente apresentando desculpa para não atendê-lo. Enganava-se, evidentemente, pois o desejo do irmão era possibilitar à família que lhe reforçasse os argumentos, no caso de Alfredo apresentar-se com ideias de prepotência, em virtude do reconhecimento de que suas atividades estivessem claras para os parentes. O que Alfredo interpretou como repulsa era só atitude de defesa e receio de confronto.

Como o horário e o local previstos impedissem a Alfredo de buscar o envelope, decidiu que compareceria sem ter lido a mensagem que lá se continha. Diria, como desculpa, que esquecera o envelope em algum lugar, precisando procurá-lo. De resto, se o irmão quisesse, poderia referir o assunto de viva voz.

Às oito horas, pontualmente, Alfredo chegou à residência do irmão, dirigindo o carro. Dispensou o chofer, mas não se desfez dos guarda-costas, que o acompanharam em outros três carros. Desde a tarde, logo que ficou determinado o local do encontro, vários

seguranças se postaram em pontos estratégicos, para devassarem o ambiente em busca de tocaias possíveis das outras organizações, ávidas por se apoderarem do império do ex-vendedor de automóveis.

Não havia guerra declarada entre os marginais, mas a oportunidade de se desfazer de tão alta figura, para apropriação de seus pontos, não seria de desprezar-se.

Estranhou Carlos que Alfredo chegasse sozinho, pedindo-lhe para que guardasse o carro na ampla garagem, no que foi atendido, com a recomendação de que o veículo pudesse ficar voltado com a frente para a rua, para o que foi preciso manobrar os diversos carros até que tudo ficasse de acordo com o desejo de Alfredo. Era o indício de que não estava sossegado e Carlos notou.

Os cumprimentos se deram sorridentes, ficando a família tranquila quanto a possíveis entreveros. Teria lido a carta de Ângela? Carlos foi diretamente ao assunto:

— Você tomou conhecimento do conteúdo do envelope?

— Sabe que não sei onde foi parar... Devo ter deixado entre os papéis do escritório. Amanhã mesmo procederei a séria busca. Mas você não pode adiantar o assunto?

Carlos não ficou sabendo qual era a mentira: se o extravio do documento ou se lera e fazia de conta que não.

— É melhor que você veja com seus próprios olhos. Vamos iniciar os estudos da noite. Tome lugar na cabeceira.

Alfredo sentia-se peixe fora da água, a debater-se intimamente. Queria e não queria ouvir o que ali se passasse. Seria aquela sessão em que os espíritos seriam evocados?

— Hoje nós vamos ler alguns tópicos do livro ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Você já conhece esse livro de Kardec?

— Não.

— Pois vamos oferecer-lhe um para você ler em casa. Que livros do codificador você possui?

— Codificador?...

— Sim, de Allan Kardec. Desculpe, pensei que você tivesse estudado alguma coisa a respeito do espiritismo. A mãe não lhe deu nenhum exemplar?

Alfredo não se recordava de ter tido jamais contacto com qualquer obra. Lembrava-se da estante da casa e do grande número de livros que lá havia. Mas nunca se interessara em percorrer os títulos.

— Eu sei que quando o pai morreu... desencarnou, como vocês dizem, nós repartimos o que havia no apartamento e eu me lembro de que os livros foram para o centro. Eu não fiquei com nenhum.

— Pois, para quem quer saber a respeito da vida após a morte, é preciso ler ***O Livro dos Espíritos***.

Aí Alfredo recebeu de Carlos um exemplar, tendo feito questão de lhe apresentar a dedicatória:

Ao mano Alfredo, como lembrança das primícias de nossa vida em Jesus. Que nunca os nossos laços de amor venham a ser rompidos! Graças a Deus!

Alfredo agradeceu a lembrança, avaliou que o irmão se empenhara em atender-lhe à solicitação de enfronhá-lo nos temas espíritas e fez questão de abrir o livro de estudo ao acaso, para a lição da noite, assim que Catarina fez a prece de abertura. Queria demonstrar boa vontade e colocar todos com a mente aberta para os temas que iriam discutir-se. Desejava sentir o que se passava de real naquele ambiente, sem perturbações, em virtude de sua estranha figura ali inserida inopinadamente. Acendia-se-lhe a curiosidade.

Aberto o livro, leu-se o trecho e fizeram-se diversos comentários. Falou-se da confraternização entre os homens. Kardec era claro em comentar o trecho bíblico. Mas as ideias embaralhavam-se na cabeça de Alfredo. Parecia ter penetrado em outro mundo. Como é que um grupo de pessoas tão inteligentes poderia submeter-se a temas tão pueris? Falou-se de Jesus como de ser extraordinário, dotado de poderes acima dos normais. O que mais lhe espicçou a morbidez foi a assertiva de que o Cristo se havia deixado pregar na cruz por amor à humanidade. Que espécie de confraternização era aquela baseada na dor, no sofrimento e na morte? Realmente, tudo lhe parecia muito além da realidade.

Findas as leituras, Catarina se propôs a receber algum recado do plano espiritual.

Aí a atenção de Alfredo se intensificou. Queria saber como é que tais coisas se davam.

As luzes foram atenuadas e a sala ficou em semi-obscuridade, em que mal se distinguiam as feições das pessoas. Feita a prece de invocação, imediatamente a cunhada se pôs a escrever celeremente, necessitando ser auxiliada pela nora que se postara ao seu lado, para a substituição das folhas que se preenchiam. Era incrível a rapidez da comunicação.

Alfredo reparou que todos se concentravam e não faziam qualquer menção de estarem surpresos ou tomados por entidades.

Ao cabo de dez minutos, seis laudas de papel estavam preenchidas com letra cursiva, bem proporcionada e segura. Não fora pela rapidez da escrita e se poderia dizer que fora a caligrafia burilada. Assinava-se, ao final, Josineida.

Carlos estremeceu de alegria. Eis que a mãe vinha resgatar o filho para as lides da benignidade.

Serenados os corações, por meio da prece de encerramento e agradecimento, acesas as luzes, era chegado o momento da leitura.

Alfredo pôs sob suspeição o que vira. Não acreditava em que realmente a mãe estivera ali presente para dar recado aos viventes. Se isso fosse verdade, era sinal de que os espíritos poderiam muito mais do que os mortais, pois teriam tudo sob domínio. O pobre homem punha tudo sob o tacão de quem manda e de quem pode.

Catarina pôs-se a ler a mensagem da sogra:

Queridos filhos e netos:

Eis que minha felicidade se completa com a presença neste santo lar da ovelha que se encontrava tresmalhada e que se achou.

Perdoem-me, meus caros filhos, se dedico a mensagem à saudação de meu amado Alfredo, filho que se apresenta hoje às lides do espiritismo.

Sei que seu coração teme que tudo o que aqui se passa seja fruto da imaginação das pessoas, iludidas pela fantasia e pelo desejo de se firmarem diante da vida e da morte.

Que poderei dizer para demonstrar que é sua mãe quem aqui está a recepcioná-lo, com o coração leve e a alma plena de alegria? Certamente, o meu bom filhinho saberá reconhecer que só nós dois sabemos que...

Nesse ponto, Catarina suspendeu a leitura e passou as folhas para que Alfredo lesse em particular ou guardasse para depois. Afirmou que a escrita fora mecânica e que não conhecia o teor do texto. Como as notações eram pessoais, seria preferível que só o destinatário tomasse conhecimento dos dizeres ali registrados.

Carlos exultava de alegria. Os filhos também agradeciam intimamente o resultado da sessão. Catarina simplesmente não sabia o que dizer. Alfredo sentiu certo tremor nas mãos, apanhou as folhas, dobrou, guardou-as e se propôs a divulgar o que ali se dizia se, brincou, fosse conveniente. Ainda não tinha a certeza do que concluir a respeito das sensações daquela noite.

Não haviam jantado e Alfredo fez questão de oferecer-lhes refeição em um dos restaurantes mais caros da cidade.

Entretanto, a família havia preparado alguns pratos, na expectativa de que aceitasse ficar para a ceia. Alfredo desacostumara-se da vida em família, mas acabou ficando, embora incomodado pelo muito de formalidade que todos demonstravam. O único que se deixou envolver pelo clima amistoso oferecido pela mensagem da mãe foi Carlos, que, durante toda a reunião, lembrou casos de suas infâncias, em que os irmãos se rejubilavam com a ventura do convívio da família.

Alfredo ficou emudecido e não partilhou da mesma felicidade expansiva do irmão. Queria ver naquela atitude algo além de pura manifestação de amor fraterno. Parecia-lhe que havia turbulências a serem vencidas naquele navegar que se iniciava tranquilo.

Às dez horas, deixava a residência do irmão, prometendo pôr a limpo, naquela mesma noite, as informações da mensagem e o que se encerrava no misterioso envelope.

Entre dentes, sussurrava:

— Que belos santarrões!...

REVELAÇÕES

Alfredo chegou logo a casa. Ao invés de procurar a segurança da fortaleza no morro, dirigiu-se à zona sul, para o luxuoso apartamento, onde guardara o famigerado envelope. Iria saciar de vez a sede da curiosidade.

Lá chegando, arremessou os livros presenteados sobre o sofá e abriu as folhas que recebera de Catarina. Que teria sua mãe (sua mãe?) para contar-lhe?

Você se lembra do dia em que fez seis anos? Pois eu deixei passar a data em branco. Fiz com que tudo se preparasse pelas empregadas e fui até o centro. Seu pai ficou furioso, pois encontrou você chorando, dizendo que os presentes não valiam nada; o que você queria era sua mãe... Na minha incompreensão dos sentimentos infantis, achava que o mais importante era retirar das trevas pobres e infelizes criaturas que pecaram durante a vida. Era dia de desobsessão e o pessoal — achava eu — trabalhava pior sem mim. Louca pretensão! Fiz você esperar mais de uma hora no carro e ainda assim não o tratei com o devido respeito e carinho, pois Nepomuceno me fez graves censuras. Agora vejo que estava errada, pois nós dois sabemos o quanto minha falta representou para você. Peço-lhe, meu filho, humildemente, que perdoe sua mãezinha.

Nesse ponto da missiva, Alfredo parou para respirar. Queria saber como é que Catarina poderia ter tido conhecimento desse episódio. Por mais, no entanto, que imaginasse situações de encontros fortuitos de circunstâncias, jamais alguém poderia saber o que se lhe passara no íntimo, desde aquela época. Nada disse a respeito de seus sentimentos a ninguém. O pai, tinha a certeza, jamais iria pôr reparo em dado tão insignificante do passado, mesmo porque fizera com que Josineida fosse para a festa de aniversário, que se atrasara mas que, enfim, se realizara. Que mais poderia ter a mãe escrito? Começava a acreditar que fosse ela mesma.

Realmente, seguia-se a descrição de vários outros acontecimentos relativos ao relacionamento de ambos. Relatos de dias em que saíram só os dois para compras, com

minúcias inteiramente fiéis, como no dia em que deixara cair o sorvete no chão, de propósito, porque desejava que a mãe lhe comprasse outro. Sabia que havia limitações quanto a sorvetes e, daquele jeito, obteve outro copo cheio. O estranho da descrição é que a mãe demonstrava conhecer intimamente a malícia que empregara.

Outro acontecimento escoteiro em suas lembranças foi o do dia em que se negara a deixar-se examinar pelo médico, quando a mãe solicitou ficar a sós com a criança. Vinha a transcrição fiel da conversa, em forma de diálogo. Ele bem se recordava do fato, pois o resultado da consulta foram duas taças de sorvete, sem que fosse preciso derrubar nada.

Nesse ponto da leitura, Alfredo pediu à mãe, se estivesse presente, que batesse duas vezes na mesa ou que demonstrasse sua presença por qualquer outro meio. Silêncio. Solidão. No entanto, parecia que a progenitora escrevera com muito amor. Descartava a hipótese de ter a cunhada conhecimento próprio dos fatos ali descritos. No máximo, admitia a possibilidade de que se pudesse ler-lhe no inconsciente. Mas como, se ele sequer se lembrou na ocasião de nada do que se registrou?...

Do meio até o final, fazia-se longa exposição dos benefícios para a alma humana de vida padronizada pelas normas e preceitos cristãos, especialmente quanto à necessidade de se afastar dos males e dos vícios.

Para encerrar, dava-se ciência de que os espíritos acompanham os encarnados e lhes conhecem os desideratos e atitudes, até mesmo quando procuram ocultar da vista do mundo. Se não tomavam providências, é por que o tempo é senhor do homem e decidiria quando é que seria mais oportuno para reconduzi-lo à trilha do amor que leva ao Pai. Comprovava-se com a assertiva de que o envelope se achava guardado em tal gaveta de determinado móvel, cuja chave tinha certas características.

Não só a mãe lhe narrava casos envolvendo ambos, como lhe indicava fatos de que só ele tinha conhecimento. Um suor frio começava a escorrer-lhe pela frente.

Ao final, recomendava Josineida que abrisse e lesse o que se guardava ali.

Alfredo apanhou o envelope e pôs sobre a mesa. Hesitava ainda uma vez. As perguntas que fizera na outra noite repercutiam-lhe na consciência.

No plano etéreo, programavam-se as consequências que adviriam. Os guardiães que dele se aproveitavam para os atos deletérios, vendetas e perseguições, reconheciam que Alfredo fora envolvido por forças invisíveis para alteração do rumo da vida. Ficaram pasmos quando perderam o contacto com o obsidiado, no momento em que adentrara a casa do irmão. Por mais que intentassem abrir brecha nas barreiras que lá se colocaram, viram-se repelidos. Agora mesmo, sentiam bloqueados os impulsos, pois o próprio Alfredo demonstrava-se decidido a ir até o fim no plano de conhecer o teor dos dizeres ocultos. Sabiam do que se tratava e temiam que algo pudesse vir a prejudicar a parceria na peregrinação criminosa que empreendiam. Se fossem derrotados, certamente iriam padecer sob o impacto energético dos superiores da caterva das trevas. Precisariam agir rápido, mas se viam obstaculizados, por isso punham a imaginação para funcionar, para dar sequência às suas ações, assim que Alfredo se enchesse de ira.

Num impulso de medo e de desafogo, sensações contraditórias capazes de serem a alavanca para a superação dos traumas psíquicos que o vinham perseguindo, o filho de Nepomuceno abriu o envelope e se deparou com a carta de Ângela.

"Querido tio Carlos...", iniciava. Assinava "Ângela" e datava de alguns meses antes: "Assunção, 15 de..."

Rapidamente Alfredo formulou o conteúdo no cérebro: era a revelação de seu desatino em relação à família de Marcos. Então, todos com quem estivera naquela noite lhe conheciam a vida oculta...

Leu de um jato toda a missiva, apoiando-se fortemente na cadeira para não sucumbir à revelação.

Não sabia o que pensar. Se o irmão conhecia o que fizera com a sobrinha, se os tiros repercutiam ainda sobre a foto da família, por que Carlos o recebera tão bem? Não era ele vil facínora, que merecia ser julgado, condenado e preso? Que misteriosos caminhos estavam trilhando aquelas criaturas?

As questões se cruzavam no cérebro arguto do frio criminoso. Finalmente, decidiu que não se daria a joguete da malícia do irmão. Iria desdizer tópico a tópico, incentivando o aspecto positivo de ter-lhe o irmão mostrado a carta, antes de fazer qualquer acusação. Isto lhe parecia demonstrar que talvez não tivesse realmente acreditado no que lera. Afinal de contas, Ângela não estava mais viva para contradizê-lo...

Foi pensar nessa possibilidade e dar com as folhas escritas pela cunhada. Lá estavam as provas evidentes de que o plano espiritual poderia desmenti-lo a qualquer momento: os meios para isso estavam nas mãos do irmão.

Começava a sentir forte pressão na cabeça. Teria que se livrar da família de Carlos como fizera com a de Marcos? E se providenciasse acidente igual ao que vitimara Criseide e os filhos? Ao se lembrar desse recurso, percebeu que era bem provável que se suspeitasse de que tivesse arquitetado a queda do avião. Não, desse crime estava livre. É verdade que soubera das providências para o embarque definitivo para o Brasil. Tinha tido, inclusive, conhecimento de que seus cheques constituíam fundo particular, que permanecera intocado e que, como se dizia na carta, fora utilizado para benemerência. Aliás, se não tivesse tido essa notícia, como poderia ter deixado que a mudança se realizasse? Não conhecia o desejo de Ângela de vir trazer-lhe a palavra do perdão — meiga criatura —, mas sabia que maior mal não lhe poderiam causar, pelo menos sem a chance de se antecipar a qualquer agitação pela publicidade dos fatos. Os informantes no Paraguai tinham agido de modo efficacíssimo. O acidente não tivera participação alguma de sua organização.

Começava a divagar, incerto sobre que decisão tomar. Com que cara voltaria para a reunião marcada com o irmão? Como poderia sustentar-se diante dos sobrinhos e esposas, sem que suspeitassem que pudesse estar tramando algo contra eles? Se eram espíritas convictos e se praticavam o bem como Josineida lhe sugeria na mensagem, certamente não iriam persegui-lo, se desaparecesse de sua vista. Como deviam sentir-se mal com sua presença...

Aí Alfredo pôs-se a analisar a situação em que Carlos se viu colocado pela sobrinha. Teria sido ela quem o conduzira à doutrina espírita? Com que meios? As dúvidas se perdiam em interrogações. Nem tudo conseguia imaginar com propriedade. Lembrou-se de que os advogados tinham sido rechaçados em suas propostas. Cotejou com a data da carta

e avaliou que, naquela época, Carlos já conhecia a sua participação nos eventos que conduziram a família de Marcos ao Paraguai.

Por que nenhuma palavra em recriminação? Por que o interesse em cativá-lo para o espiritismo? Que fanatismo era aquele que justificava o esquecimento de males tão grandes?

Lembrou-se de ter invectivado os pais. Como resposta, Josineida lhe pedia perdão. Será que Carlos poderia ter o mesmo comportamento?

Seus inimigos da espiritualidade se viam tolhidos nos desejos de atuação. Achavam impossível que o enredamento do pupilo se tivesse feito de modo tão perfeito, a impedir que se manifestasse com ímpetos de sangue. Quando lhe introduziram a ideia de eliminar o irmão e família, julgaram que iria partir para o revide espiritual, por se sentir colocado em condição de tanta inferioridade. No entanto, o fato de se perceber alvo de consideração e respeito obstou que a intuição pudesse ser acatada. Alfredo não se sentia ameaçado. Suas reações eram brandas no que se referia aos outros. Se havia alguém a acusá-lo, esse alguém era ele mesmo, que reconhecia não ter agido corretamente com os parentes, os quais não lhe davam motivo algum para qualquer ação furibunda.

Naquela noite, Alfredo não conseguiu conciliar o sono. Nem deitar foi. Esqueceu-se dos calmantes, das bebidas alcoólicas, da agenda das próximas horas. Pensava na existência.

DESGRAÇAS

Naquele meio tempo, enquanto Alfredo passava por sérios distúrbios emocionais, no plano do etéreo, preparavam-se contra-ataques poderosíssimos, para recompô-lo diante do poderio do mal. Espíritos de categorias inferiores deslocavam-se para a crosta para impedir que os agentes do bem saíssem vitoriosos nos empreendimentos. Enquanto as vitórias se davam sobre seres sem importância, como Carlos e filhos, só uns poucos indivíduos se transferiam para perturbações de outras entidades mais fáceis de influenciar. Mas Alfredo era especial. Se houvesse conversão, deserção ou, como preferiam dizer os malévolos representantes das trevas, traição de ser tão responsável por inúmeras situações de crimes, a sustentação daquele edifício poderia ruir, vindo abaixo laboriosa obra.

Não que se importassem com a figura do servo de seus desideratos. Se se afastasse sem levar ninguém consigo, tudo bem. Para cada ser que sobe, na contagem infernal, há mais de cem que descem. Restava, ainda, tirar proveito da defecção, mas para isso era necessário envidar esforços, trabalhar.

Sendo assim, precisariam burlar a vigilância dos protetores daqueles que seriam tentados. Pesquisou-se, dentre os que ajudavam mais diretamente o chefe supremo da organização, e encontraram num deles a pessoa ideal para o golpe.

Antes de tomarem, contudo, qualquer providência, examinaram detidamente a extensão das atividades do resgate que se efetuava, para caracterização dos socorristas. Não lhes foi difícil verificar que havia grupo numeroso dedicado ao mister, mas que nenhum dos guardiões ou dos obsidiados estava sendo alvo especial do grupo. No máximo, havia alguns calafrios em ambos os planos, ao perceberem que a personagem mais importante de seus relacionamentos sociais estava dando mostras de fraqueza. Para isto, teriam remédio fácil: iriam deflagrar guerra entre quadrilhas para ocupação da mente do pupilo com problemas específicos da matéria, quanto à segurança e à preservação, mesmo com o risco do despertar das autoridades constituídas e da população em geral para a amplitude do domínio que a marginalidade exercia. Era preciso não titubear.

Quando Alfredo se aprestou para encontrar-se com os diretos assessores, notou que faltava o relatório de um deles. Através desse documento é que se deliberavam as

providências. Sendo a primeira vez que isso se dava, Alfredo temeu que algo de mau poderia estar ocorrendo.

Como a noite fora passada em branco, o seu nível de reação não estava tão pronto como habitualmente. Em lugar de, imediatamente, ligar para obter notícias, gastou boa meia hora conjecturando o que poderia ter levado o auxiliar a falhar. Assim que ligou, no entanto, conseguiu a informação que lhe faltava. O amigo estava desaparecido. Ralhou com a secretária por não tê-lo colocado a par do fato, mas esta disse que os telefones estavam bloqueados, tendo sido liberados há poucos minutos atrás.

Alfredo convocou os mais fiéis companheiros e determinou busca minuciosa junto a todos os meliantes conhecidos na área de sequestros. Em duas horas de pesquisas, mais de quinhentas pessoas foram contatadas e surgiu a hipótese de o amigo estar preso por pessoal de outra região. O informante temia pela vida e se dispôs a revelar o que sabia mediante todas as garantias.

Fez Alfredo vir à sua presença a sorradeira criatura e determinou-lhe a revelação de tudo. Não obtendo informes seguros, mandou que fosse levado à presença de alguém da quadrilha apontada como responsável.

Definidos por telefone os códigos do encontro, foi o pobre delator transportado para enfrentamento dos opositores. Sua proteção fora denegada, a ponto de inverter-se a sua condição de mero coadjuvante dos acontecimentos para a de figura central.

Sem alternativa, viu-se na obrigação de narrar tudo o que sabia por ter visto ou ouvido. Não teve coragem de dizer que o filho estava envolvido, mas não pôde esconder o fato de que alguém do outro grupo estava recebendo propinas para sustentá-lo em sua falange, como necessário para a vigilância.

Meia hora depois, os dois cadáveres, crivados de balas, eram arremessados juntos em vala aberta em cemitério clandestino.

O grupo de Alfredo foi avisado de que o sequestrado estava realmente em mãos dos adversários e de quais condições haveriam de satisfazer suas exigências.

Na verdade, os sequestradores constituíam grupo dissidente de outra organização, o que Alfredo com simples ligação ficou sabendo. A guerra que se prenunciava não seria tão sanguinolenta, mas não se poderia arriscar a vida do sequestrado, poderoso chefe de imenso exército de facínoras.

Ao tomar conhecimento das exigências dos sequestradores, Alfredo percebeu que visavam tomar grande área sob seus domínios, para exploração dos pontos de tóxicos, além da pretensão de mais de vinte milhões de dólares.

Antes de concordar com as condições, mandou chamar os guarda-costas do amigo, para informá-los de que queria que todos os sequestradores fossem eliminados, assim que o patrão se visse livre. Diante do homem, os assassinos tremeram, pois conheciam-lhe a fama de não perdoar as ofensas. Estranharam, contudo, que não determinara que seus próprios sequazes tomassem a iniciativa da vingança. O que mais os intrigava era não tê-los interrogado a respeito de quem falhara na guarda, permitindo que o rapto se desse.

O dinheiro solicitado foi arranjado e, em cinco dias, todo o *affaire* terminou. Mas houve uma vítima insuspeita. O amigo não foi devolvido com vida; foi encontrado trucidado diante da porta da mansão de Alfredo, no meio do morro. Todas as defesas haviam sido burladas, sinal evidente de que se desleixava.

Crescia a ousadia dos inimigos.

Não tendo mais patrão a quem defender, à vista da turbulência dos adversários, os delinquentes designados para o ato da vingança simplesmente eclipsaram-se, tendo alguns tentado bandear-se para os inimigos, sendo barbaramente executados.

Ou Alfredo abria espaço para essa nova falange de malfeitores que se infiltrava em seus domínios, ou se deveria bater com eles, até a extinção do grupo. Eis em que resultaram as atividades dos obsessores.

Mas não estava ele aflito com os desdobramentos dos cometimentos dos inimigos. Preocupava-se muito mais em garantir a sua própria segurança. Deixava de ser o chefe confiável. Premido pelas necessidades dos negócios de fachada, começava a perder a noção da importância de ter fortemente à mão o conjunto dos fatos.

Para o lugar do chefe assassinado, fez subir o filho mais velho, alguém em quem poderia confiar, principalmente se tentado fosse a traí-lo. Acreditava que a revelação da paternidade poderia vir a ser a condição da fidelidade. O rapaz era muito novo, mas demonstrava firmeza em todas as atitudes. Quem sabe pudesse até vir a substituí-lo mais tarde.

Juvenal, vulgo *Marujo*, porque praticava o tráfico nas docas, aceitou o encargo, mas se deparou com situação muito constrangedora: teria de perseguir os dissidentes que deixaram de cumprir as ordens diretas providas do comando. Por outro lado, inúmeros documentos importantes haviam caído nas mãos dos inimigos, de sorte que vários atentados se registraram em firmas agora sob sua responsabilidade. Se não tomasse sérias medidas restritivas, não conseguiria restabelecer os antigos limites de seus domínios.

Foi assim que se instalou verdadeira guerrilha urbana entre as gangues adversárias. Em quinze dias de combates, mais de duzentos cadáveres foram encontrados pela população aterrorizada. Não era raro, pelas madrugadas, ouvirem-se rajadas de metralhadora, aniquilando famílias inteiras, para a coerção psicológica necessária para manter o povo de boca fechada.

Por todos os lugares, dizia-se que o morro estava passando para outras mãos.

Enquanto *Marujo* fazia o que podia para garantir-se como chefe, Alfredo hesitava em mandar os seus homens entrarem na luta com a força de que dispunham. Confiava em que o filho daria conta. No entanto, a resistência oposta estava muito superior a que fizeram crer as palavras que o informaram de que se tratava de grupo de dissidentes. Parecia até que o morro vizinho é que invadia o seu.

De qualquer forma, precisava ir em auxílio ao filho ou teria de amargar derrota que significaria o prenúncio da falência de tudo que construía.

Quando lhe foi negada grande partida de narcóticos para embarcar para o exterior, percebeu que o crescimento dos adversários deveria cessar e regredir, pois as reservas de capital ameaçavam sofrer considerável abalo para a manutenção de todas as atividades.

O que Alfredo desconhecia era que o grupo oponente vinha realizando sério trabalho de infiltração em suas bases desde há longo tempo, mediante meticuloso planejamento. Na verdade, o sequestro e assassinato do lugar-tenente era tão só um dos tópicos de longa série de providências que visavam à ocupação do morro, o que se dava com o amparo de outros chefes, sob a promessa de redistribuição das áreas de influência. Uns queriam os tóxicos, outros, o contrabando, um terceiro grupo desejava explorar o

lenocínio. Havia até quem visasse tão só a se apoderar dos bens imóveis, para garantia da segurança pessoal. Vazara, inclusive, a informação de que a fortaleza era inexpugnável.

Premido pelas circunstâncias, Alfredo deliberou reunir todo seu *staff*, para as medidas drásticas e emergenciais que precisava tomar. Toda sua fleugma e sangue-frio se viram testados, mas conseguiu sair-se bem diante das afrontas.

Reunidos, decidiram os companheiros que estava na hora de fazer valer as influências políticas e jogar também com as forças policiais sob sua jurisdição. Se preciso, dada a premência das medidas de represália, que se delatassem às entidades federais e à imprensa, os meios de que lançavam mãos os adversários, para a consecução dos objetivos. Seria a negação de todas as leis que mantiveram a estabilidade da organização, mas seria o recurso para seguro enfrentamento, sem colocar em risco as próprias atividades de cada qual.

Diante da derrocada iminente, Alfredo ponderou que a quebra das regras era alvitre suicida. Talvez fosse preferível ceder de vez às exigências e estabelecer trégua, em que se poria a população em condições de reflexão a respeito de quem estaria em melhor situação de oferecer-lhes segurança. Punha-se frontalmente contra a opinião dos comandados, os quais não viam na solução pacífica o fim dos problemas.

De uma hora para outra, o mundo de Alfredo se viu verdadeiro caos. Titubeava em tomar medidas violentas, mesmo quando em revide a atos de pura selvageria contra seus homens. Examinou detidamente todo o trabalho que havia tido para montar o império e resolveu que estava na hora de abandoná-lo. Havia calculado que um dia pudesse vir a derruir-se, para o que montara seguro sistema de fuga e de desaparecimento das vistas de todos os bandidos de quem era conhecido.

Não querendo fazer ninguém saber da decisão, escreveu sucinto bilhete ao filho, revelando-lhe o segredo da paternidade e aconselhando-o a assumir o seu posto, para o que lhe fornecia os relatórios arquivados de todas as atividades. Em testamento lavrado diante de testemunhas anódinas, que não sabiam o que assinavam, deixava as propriedades para os filhos, que, por meio daquele documento, legitimava, e forjou desastre em que seria tido como morto.

Plano antigo, dispôs-se para a operação plástica que lhe daria nova fisionomia e criou nova personalidade, a partir de bens de que dispunha com nome fictício, amparado por documentação extraída das próprias repartições oficiais.

Cinco meses depois de lida a carta de Ângela, sem jamais ter entrado em contacto com o irmão, eis que Alfredo passou a viver em fazenda no Estado de Mato Grosso do Sul, com os dólares lacrados em conta numerada de um dos bancos suíços.

Na comarca, fazia tempo que o seu nome era tido como de benfeitor, mercê das elevadas quantias que vinha distribuindo por meio de doações às diversas instituições de benemerência. Era a ceva comunitária para a recepção que desejava obter, para ser tido como cidadão honesto, probo, inatacável e respeitado.

No Rio de Janeiro, o seu caixão, lacrado, era sepultado com honras pelos amigos, em cerimônia cívica que reuniu milhares de pessoas. Os filhos desejavam manter viva a lembrança daquele que tanto bem fez pela população, com o intuito de se apresentarem como legítimos substitutos. Era manobra caudilhesca. De qualquer forma, à descida do féretro, cantou-se o Hino Nacional, em homenagem às virtudes do morto.

Encerrava-se a história oficial do maior marginal que o morro conhecera.

Em meio às coroas, uma em que se lia: "*Homenagem póstuma da família.*" Fora Carlos que se lembrara de que um dia compartilharam do mesmo teto.

PREOCUPAÇÕES ÍNTIMAS

O que teria levado Alfredo a tomar tão radical decisão? O período que mediou a leitura da carta de Ângela até a instalação na fazenda daria assunto para se preencher todo um livro. Tentemos resumir.

Inicialmente, preocupou-se com o destino da organização criminosa. Achava que tudo que fizera fora feito com muito empenho e significava a realização de sua vida. Entretanto, desde logo lhe foi ponderado pela consciência que o preço a ser pago para a manutenção seria cobrado a peso de muitas vidas. Sabia que as forças inimigas vinham com ímpeto para derrubá-lo, de modo que não se sentia estimulado para o revide doloroso. Deixando a responsabilidade em outras mãos, parecia-lhe diluir a carga da malignidade necessária para o suporte dos acontecimentos.

As primeiras mortes, contudo, não lhe deram sossego. O noticiário dos jornais televisivos começaram a mostrar os corpos das crianças e das mulheres sacrificadas e a visão de tanto sangue eletrônico começava a repugnar.

Houve tempo em que estivera presente em cenários de execuções, onde pessoas foram decapitadas à sua frente. Ele mesmo deu tiros para evitar o sofrimento de alguns feridos, por ato de dantesca misericórdia. Não se arrependia daquilo tudo nem sentia tremores ao recordar-se. No entanto, a visão de seres inocentes massacrados não era o que tinha em mira, agora que se preocupava em descobrir o que se passava por detrás do mistério da morte.

Não podia hesitar, porém, caso contrário daria aos comandados a impressão de fraqueza. Por isso, punha-se à cabeça dos empreendimentos, sem, contudo, chefear pessoalmente as ações de represália.

Por volta de um mês depois de iniciada a conquista de seus territórios pela quadrilha inimiga, já se lhe configurava claramente no espírito que não conseguiria manter o pulso firme nas decisões críticas que envolvessem extermínios. Foi aí que buscou compreender o que realmente se passava com sua sensibilidade.

Os livros doados pelo irmão tiveram leitura rápida. O *Evangelho* não foi bem recebido, considerado que foi extremamente desvinculado da realidade moral com que convivia. Isso de respeitar os direitos dos outros, de amar o próximo, de viver com Jesus no coração, parecia-lhe inócuo. Dizia que o homem é o que é em função de seu aparato físico

e intelectual, herdado da família e aplicado ao meio social e natural em que se vive. Se existiu espírito desejoso de ver todos salvos para o Senhor, é porque não conviveu com os dramas pungentes das drogas e das armas. Sentia em seus comentários a falta de melhores noções de história, pois lera que o povo judeu estava sob a dominação romana. Mas, mesmo assim, não concebia nada com a força de uma rajada de metralhadora a ameaçar quem quer que seja. Para abafar uma revolta, bastava executar pela cruz um único insurrecto.

Mas *O Livro dos Espíritos* continha perguntas e respostas. Percorreu o índice e verificou que a distribuição dos capítulos não favorecia a sua ordem de prioridade. Ciente, contudo, dos temas que mais o afetavam, começou a leitura pelas partes que lhe pareciam mais importantes. Não quis saber a respeito de Deus, de espíritos ou dos dramas do encarne ou do desencarne. Foi logo atrás dos temas da possibilidade de ligação entre os planos. Quando soube que as respostas tinham sido dadas pelos espíritos, voltou à introdução para avaliar a maneira pela qual foram obtidas. Cotejou com a carta redigida pela mãe e deu como de boa fonte tudo o que lá se continha. Passou por cima do fato mediúnico para compreender, refutar ou acatar todos os argumentos. Valia-lhe a leitura pelo que representasse de positivo.

Se fôssemos avaliar as análises e críticas a que submeteu cada tópico, poderíamos elaborar extensa edição comentada à luz do materialismo criminoso. Mas havia sementes bem fincadas naquele solo árido, sendo estimuladas pelas copiosas lágrimas de amor de quantos acompanhavam o difícil soerguimento.

Dadas por encerradas as leituras, ficou claro na mente de Alfredo que nem tudo que se faz aqui na Terra, aqui mesmo se paga. Não havia inferno de penas eternas, mas havia cavernosas regiões umbráticas nas consciências pejudadas de culpas. E para todos os crimes havia remédio. E que Deus era Pai para todos, independentemente de cor, credo, raça, posição social. O que não chegava a entender com perfeição era a justiça divina, a propiciar a cada qual a possibilidade de errar à vontade, por meio do que se denominava de livre-arbítrio. Se Deus amava os filhos, por que deixava tão à mão deles o seu próprio destino?

Mas Alfredo estava disposto a não sucumbir com a organização, nem às mãos dos adversários, nem abatido por policiais a serviço de outras quadrilhas. Sabia bem que não teria guarida na cadeia, onde a chefia estava nas mãos de declarados inimigos de sua gangue. Não deixaria a vida sem a exata compreensão do que esperar depois da morte.

Sendo assim, após dois meses de indecisões, de cálculos, de análises pessoais e do estado dos negócios, principiou a providenciar a sua "morte". Não lhe foi difícil simular a queda do helicóptero no oceano, momento em que transportava cadáver previamente preparado para que fosse impossível o reconhecimento. Trabalho de profissional, até se implantaram várias coroas retiradas de sua boca, para o caso de eventual resgate, após terem os peixes realizado algum trabalho de descarne.

Embora tenha providenciado seu desaparecimento com a ajuda de diversos comparsas, também eclipsados para não sofrerem os embates da derrota, ao se apresentar para a posse da fazenda, com novo rosto e identidade, nenhum deles sabia para onde se deslocara. Por prevenção, mantivera três projetos de fuga, tendo colocado em ação o que

era do conhecimento do ajudante assassinado. Nem os dois auxiliares diretos ficaram sabendo do seu destino.

JESUALDO

Assim que se instalou na nova residência, de modo simples mas confortável, Alfredo, agora Jesualdo, iniciou os contactos para cercar-se de serviços honestos e prontos para o atendimento de suas necessidades. Precisava de serviço de administração, pois planejara tornar-se agricultor e pecuarista, costume antigo de manter atividades de fachada.

Antes de precipitar-se na vida política da região, foi conhecer o prefeito, apresentou-se como aposentado e dono de herança e solicitou atenção oficial para realizar pelo município algo de proveito. Fez tilintar as moedas e as portas se abriram familiarmente. Declarou-se espírita e adquiriu a confiança de todos, uma vez que, no burgo, havia centro kardecista, que reunia as pessoas mais saudáveis quanto à moralidade.

Jesualdo manifestou o desejo de conhecer a entidade e ficou marcado um dia em que ali seria introduzido. Arriscava-se a ser reconhecido espiritualmente, mas, pelas leituras a que procedera, sabia que estaria garantido até pelos protetores do centro, que impediriam a permanência no local de obsessores, havendo, ainda, a possibilidade de tratamento do obsidiado. Sabia onde pisava.

Como administrador da fazenda, escolheu profissional apontado pelo prefeito como pessoa de integral e ilibado procedimento. Perguntando a respeito dos salários, não desejou despertar suspeitas, mas ofereceu cinquenta por cento a mais se o coadjutor lhe propiciasse meios de livrá-lo de se imiscuir diretamente nos negócios. Queria descansar. Ao mesmo tempo, pediu-lhe que visse quantos empregados seriam necessários para o serviço e determinou-lhe que contratasse também duas ou três mulheres para tomarem conta da casa.

Enfim, instalou-se, procurando fazê-lo sem alarde, uma vez que todas as tratativas com o pessoal subalterno se deram por meio do capataz.

Que faria Jesualdo? Cuidaria dos fundos financeiros, providenciaria a transformação das moedas estrangeiras em nacional, transferiria parte pequena do dinheiro para contas em bancos brasileiros e viajaria, para não criar raízes no lugarejo. A cidade seria mero refúgio e centro irradiador das atividades financeiras.

Acostumado, contudo, ao alto padrão tecnológico da vida moderna, programou instalar na fazenda o que de melhor poderia ser trazido por meio de importação lícita. Disso trataria pessoalmente.

Assim, fez instalar poderosa antena parabólica para a captação das transmissões televisivas por meio dos satélites. Providenciou a instalação de completa aparelhagem de som, em sala especialmente montada. Aqueceu a água da piscina, precisando fazer construir cobertura adequada.

Porque não queria chamar a atenção, tudo fez da maneira mais sigilosa, tendo até os trabalhadores vindo de centro distante, por meio da contratação dos serviços de companhias especializadas.

Quando Jesualdo pensou em instalar moderno sistema de alarme contra roubos e invasão de propriedade, viu-se diante de sério dilema: ou transformaria tudo em fortaleza semelhante à do morro, correndo o risco de se revelar importante para o pessoal da região, ou deixaria tudo ao encargo do administrador, ficando à mercê de ataques imprevisíveis. Optou pela segunda hipótese, não sem tomar o cuidado de garantir-se junto à delegacia, que mantivesse viatura destacada para a vigilância da estrada vicinal que levava à sua propriedade. Com a desculpa de que o gado poderia ser roubado, estabeleceu contacto radiofônico em frequência particular, para a eventualidade de algum chamado. Prevenia-se, o que, de resto, não era novidade, havendo outros fazendeiros com o mesmo dispositivo.

Como se vê, Alfredo ainda apresentava todas as reações de quem vivera sob a constante presença do imprevisto, do subitâneo, do insólito.

Através do centro espírita, modesto nas acomodações, conseguiu obter as obras mais importantes, que o ajudariam a compreender os mistérios do pós-túmulo. Intentou atrair para sua vivenda algum dos mais destacados conhecedores da doutrina, mas o máximo que conseguiu foram promessas. Estava a casa de atendimento espiritual aberta para recebê-lo.

No etéreo, Jesualdo era seguido passo a passo. À vista do retrospecto de vida, a situação agora parecia aos socorristas muito mais propícia ao auxílio e à recomposição dos elementos que lhe haviam sido ofertados na primeira juventude.

Incomodava, entretanto, o fato de o socorrido não se desprender, desde logo, da desconfiança de que tudo se realizava conforme a vontade dos mais fortes. Naquela comunidade, aparentemente perdida do mundo, Alfredo encontrou o mesmo espírito de fraude e de aproveitamento que vira no Rio. Havia, certamente, pessoas mais simples, com aspirações menores, mas não achava ninguém em posto de comando que fosse realmente simplório, com exceção dos que conheceu no centro espírita e que fizera questão de acompanhar nas atividades profissionais. Poucos, contudo, transferiam para a vida mundana os conhecimentos que viam impressos no *Evangelho* e que pregavam nas reuniões. Caso específico era o do dono da imobiliária, que frequentava o centro e que era um leão a abocanhar a presa em seus negócios, como verificou ao adquirir residência na cidade, com a desculpa de que precisaria receber muitos hóspedes.

Nepomuceno e parceiros se regozijaram com o fato de se ter o pupilo resolvido a ampliar as leituras. Entretanto, a sua influência por via intuitiva praticamente era nula,

não conseguindo jamais fazer com que determinados tópicos se lhe vissem debaixo dos olhos. Era totalmente independente.

Por outro lado, dos célebres guardiães que o *protegiam* na fortaleza, só dois o acompanharam, com a clara intenção de perturbá-lo. Eram ferozes adversários de pretéritos encarnes, que mais queriam vê-lo na rua da amargura a frequentar o sagrado ambiente do centro. Eram os alvos primeiros a que deveriam destinar as atenções para liberação de seu protegido.

Para Ângela, a mudança para o interior do país significou desafogo completo da pressão que se exercia sobre ela, por via das vibrações hostis das mães dos filhos de Alfredo, que clamavam contra a inoperância do progenitor, em função do descaso em lhes proporcionar amparo afetivo. Com o reconhecimento da paternidade e com o muito dinheiro e poder que lhes foi passado, as infelizes deixaram de contaminar o ambiente espiritual, aliviando a carga que coubera à amorosa criatura contrabalançar. Talvez, através dela, conseguissem os socorristas aproximar-se da mente do assistido.

Nessa vida de acomodações sociais, psicológicas e morais, Jesualdo deixou transcorrer um ano inteiro. Tudo lhe era novidade e as sensações desagradáveis lhe haviam desaparecido de vez. Em duas oportunidades, empreendeu longas viagens, de modo que as condições da nova vida não lhe pareciam insuportáveis. Ao contrário, sentia-se bem e pronto para novas realizações. A ideia da aposentadoria foi sendo esquecida e o trato dos animais da fazenda lhe dava grande satisfação.

Alfredo, apesar dos exercícios programados, tinha certas adiposidades, que perdeu na condição de Jesualdo, transformando até o aspecto físico. As longas cavalgadas e o cabo da enxada, que fazia questão de puxar, além das calosidades, lhe deram o tônus muscular de rígido vaqueiro. A tez bronzeada e os cuidados com os cabelos, com nova coloração para o efeito do disfarce, rejuvenesceram-no, dando-lhe até ideias de constituir família. Era bem tempo.

NAS HORAS DE SONO

O espírito de Jesualdo se dispunha, toda noite, ao encontro com o etéreo, cumprindo rigorosamente a programação estabelecida. Vinha ávido por informações e as horas de repouso foram tornando-se a angústia irreprimível e contundente de quem deseja ultrapassar os próprios limites da compreensão.

Desejava conhecer a verdade. Desde que perdera a noção da personalidade criminosa, tudo a que aspirava era tornar-se igual àquelas criaturas que lhe vinham falar do amor de Deus e da missão de Jesus. Tudo inquiria, até mesmo a respeito de temas que os próprios orientadores não se sentiam seguros para explicar. Promovia curso de extensão superior e facultava aos monitores oportunidades valiosíssimas para a pesquisa e o conhecimento.

O interesse inicial se deu em função do reencarne. Alfredo queria saber por que o homem necessitava internar-se na carne para progredir. Em sua obtusa visão das coisas, julgava que Deus tudo poderia ter realizado à luz de sua perfeição, de modo a não obrigar as criaturas ao sofrimento e à desdita do esforço nem sempre concentrado na direção correta do reino do Pai.

Nepomuceno era o porta-voz do grupo. Quase sempre era quem buscava elucidar os pontos em questão, principalmente no que se referisse ao conhecimento técnico dos temas. Foi trabalhoso mas, após diversas sessões, acabou por convencer o filho de que não haveria mérito algum em a criatura se sentir desde logo apta a usufruir a regalia do bem maior. Se Deus criasse seres perfeitos, concluiu, seriam outros deuses de mesma potencialidade, de sorte que se integrariam em uma só entidade suprema, sem a possibilidade de se compenetrarem da própria grandiosidade de existir. Para a compreensão da beleza, do amor, da verdade, haveria todo ser de lutar para a aquisição de cada pedacinho da perfeição. Essa luta é a verdade maior da existência, desde que cada criatura se compenetre de sua potencialidade. Queria aventura mais bela do que o crescimento espiritual, na expectativa dos ganhos definitivos das virtudes?!

Nepomuceno se desculpava diante do filho por não saber exprimir-se com maior rigor evangélico. Mas enaltecia o fato de poder alegrar-se por estar a treinar socorrismo e por considerar-se apaniguado por ter a oportunidade de responder, quando se achava na humilde posição de perguntar. Que Alfredo sentisse o quanto de verdade se colocava em

suas expressões de carinhoso afeto e que visse nas informações prestadas o próprio coração do orientador.

Alfredo julgava-se na presença de ser de superior quilate, nem sequer desconfiando de que se tratava do espírito do pai. O esquecimento do passado era completo.

Desperto, Jesualdo não se recordava de nada que ouvia, de modo que o curso noturno não lhe adiantava um passo para as ânsias conscienciais. Era como se fossem duas criaturas. Se quisesse romper com esse dualismo, bastava não aceitar a condição do esquecimento, mas voltaria a ficar à mercê das forças espirituais com que se defrontara antes. Era, pois, de muito bom grado que se dava a esse esquisito acordo.

Mas havia penetração possível no que se referia às dúvidas a serem propostas ao esclarecimento noturno. Quando o mistério da vigília se punha de modo problemático, era transformado em questão e debatido durante o sono, a ponto de favorecer, dando-se a compreensão do tema, a que, desperto, se sentisse confiante e apto para deslindar o problema. Muitas vezes, portanto, o aprendizado da noite o encaminhava para encontrar a solução durante o dia, não raras vezes por indicação expressa da fonte mais plausível à mão.

Nesta fase do andamento dos estudos, Jesualdo já de velho estava vivendo na fazenda, com todas as obras possíveis, o que, ao contrário de ser benéfico, até oferecia alguns tropeços, dado que as leituras, muitas vezes aleatórias, punham temas à discussão sem roteiro didático. Se Jesualdo se dignasse a comparecer às aulas e palestras do centro, receberia, por certo, orientação melhor dirigida, principalmente porque lhe era muito difícil receber influxo intuitivo.

Outro ponto que causou longa polêmica entre os instrutores e o discípulo foi sua renitência em admitir a possibilidade de o mundo espiritual relacionar-se com o material. Via-se desprendido do corpo, sem memória, de sorte que, não conhecendo os episódios das vidas pregressas, não havia como correlacionar as atitudes de antanho com a maneira atual de ser. Trazia da carne a sensação do desperdício, como se tudo o que fosse gozado se tornasse vazio, de modo que a noção de existência ficava presa à inutilidade das ações. Aliava a esse princípio o fato de julgar que as pessoas necessitam de lutar para se imporem ao mundo, como, de resto, via ocorrer na vida dos animais, onde a defesa individual se sobrepunha a tudo. Reconhecia o espírito gregário de muitas espécies, mas atribuía o fato à precisão que sentiam de se defender dos predadores. O próprio homem, de acordo com seu modo de ver, passava noventa e nove por cento da vida buscando superar a condição de inferioridade em relação ao meio ambiente e à sociedade devoradora dos fracos. Se houvesse razão superior de ser para a vida na matéria, certamente se refletiria nas conquistas claras dos ganhos morais, o que se evidenciaria em sociedade mais equilibrada, onde todas as criaturas teriam ensejo de aprender e progredir. Do jeito que estava, os encarnados só se devoravam, sem proveito algum. Ou seria o sofrimento a meta principal do encarne? Se fosse, só serviria para fomentar a revolta e a desconfiança de que os seres estão abandonados de Deus.

As lucubrações eram sérias e não podiam ser contraditadas sem longa explanação dos fundamentos morais que devem embasar o princípio evolutivo. Para facilitar a exposição das razões cármicas para o encarne em dor e sofrimento, foi necessário demonstrar que o homem é dono do destino. Se, às vezes, se vê às voltas com a

prepotência de outros seres, somente na condição física se vê presa dos algos. O espírito é livre e exerce sua liberdade. Se a dor, o sofrimento, a subjugação se realizam, é porque há necessidade de se reverterem as tendências ao egoísmo, ao orgulho, à vaidade. Imaginasse Jesualdo a situação do algoz, do déspota, do tirano, na presente encarnação. Não lhe parecia justo que todo o sofrimento causado às demais pessoas se voltasse contra o agressor, em carne subsequente? Não estaria acontecendo justamente o mesmo processo, em relação às pessoas que sofriam? Será que não teriam sido elas quem procedeu com orgulho, com ódio, com intenção maligna, em vida anterior?

Explicava-se, assim, pela exemplificação, que novas provas aguardariam por Jesualdo em carne expiatório dos crimes que cometera.

Lúcido, angustiava-se pela extensão dos males e dos horrores que patrocinara. Temia pelo sofrimento que adviria; não pensava ainda na realidade crua de suas vítimas. Desvinculava-se do sofrimento alheio e principiava a antever o seu.

Nesse ponto dos debates, voltou o interesse para a tese do perdão. Teria o Pai meios de permitir ao indivíduo redimir-se, sem que sofresse as mesmas dores que provocara? Por outra: seria possível pagar os débitos, através de serviços prestados, sem perpassar pelas mesmas agonias provocadas nos companheiros de existência?

Nepomuceno gostaria de dizer que sim, mas lembrou-se de que ele mesmo estava a passar pelo crivo da responsabilidade de levar ao antigo desafeto as luzes de seu saber. Referiu-se a Jesus, à sua prece de amor, o pai-nosso, e à sua exortação ao Pai, no momento culminante do calvário. *"Perdoa, Pai, porque não sabem o que fazem"* e *"à medida que perdoamos os nossos inimigos"* deviam formar conjunto de expressão apostólica superior. Jesus perdoava os que o punham pregado à cruz, mas sabia que só seriam perdoados se, por sua vez, perdoassem os seus inimigos.

Proibido de lembrar o seu caso particular, Nepomuceno conduziu Alfredo à presença de alguém que orava profundamente comovido, na ânsia de conseguir o perdão de Deus, no instante em que se compenetrava de que deveria perdoar os devedores. Nesse momento de êxtase, permitiu que os sentimentos do penitente se revelassem ao discípulo. Deu-se, então, a demonstração de que todo o sofrimento dos inimigos se transformava em vibrações dolorosíssimas que perpassavam o perispírito de quem orava, de modo que o amor em vias de realização passava por momento de profunda agonia. Não havia resgate sem dor. Essa é a lei.

Convencia-se, assim, o pupilo de que não havia como fugir do sofrimento.

Ultimamente, o seu interesse foi despertado pela vida futura. Já que o passado lhe estava interdito, queria saber qual era o seu destino.

Por força vibratória conjunta, foi criado quadro de profunda harmonia e beleza. Na tela imensa, configurou-se abertura pela qual penetravam seres alvíssimos, dulcíssimos, puros e perfeitos. Era como que a materialização do portal do paraíso. De repente, Alfredo reconheceu-se em um dos espíritos de luz que, em esplendor de felicidade, adentravam o reino de Deus. Era a glória final da existência.

Desde aquela noite, não mais interrogou os mestres no intuito de embarçá-los ou desdizer dos ensinamentos. O discípulo, finalmente, compenetrava-se da necessidade de aprender.

Era o tempo em que se completava o primeiro aniversário de sua "morte".

DIÁLOGO IMPOSSÍVEL

Desde a partida de Alfredo, Carlos começou a vasculhar o etéreo, em busca de lhe ser trazido à presença o espírito do irmão. Diálogo impossível, os protetores não podiam revelar que o irmão não falecera, permanecendo em vida, por meios astuciosos.

Que fazer, então, para deixar o frustrado socorrista em paz de consciência, uma vez que via na morte do irmão a sua mão a empurrá-lo para a perturbação?

Impedido de investigar os fatos para conhecer a extensão dos males que praticara, restava orar contritas orações, no intuito de lhe propiciar reconforto e luz.

Por essa época, os filhos de Alfredo, reconhecidos pelo ex-comandante-em-chefe da organização criminosa, apresentaram-se à família do tio, para, diante de todos, firmar os direitos de que se viram investidos às propriedades. Durante o transcurso dos prazos legais estabelecidos pelo poder judiciário, temiam os novéis membros da família que alguém pudesse propor-se com direito a alguma parte do legado.

Carlos achava que as posses do irmão constituíam fortuna considerável, dado que chegara a avaliar parte dos bens. No entanto, o que mais pesava na riqueza era grande quantidade de dinheiro, em diversas contas em bancos suíços, o que desconhecia.

Não tendo vínculos sentimentais, desacostumados ao ambiente de moralidade que constitui o sustentáculo de qualquer instituição familiar, os três irmãos digladiavam-se pela posse do maior número de tesouros possível. O inventário era extenso, mas a primeira dificuldade estava em fazer correr o processo no foro cível, para configuração da veracidade das informações contidas no documento testamentário.

Alfredo não fora muito hábil em determinar os aspectos legais, mesmo porque a pressa com que tomara as decisões não se prestava à perfeição dos atos. Tendo firmado as declarações, formuladas, segundo orientação do advogado, perante testemunhas, e tendo registrado o documento em cartório, julgava que tudo se faria segundo a disposição. Mas os filhos queriam objetar, cada qual de seu lado, que os demais não eram legítimos e naturais. Para isso, haveria batalha nos tribunais, durante diversos anos.

A luta interna tendia a espriar-se para o lado do tio, de sorte que foi preciso deixar claro aos presumíveis herdeiros que a fortuna conseguida de modo tão irregular não estava

nas cogitações de Carlos, para o que registrou em cartório que abria mão de qualquer eventual direito, em prol dos herdeiros. Assinava a certidão de doação com toda a família, incluindo os parentes até segundo grau das noras.

A guerra limitar-se-ia ao âmbito dos quadrilheiros. Incapazes de compreender que alguém pudesse ficar com algo mais, desde logo fortificaram suas posições, com medo dos ataques dos outros.

Os ânimos ficaram ainda mais acirrados, quando perceberam que o acesso às contas suíças estava bloqueado, nada significando a documentação diante da inutilidade das identificações. Iniciou-se, então, profunda busca para se descobrirem as chaves dos cofres, os números dos depósitos e demais informações que lhes dariam a posse dos bens no exterior. Como nada se encontrava e à vista do desaparecimento de diversos assessores diretos do pai, concluiu-se que os roteiros para a obtenção daqueles recursos só poderiam ter ficado com eles. Essa foi a guerra de morte declarada entre os vilões.

Enquanto isso, Alfredo dispunha de tudo, conforme já referido, deixando em aberto só uma conta com alguns milhões, para o caso de alguém conseguir localizar algum meio de liberalização. Resguardava-se, mesmo porque nenhuma necessidade tinha de tanto dinheiro.

Mas o aparecimento dos sobrinhos causou, junto à família de Carlos, profundo desgosto. Como pudera esconder a existência de três filhos? Mais ainda: com que dureza de coração omitira às mulheres a sua identidade e mantivera os filhos na ignorância de suas origens? Aliando a informação fornecida por Ângela às descobertas atuais, Carlos e família só poderiam julgar o irmão como monstro da pior espécie. Era de arrepiar.

Esse choque mais fazia com que o grupo intentasse buscar o apoio da espiritualidade, para dar curso ao projeto de socorro estabelecido por Ângela. Se Alfredo estivesse onde pensavam que merecia, deveria estar sofrendo os horrores do mais profundo do bátrio. Tendo lido *O Abismo*, do irmão Ranieri, sabiam categorizar o plano de inferioridade em que jazeria a infeliz criatura, mesmo que houvesse interesse de Josineida em obter para o filho assistência condigna.

Nos poucos meses que mediaram a visita do irmão até o desenlace oficial, Carlos havia tentado, sem sucesso, contactá-lo. Foi nesse período que obteve diversas mensagens da mãe, a respeito da necessidade de apaziguar as ânsias da regeneração. Deixasse que Deus providenciaria o que fosse o melhor e mais justo. Tanto insistia nisso que Carlos, assim que se deu o *óbito*, desconfiou de que o destino do irmão era do conhecimento do etéreo.

Em sessão de doutrinação, consultou o espírito de Josineida para saber a respeito da dúvida, conseguindo dela tão só palavras de estímulo e de confiança na misericórdia divina. O futuro estava nas mãos de Deus, mas o presente era bastante claro, para evidenciar quais poderiam ser os próximos passos a serem dados. Aguardasse que, um dia, ficaria sabendo através de que meios poderia auxiliar o irmão. Deixasse aos mortos a tarefa de enterrar os mortos. Cuidasse dos vivos, que esses lhe dariam muito em que pensar.

Carlos entendeu, nas palavras da mãe, o encaminhamento das preocupações para os cuidados que deveria prodigalizar aos sobrinhos, mas estes estavam muito distanciados de qualquer influência que pudesse exercer. Era missão quase impossível de

concretizar-se. Dedicaria os próximos anos ao estudo da doutrina, aplicando-se especialmente ao entendimento das reações próprias das mentalidades criminosas. Para isso, buscou integrar-se em grupos de irmãos espíritas com o mister de prestar abnegada assistência aos encarcerados. Assistia a todas as palestras a respeito da psique do marginal, buscando caracterizar os anseios próprios daqueles que não têm nenhum respeito ou consideração pelos semelhantes.

Através dos estudos, dos debates e das análises que realizava em conjunto com a equipe de socorristas, esperava conhecer os métodos mais eficazes para aproximar-se dos sobrinhos. Antevia o dia em que o encontro iria acontecer e não lhe agradava a perspectiva de sentir-se despreparado.

Por outro lado, embora não lhe parecesse aceitável ver juntos os primos, tudo o que ia assimilando resumia para os filhos e a esposa, para o caso de vir a faltar. Achava possível a recuperação de todo ser humano, mas reconhecia que os criminosos ofereciam resistência para além do que seria justo esperar-se do só cumprimento dos deveres e obrigações socorristas. Conhecia algumas histórias de amigos abatidos por marginais, diante da confusão que se lhes estabelece nas mentes relativamente a perigos e ameaças.

— De que vale — perguntava — a morte do benfeitor, se isso só acrescerá no montante das dívidas do criminoso?

Cinco anos passados da morte do irmão, recebeu misteriosa carta de um tal de Jesualdo, do Mato Grosso do Sul, que queria participar a ele novas do falecido Alfredo. Intrigante missiva. Por que alguém tão distante conseguira contatar com o plano espiritual, quando se esfalfara inutilmente, com o mesmo fito?

A curiosidade levava-o a considerar a possibilidade de manter a correspondência. Quem sabe pudesse viajar até lá, para surpresa do missivista?! Tudo era possível...

PROGRESSOS

Alfredo, por velho hábito de garantia, à medida que cresciam os ganhos na fazenda, ia transformando as cifras em propriedades, em diversas cidades. Preferia casas antigas, com amplos terrenos, nos setores centrais, de modo que, com o desenvolvimento, pretendia ir construindo casas comerciais. Era objetivo seu crescer no comércio regulamentar, de modo que pouco retirava do patrimônio anterior. Aliás, se não fora o emprego do capital para deslanche dos investimentos, poderia até considerar-se honesto empresário no âmbito da agropecuária.

Com esses interesses renovados pelo bulício das aventuras no terreno das especulações, esqueceu-se de que na fazenda se instalara luxuosamente. De repente, via-se durante longos períodos a pernoitar na cidade, onde as acomodações nem de longe fariam supor o apartamento *triplex*. Mas havia tranquilidade íntima, já que, com a sua *morte*, deixara para trás a vida de crimes.

Tinha vaga ideia de que poderia vir a tornar-se benfeitor da humanidade, sem desejar usufruir o retorno das considerações e dos reconhecimentos. Quando assistiu pela televisão à reportagem de seu *enterro*, encenado sob a fanfarronice do Hino Nacional, estremeceu e avaliou o quanto se pode ilaquear a boa-fé das pessoas. Sorriu desencantado com a vida e nunca mais desejou rever o videoteipe daquelas cenas.

No centro espírita, denominado de *Apóstolo do Amor* para homenagear certa figura importante do espiritismo local, que mediunicamente se manifestara contrário a que seu nome se registrasse no frontispício do prédio, conheceu certa senhora viúva, jovem ainda, com três filhos novos para criar.

Não querendo unir os destinos de todos ao seu, por meio de matrimônio protocolar, propôs e foi aceito como pai adotivo das crianças, braço forte em que se pudesse apoiar a sofrida criatura.

Como princípio da salutar união, desejara ela obter a aquiescência do ex-marido, para o que, em sessão mediúnica, o inquiriu mentalmente. Não conseguiu resposta direta, senão por intermédio do orientador espiritual da casa, segundo o qual o bem a se realizar estava nos atos, nos fatos e nas intenções. Que se juntassem os destinos de ambos, para glória do Senhor.

Os dizeres pareceram bem disparatados para a situação de mero aproximar de almas, no entanto, satisfizeram não só a feliz consulente, como representaram para a comunidade espírita a bênção necessária. Na falta das cerimônias religiosas, parecia-lhes que o prenúncio da felicidade estava assegurado.

Jesualdo emprestou ao *conjugo vobis* da vontade espiritual o seu entusiasmo pela possibilidade de dar amparo a uma família infeliz e não poupou esforços, no sentido de garantir a todos a sua intenção de fidelidade e benquerença.

Para a cidade, parecia a vitória do espírito comunitário do interior sobre as ilusões do brilho civilizatório da capital. Afinal de contas, o quarentão havia cedido aos encantos da simplicidade campestre.

Para Renata e filhos, tudo parecia florir em rosais de primavera.

No etéreo, Ângela enxugava lágrimas de felicidade, pois, finalmente, poderia atuar diretamente sobre a intuição de alguém que estava verdadeiramente reconhecida e apaixonada pelo benfeitor. Ao recordar-se do mal que Alfredo lhe proporcionou à família, comparado ao bem que fazia à gente da novel amiga, tudo lhe parecia provir diretamente de Deus.

Já não pensavam assim os demais integrantes do grupo socorrista, que temiam pela segurança das ingênuas criaturas, que se punham às mãos do antigo assassino. Sabiam que a vida pode proporcionar reviravoltas vigorosas e completas, mas desconfiavam de que era muito provável que Jesualdo pudesse regredir para Alfredo de um momento para outro, bastasse ver-se em condições adversas.

Que levava, contudo, Alfredo a estimular as esperanças de todos? Só o fato de ir saindo-se bem nos negócios não seria motivo suficiente. Teria recebido algum influxo especial provindo da espiritualidade superior, desconhecido dos que lhe davam amparo particular?

Na verdade, Jesualdo, naquele ano seguinte ao da instalação, passara a maior parte do tempo livre lendo. Havia-se compenetrado de que deveria frequentar o centro espírita, mas as faltas eram constantes, sendo poucas as vezes que aparecia nas reuniões em que havia comunicações espirituais. Toda vez que lá ia, tinha medo de ver algum espírito malfeitor acusá-lo pelos pregressos crimes.

Certa vez, até desconfiou de que lhe faziam referência à pessoa, quando jovem recém-desencarnado, vítima dos tóxicos, ao defender-se das acusações conscienciais de que havia desperdiçado o encarne, apontou os traficantes como os responsáveis pelas desgraças dos dependentes, referindo-se a alguém presente como sendo conhecedor de todo o procedimento criminoso. Todos se lembraram do promotor de justiça, célebre pelas invectivas contra os negociantes de psicotrópicos, mas, para Jesualdo, a pessoa indicada era ele mesmo. Por isso, receava comparecer a esse tipo de reunião, preferindo as noites de palestras.

Em casa, ainda solteiro, leu mais de duzentos livros. Misturava os temas. Lia sem atenção, voltando a lembrança para os fatos que vira ocorrer com a gente do morro. Para cada possibilidade espiritual citada, era capaz de referir vários casos particulares. Não progredia na reflexão doutrinal, mas dedicava-se aos acontecimentos palpáveis. Fazia-o sob o influxo da consciência, para não ter de avaliar a extensão de sua participação no crescimento da marginalidade. Era pura ação de defesa.

No entanto, os princípios doutrinários iam criando bases cada vez mais sólidas, principalmente quando seu interesse foi despertado pelos artigos veiculados pela **Revista Espírita**. As observações de Kardec eram largadas de lado, mas os fatos narrados deixavam lastro. Via-se nas personagens dos criminosos, dos assassinos, dos malfeitores. Percebia que em todos os tempos houve quem se vangloriasse pela sanguinolência. Ao ler sobre a perquirição do destino espiritual dos maiores da perversidade, lembrou-se de que, um dia, prometera enfrentar todas as forças infernais com o poder de sua malignidade. Sabia agora que o maior inimigo seria quanto mais invencível quanto maior fosse o seu próprio poderio: é que esse adversário intransponível iria ser a sua consciência. Quando percebeu que o inferno se situava dentro de si mesmo e que deveria clamar por socorro, se quisesse armar exército suficientemente forte para oferecer obstáculo à dor e ao sofrimento, principiou a admitir a hipótese de que todo o mal que praticara deveria reverter o quanto antes. Não se atrapalhou com o fato de muitos estarem já no plano da espiritualidade. Meios havia para o estabelecimento dos vínculos em amor e benquerença. Ele é quem estava desprovido de qualquer virtude, para encetar a longa viagem da reconciliação.

Na noite em que deliberou aceitar na intimidade a figura da médium que o entusiasmara, bem como a responsabilidade da criação de seus filhos, pela primeira vez ousou orar prece a Deus, pedindo-lhe amparo e proteção. Nessa hora sublime, em que o filho pródigo percebeu que o abrigo do Pai seria o refúgio de todos, as vibrações dos socorristas se intensificaram e hosanas se ouviram em agradecimento ao divino amor.

Era um pequenino passo, titubeante, dado a medo, inseguro, mas representava léguas para o andarilho do mal.

CARREIRA TARDIA

Jesualdo, após nove meses de casamento, teve a ventura de receber da esposa o primeiro filho realmente legítimo. Deu-lhe o nome de Marcos Ângelo e paparicou o pequenino ser com meiguice e pureza. Avançado em idade, parecia ter remoçado com o conhecimento de relacionamento estável e confiável. Carlos Alexandre foi como se chamou o segundo pequerrucho. Em dois anos de casamento, seis criaturas enchiam-lhe a vida de imensas alegrias íntimas.

Durante esses últimos dois anos, dedicou-se intensamente à caridade, transformando, uma a uma, as propriedades que adquirira com intuítos comerciais em centros de atendimento espiritual. Destinava, ainda, boa parte do que ganhava para as obras de várias instituições, o que desde há tempos vinha fazendo, agora com o apuro de ter produzido honestamente o fruto para as doações.

Nesse tempo, sério problema foi crescendo-lhe na mente: o que fazer com o resultado das atividades criminosas. O dinheiro começava a queimar-lhe os dedos e as quantias eram tão vultosas que, se distribuísse pela cidade, não teria como explicar-lhe a origem. Deixar nas mãos dos criminosos seria incentivo à marginalidade, ao contrabando, ao furto, ao narcotráfico. Por outro lado, temia deixar para o governo, pois, com certeza, haveria investigações que revelariam a procedência da fortuna, isto caso não se desviasse para o crime organizado, mediante as infiltrações que se ramificavam por inúmeros setores.

Além desse sério percalço à realização de seu retorno à vida familiar plenamente moral, outro havia que Jesualdo não sabia como contornar: o fato de as posses terem provindo das atividades de fora-da-lei. Começava a doer-lhe a consciência por não poder doar-se inteiramente à esposa, já que, provavelmente, o seu passado a arrastaria para a infelicidade de ter de pajear a recuperação de ser tão maligno. Jesualdo ainda não acreditava na força do amor e não confiava na misericórdia divina.

Nesse meio tempo, teve grave problema com o capataz. O homem era rigorosamente sério mas aliado político do prefeito, de modo que as rugas partidárias interferiam em seu reto raciocinar. Se o prefeito se via ameaçado, lá ia chamar o Gerônimo para a defesa de seu patrimônio moral ou físico. Foi assim que, certa feita, por quizeras eleitorais, se viu o administrador envolvido em crime de morte. Defendera o amigo prefeito

além do que se poderia exigir em sã razão. Na fuga, aproveitando-se da ausência do patrão, encheu caminhão com seus pertences e desapareceu rumo à capital.

Alfredo, pela primeira vez, viu-se atacado de rijo em seu amor-próprio. Sentiu-se lesado pela prefeitura muito mais do que pelo estafermo, que tudo perdia por uma paixão idiota. Dirigiu-se à sede da administração pública e exigiu ser recebido pelo prefeito. Este não estava disposto a ouvir censuras, mas não podia deixar de atender a quem tanto apoio lhe vinha dando e à sua campanha. Percebia, tardiamente, que o forasteiro conseguira sorrrateiramente ficar a cavaleiro da situação, mercê das contribuições.

Atendido, Jesualdo impôs à municipalidade, na figura do prefeito, que lhe ressarcisse dos prejuízos. Para isso, fez longa lista dos objetos roubados, dentre os quais se contavam inclusive os filtros da piscina e a antena parabólica. A cifra subia a vários milhões. Mesmo que o prefeito mobilizasse os amigos, dificilmente conseguiria recompor o patrimônio do fazendeiro. Aguardasse as investigações policiais.

Jesualdo conhecia bem os trâmites da corrupção e os caminhos dos despojos produzidos pelos assaltos. Nessa hora, nos bons tempos, bastava simples telefonema para obter de volta carregamento e carregador, em vinte e quatro horas; carregamento acrescido de desculpas pelo engano; carregador encarcerado em féretro lacrado.

Interessado em participar dos eventos sociais mais sadios, Jesualdo esquecera-se de que os homens se deixam contaminar pelo poder, pela glória e pela riqueza, onde quer que estejam. Não queria, contudo, pactuar com as anomalias de comportamento dos criminosos, agora que se via em condições ótimas de sobrevivência, sem sobressaltos, sem ameaças, sem medos e sem riscos. O roubo foi banho de água fria na fervura de suas idealizações.

Antes que pudesse revelar o quanto sabia a respeito das atividades do submundo, calou-se e recolheu-se ao lar, para examinar a fundo a sua participação nos acontecimentos. Nos bons tempos do morro, podia deixar a residência aberta que ninguém se atreveria sequer a olhar para dentro. Imaginar que algum dos guarda-costas pudesse subtrair algo de seu, nem em sonhos. Agora ficara ao alcance da pessoa em quem deveria mais depositar fé e confiança. Que estranha maneira de aprender a moralidade espírita! Que diria a mãe a respeito dessa investida em sua estabilidade emocional? Será que teria alguma explicação, como prova a que se submetia, teste, expiação, carma?

Sopesou as reações psíquicas e concluiu que fora intempestivo em ir ao encontro do prefeito, embora julgasse que, bem pensando, seria o mínimo que qualquer pessoa faria. A imposição da devolução dos bens, entretanto, pareceu-lhe muito forte, de modo que resolveu aguardar o desfecho do caso. Preocupava-o o fato de que, pela atual disposição, não teria coragem de restabelecer as condições materiais da fazenda através do dinheiro guardado, ao mesmo tempo que os lucros de suas empresas não eram tão substanciais para devolver-lhe os bens. Certamente, deveria privar a família do conforto da fazenda por algum tempo, mesmo porque a restauração de tudo poderia levantar suspeitas.

Contudo, a substituição da pessoa do administrador se fez com facilidade: havia, no centro espírita, diversos indivíduos de boa formação moral, aptos ao exercício da função. Foi assim que levou para lá um dos mais assíduos e preclaros conhecedores da doutrina. Finalmente conseguira alguém com quem conversar a respeito dos temas que via

controversos e de difícil intelecção para quem não estava compenetrado da necessidade do evangelho. Quem sabe o mal poderia transformar-se em bem?...

Mas o ladrão foi preso, apesar da proteção do prefeito. O sangue derramado despertou a curiosidade da imprensa, de modo que não houve meios de subtrair o criminoso à ação dos adversários políticos. Nesse meio tempo, Jesualdo desapareceu do local, tendo viajado para lugar incerto, com toda a família, deixando o novel capataz com a responsabilidade de atender às insistências dos repórteres e à constância do prefeito, por ter recomposto os bens nos devidos lugares.

Jesualdo só retornou à cidade após ter o caso esfriado, mas cômico de que havia perigos a enfrentar, mesmo estando seguro na nova identidade. Se aparecesse nas telas da televisão, provavelmente correria o risco de ser reconhecido. Estava bem diferente, mas não gostaria de perder o que vinha conquistando com o sacrifício da antiga personalidade.

Em sua reflexão íntima, julgava que sua carreira no campo da honestidade começara tarde demais, não vendo perspectivas para superação de todos os percalços conscienciais. Lembrava-se dos que deixara estendidos nas sarjetas; imaginava o desespero de quantos se iludiram pelas drogas; revia a angústia dos que perdiam os veículos, roubados na via pública para serem revendidos por ínfimas quantias, nos desmanches ou no comércio espúrio dos receptadores; banhava os olhos nas lágrimas da mocinhas que perdiam os sonhos de realização familiar, arrastadas para o meretrício, muitas vezes a poder da dissipação moral da mãe e do pai; tremia na pele das crianças que sentiram a rajada da metralhadora a estilhaçar o vidro que protegia a fotografia da família do irmão; ardia na vergonha de sentir sobre si o olhar reprovador da jovem amante, perdida para a vida pela sua cupidez e superior imbecilidade. Deprimia-se diante da extensão dos crimes e sentia os do plano espiritual plenos de compaixão pela sua ignóbil voracidade de poder. Via a família de Carlos reunida para orar em prol de sua integração ao campo vibratório de seu amor e consideração. Era já capaz de raciocinar em termos espíritas, mas não via solução para o seu caso.

Iniciava tardiamente a carreira, como o pai, como o irmão. Lembrou-se de Marcos, que não tivera tempo sequer de se recompor moralmente e fora colhido pela morte. Ele, ao menos, estava dando-se uma oportunidade. Tardiamente, embora, iria dar continuidade ao que iniciara. Não estava ali junto dele a sua Renata, a apoiar-lhe as iniciativas no âmbito da caridade? Não fora ela quem o aplaudira por deixar nas mãos de Deus o destino de seus pertences? Não fora ela quem dissera que os guias estavam contentes com o progresso no estudo do espiritismo? Não esmoreceria. Resolvera alterar o rumo da vida. Fá-lo-ia integralmente.

Pegou da caneta e escreveu ao irmão. Precisava restabelecer os elos rompidos da cadeia da vida.

REDEÇÃO

Haveria Jesualdo de querer ficar sozinho, se soubesse de toda a assistência que vinha recebendo? Teria coragem de arrostar a sua sina, conhecendo os mistérios da vida e da morte dos seres humanos?

O plano espiritual não lhe perguntou. Após lhe dar condições de se enfrontar no mundo do espiritualismo cristão revelado por Kardec e lhe tendo propiciado meios de se entrosar com espíritas convictos, a ponto de lhe dar ao convívio pessoas verdadeiramente interessadas em seu desenvolvimento, iria retirar-lhe o apoio diuturno de que se vira apaniguado. Era preciso atribuir-lhe os créditos integrais de sua obra. O tempo da assistência passara.

No etéreo, durante profícua noite de repouso material, deu-se a liberação da memória, de sorte que lhe foi possível reconhecer cada ser com quem lidara nos últimos tempos. Chamou Rosaura de Josineida e viu em Nepomuceno não só o pai do último encarne como ainda o desafeto do último milênio. Na verdade, não sabia o que pensar. Reconheceu em Virgílio a terceira pessoa com quem Rosaura deixara para trás os dois pretendentes e inquiriu do pai a razão de estarem todos unidos fraternalmente.

— Meu filho — disse-lhe o velho senhor —, há bem pouco tempo surpreendi-me com a descoberta dessa verdade. Josineida havia intuído o grau de vinculação afetiva que os unira em anterior encarne, mas não soube definir o nível do relacionamento existente dentro do grupo. Eu temia que houvesse algo entre os dois antes de ter percebido que Virgílio fora, para a última encarnação, com a missão de encaminhar os amigos para o estudo e a prática da verdade espiritual, através da aplicação das normas evangélicas preceituadas por Jesus e difundidas pelo centro espírita. No etéreo, meu filho, o ódio é mais acendrado que na Terra, mas o amor se amalgama em pureza e em virtudes, de sorte que é capaz de superar o vil egoísmo de quem se pretenda superior aos demais. A lei do "amai-vos uns aos outros" se cumpre em sua integridade, na expectativa de que todos possamos um dia amar a Deus sobre todas as coisas. Eis aí sua mãe, sua amiga, sua irmã. Em promessa solene, prometemos uns aos outros novo encarne regenerador. Quem será o filho, quem será a mãe ou o pai? Isso pouca importância terá. O importante será o progresso que advirá do muito de amor que conseguirmos fazer crescer em nossos seres. Você terá, entretanto, pela frente, no presente encarne, muitas tribulações e se verá

sujeito à força de destino adverso, pois a vida cobrará o preço das decepções que você disseminou e que lhe repercutirão profundamente no coração. Mas, para isso, deverá compenetrar-se de que Deus não exigirá de ninguém que carregue maior fardo do que seja capaz. Você estará sozinho, mas, a partir de agora, todas as decisões terão a marca indelével de sua personalidade. Faça por se recordar dos ensinamentos cristãos. Deus o abençoe!

— Será, pai — meu amigo —, que não poderei contar com qualquer proteção?

Adiantando-se, Ângela revelou-se:

— Meu querido, eis-me aqui como protetora e amiga. A mim, me foi dado o privilégio de acompanhá-lo até o final da jornada. Desde cedo, empenhei-me pela sua recuperação e hoje vejo os esforços coroados de êxito. Se obterei sucesso em meu novo mister, só de nós dois irá depender; no entanto, a felicidade que sinto hoje basta para saber que todos estamos sob o manto protetor do Pai. Os amigos não nos faltarão, sempre que houver obra superior às minhas forças a realizar-se, mas acredito em que, com a ajuda de Renata, poderemos cumprir as provas de nossas existências, com a mente e o coração forjados no fogo candente do sacrifício de Jesus. Vá na paz do Senhor!

Antes de descer à densidade corpórea, Jesualdo fez questão de ajoelhar-se perante Marcos e família, para pedir-lhes perdão pelos males que havia feito. Lágrimas de muita dor surtiam-lhe dos olhos, a misturarem-se com aquelas vertidas pela felicidade dos entes queridos.

Aos pais e a Virgílio, prometeu vir juntar-se um dia, para prosseguirem na luta pelo bem da humanidade.

Como derradeira informação, desejou saber quem se encarnara como filhos queridos. Foi-lhes interdito, porém, dizer que se tratava dos dois mais ferozes adversários, aqueles mesmos que um dia o acompanharam na transformação de Alfredo em Jesualdo, mas garantiram-lhe que eram seres desejosos de sentir no pai o afeto que um dia lhes faltou. Quanto aos filhos dos tempos do desvario, parecia-lhe óbvio tratarem-se de inimigos antigos. No que respeitava a eles, que se precavesses, pois haveria de se promover o bem onde só houvera mal e ódio.

Naquela manhã, Jesualdo acordou disposto a confessar-se a Renata. Parecia-lhe que a vida iria reservar-lhes surpresas desagradáveis, de modo que a informação do passado era de rigor, para que pudessem circunscrever as forças da malignidade de que estava cercado em ambos os planos da realidade.

Para surpresa sua, Renata não demonstrou qualquer emoção quando a pôs a par da verdade da vida pregressa. É que, conforme lhe deu a conhecer, fora advertida mediunicamente de que o marido necessitava de amparo pelo muito de maldades que havia praticado. Não sabia que tal passado era tão recente, mas não temia enfrentar adversários, estando com a consciência tranquila pelo bem que praticava.

— Meu amor, que mais se pode tirar de nós além da vida de nossos filhos? Mesmo eles estão sob o amparo de Deus, de modo que o destino, por mais funesto possa vir a ser, só nos dará a oportunidade de crescermos em amor. Façamos o bem e oremos pelos inimigos. Um dia, todos estaremos juntos no regaço do Senhor.

Jesualdo não poderia esperar da vida ninguém com maior poder de compreensão. Ambos deliberaram deixar para trás as lembranças dos crimes, de forma que cada ser vivente passou a representar-lhes alguém a conquistar para o círculo da benquerença. Tudo que fora conseguido através das vias criminosas nada poderia significar além de algo a que se deveria consignar puro valor material. Não se visse na piscina, por exemplo, o sangue dos irmãos assassinados nas noites de terror da guerrilha urbana. Não se sentisse na fazenda a presença fantasmagórica dos que perderam a vida alijados da pureza em virtude das drogas. Não se atribuísse às propriedades o dom de representar a dor e o sofrimento dos que se viram espoliados das posses. Isso seria pura imersão na loucura que findara. Não se estancaria a voz da consciência com o retorno às vítimas dos bens que lhes foram subtraídos. Preciso seria a reconciliação pelo amor, conforme a determinação cristã. E essa conquista é que se lhes constituiria no verdadeiro suplício da vida. Que se preparassem, pois, para o duro jornadas da aquisição das virtudes. Aos que, estimulados pelo espírito de vingança, viessem cobrar-lhes o seu preço, estenderiam os braços e os acalentariam no sofrimento, até que viessem a compreender que Deus é Pai e que sua misericórdia agasalha todas as criaturas. Se esse ideal do amor cristão lhes pudesse embasar todas as atitudes, não haveria derrota possível. Estavam juntos naquela luta.

Numa bela tarde de verão, Carlos chegava com toda a família para o reencontro do amor. Desde algum tempo, conhecia a verdadeira identidade de Jesualdo, de modo que o abraço que se deram foi sem estremecimentos e repulsas. Estavam aptos para a confraternização no Cristo.

EPÍLOGO

Corria o ano de 2.021.

Em cálida tarde de verão, Alfredo foi recebido pela família no etéreo. Tinha o corpo espiritual em frangalhos, mas foi acolhido em glória, pois, durante mais de trinta anos, cuidou para que a família progredisse, tendo deixado vários netos para serem encaminhados para o socorrismo fraternal do centro.

Dos filhos das primeiras aventuras, apartou-se completamente no que dizia respeito ao plano terrestre, mas buscou conciliá-los com a doutrina, através da família de Carlos, por meio de quem fazia chegar-lhes as noções espiritistas, pois não se cansava de prodigalizar-lhes os livros antigos e modernos, no intuito de vê-los integrarem-se à causa comum. Por várias vezes, precisou vencer a tentação de se revelar a eles, sempre impedido pelas ponderações da esposa e do irmão.

Não é preciso dizer que seu acompanhamento a distância foi secundado pelos espíritos amigos da família, a quem coube a iniciativa da recuperação de todos para as virtudes evangélicas. No momento em que Alfredo se apartou das lutas na carne, bem pouco se havia avançado naquele trabalho redentor.

Carlos havia precedido o irmão de alguns meses, de modo que pôde ser recebido em festa. A esposa ficaria no campo denso durante algum tempo mais, até ver frutificar o amor divino junto aos netos e bisnetos. Era Catarina quem, verdadeiramente, mantinha a parte mediúnica livre e desimpedida para os contactos dos instrutores e benfeitores espirituais, dentre os quais pontificava a figura cada vez mais excelsa da amiga Adelaide.

Ao chegar, Alfredo desejou ser chamado de Jesualdo, pois foi por tal nome conhecido nos três últimos decênios, momento em que labutou duramente para desfazer os nós que fortemente havia dado nas cordas da vida. Se não conseguira atender proficuamente o plano estabelecido antes do encarne, se muitos males acrescentara ao rol das dívidas insolventes, ao menos pudera reprimir a desabrida atitude que via no próximo o inimigo destinado ao abate e à submissão.

Não chegou a ser filósofo do espiritismo nem lídimo representante das forças da benemerência, mas seu grau de filantropia superou de muito o do comum dos mortais, atingindo o desprendimento completo de tudo, para oferecer à humanidade os recursos que lhe estavam disponíveis.

Jamais perdeu inteiramente a noção das culpas, de sorte que agia impulsionado pela necessidade de resgatar a alma, na precisa concepção de que onerara demais as contas. Mesmo que se despojasse de todos os bens, o que deixou de fazer para obter

meios com que municiar a bolsa sempre pronta para o auxílio, ainda assim não conseguiria amainar os empuxos do arrependimento, que lhe proporcionavam longos períodos de depressão. Não fora a contínua ajuda da amiga do etéreo e a assistência diuturna da esposa e companheira, por certo teria resvalado para a falência moral tão temida pelos socorristas.

No entanto, a sua organização física se manteve hígida. O velho hábito de cuidar do corpo possibilitou-lhe usufruir saúde perfeita, até que se viu abatido por pertinaz tumor cancerígeno, que o prendeu ao leito nos últimos tempos. Nesse período, pretendeu deixar de ingerir os sedativos para sufocar-se pela dor, mas lhe veio a inspiração de que o sofrimento iria aliená-lo da parte final do roteiro estabelecido para a recomposição. Na verdade, aquela fase destinava-se à reflexão a respeito da necessidade de se formularem diretrizes claras para os próximos passos existenciais.

A agonia do trespasse foi lenta, mas a assistência dos amigos lhe deu certo conforto íntimo de que todo o padecimento reverteria em benefício. Compreendia que se iniciava a expiação de caráter espiritual.

Chegou compungido e arrependido. Lágrimas de vergonha rolavam-lhe pela face. Lembrou-se das formigas que um dia lhe atormentaram a consciência e temeu encontrar-se com multidão de inimigos assanhados para devorá-lo. Entretanto, além das lancinantes dores de difícil desenlace, só sentia mesmo eram os vigorosos eflúvios energéticos emanados dos amigos.

Mas o plano espiritual tem recursos para suavizar os sofrimentos de quem se arrepende, de modo que, assim que se desvincilhou do corpo físico, foi carregado inconsciente para instituição hospitalar adrede preparada para recebê-lo.

Pela primeira vez saía da vida sem precipitar-se nas profundezas do bátrac.

Neste momento, Jesualdo consegue reconhecer todos os amigos e aspira por ir em socorro daqueles que ajudou a perderem-se nas trevas. Vai ainda demorar muito para iniciar essa tarefa de amor, pois os cursos se lhe abrem à frente, como necessidade inadiável. Entretanto, assim que estiver apto, será integrado ao grupo onde estão Criseide, Marcos, Marquinhos, os demais sobrinhos, Ângela, Nepomuceno, Josineida, Carlos, Adelaide e outros membros recentemente incorporados, dentre os quais há o vulto quieto de antiga enfermeira, a figura apagada de famosa cantora, o brilho resplendente de certo capitão e hoteleiro, a mansuetude benevolente de diversos integrantes do Centro Espírita do Amor Divino e do Apóstolo do Amor.

Em destaque, na parede, a relação dos amigos encarnados e desencarnados que merecerão do grupo atenção e carinho.

Em breve exortação, Virgílio acaba de convocar a presença dos membros da equipe para externar votos de felicidade pela luta que empreendem, fazendo juntar aos esforços de todos mais esta pequena contribuição, ambicioso intento de levar aos mortais a preocupação e a ajuda dos que conhecem a necessidade do procedimento em amor e pelo amor de Deus.

Fiquem todos na paz do Senhor!
Graças a Deus!